

Wilian Fernandes Pereira



# AS CHAVES DO ARMÁRIO

Wilian Fernandes Pereira  
**AS CHAVES DO ARMÁRIO**

Dicas úteis para curiosos,  
amigos e simpatizantes

## **Advertência ao Leitor**

Este livro aborda assuntos que são considerados tabus por várias sociedades, inclusive a nossa.

Não é recomendado para crianças nem pré-púberes, mas pode ser interessante para jovens, pais, adultos, tios, avós, professores, educadores e profissionais de saúde pública e assistência social.

## Epígrafes

**“All truth passes through three stages: First, it is ridiculed. Second, it is violently opposed. Third, it is accepted as being self-evident.”** – *Arthur Schopenhauer*

**“Toda verdade atravessa três estágios: primeiro, é ridicularizada. Segundo, sofre oposição violenta. Terceiro, é aceita como sendo auto-evidente.”** – *Arthur Schopenhauer*

**“It is no measure of health to be well adjusted to a profoundly sick society.”** – *Jiddu Krishnamurti*

**“Sometimes a scream is better than a thesis.”** – *Ralph Waldo Emerson*

**“O Gênero está em tudo; tudo tem os seus Princípios Masculino e Feminino; o Gênero se manifesta em todos os planos.”** – *O Caibalion*

**“O ser humano ganha mais deixando-se ver tal como é do que esforçando-se por parecer o que não é.”** – *François de La Rochefoucauld*

**“Você não precisa tentar se definir, apenas entender o seu momento.”** – *Camila Rosa*

**“Na verdade eu via, mas me escondia.”** – *Anônimo*

## **Agradecimentos**

Aos amigos e amigas que contribuíram de forma vital para este projeto, seja no encorajamento inicial, seja na leitura dos capítulos durante a redação. Sem seu estímulo e comentários preciosos, críticas e complementações, este livro não teria a mesma força.

A Renata e Heloísa, minhas irmãs. Diogo, Camila, Hugo, Rosa, Luís, Marcelinho, Raquel, Rubia, Edinho, Victor Allan, Beatriz, Drica, Aninha, Ângela, Gardênia, Magui, Chiquinho, Rodrigo Eduardo, Victor Tagore; Diego, Allan, Eduardo, Ariete, Rafael, Aldo, Augusto, Milena, Jaime, Motoko, Stephan, Clarisse, Júlia, Pedro, Ciça, Grazielle, Lúcio, Izabel, Malu, Robson, Gregório, Mariana, Suellem, Élber, Bel, Paulinho, Luan, Panda e Larisse: pela pronta recepção da ideia, além das risadas compartilhadas e colaborações incontáveis.

A Roberta Cerri – comadre, antropóloga e amiga de longa data – tendo comentado o manuscrito em detalhes e contribuído com conhecimentos de etnologia indígena e mitologia universal. Além da confiança e do histórico, valeu também a apreciação do ponto de vista feminino humanista. Ao amigo Arthur, sempre solidário às minhas loucuras, escritas ou não.

Agradeço ainda à Profa. Maria Augusta Alves Pimenta, orientadora educacional, psicopedagoga, e, imagine!, minha mãe. Leu cuidadosamente o material, mesmo em tempo corrido, e contribuiu com uma visão materna, feminina e acadêmica, o que tornou o texto mais completo na busca de embasamento teórico mínimo, adequação didática e aprofundamento de reflexões sobre famílias e identidades.

Sou também grato ao Caio Paixão, que ilustrou com excelência e sensibilidade este trabalho; e ao poeta Sérgio Luís Ayres Marinho, que me socorreu no latim, mesmo em terra estrangeira e criando filho pequeno.

Especialmente grato aos amigos Joana França, Carlos Henrique, Otto Phelippe e Lisieux Marie, pelo apoio total neste projeto (e tantas outras vezes). Sem eles, este livro não existiria, ou seria incompleto.

Agradeço especialmente ao professor Jorge Marcos Freitas, que

gentilmente e com muita sensibilidade escreveu o prefácio desta obra.

Por fim, agradeço de todo coração **às árvores**, pois sem elas a madeira (combustível e boa para construções) e o papel (suave e frágil, mas que permite erigir e demolir coisas fortíssimas) seriam praticamente impossíveis, o ar seria muito tóxico e tudo isso dificultaria enormemente nossas vidas.

## Dedicatória

A **todos os meus amigos homens** que, ao longo dos anos, direta ou indiretamente, me pediram ajuda, sem que eu os pudesse ajudar de verdade... A delicadeza da situação, mais a vergonha de cada um, a falta de tempo e o medo de alguém se apaixonar exigem máximo cuidado quando o assunto é amigo em crise de identidade ou de relacionamento.

Para três homens fundamentais: Divino Fernandes Pereira, José Alves Pimenta e José Francisco Pereira; meu pai e meus avôs. Para meus tios, primos e amigos.

Para as pessoas com quem eu aprendi parte do que aqui se registra, e para quem certamente ensinei coisas das quais nem faço ideia. **Homens e mulheres** que fizeram parte da minha vida, e que de certo modo sempre farão.

Hoje é dia de festa. Este livro é **dedicado a todos os homens, mulheres e híbridos**. Dedicado a quem dele possa extrair quaisquer benefícios.

Especialmente dedicado aos adolescentes e aos **solitários e confusos em geral**, perdidos ou não em inseguranças; abandonados ou extasiados em seus egos inflados.

Dedicado de todo coração aos milhões de internautas, que compartilham seu conhecimento em blogs, fóruns, resenhas e outros serviços, enriquecendo nossa experiência humana.

Aos milhares de **africanos e chineses miseráveis** (ou o que sobrar deles) que infelizmente [neste exato momento] estão sendo explorados em fábricas sub-humanas e na extração de minérios para a produção de nossos *tablets*, *gadgets* e outras “maravilhas” da Civilização.

Para Chico Science, Cazusa, Milton Nascimento, Fred Mercury, Cássia Eller, Gilberto Gil, Chico Buarque, Caetano Veloso, Zacarias, Raul Seixas; Laerte, Oscar Wilde, Tchaikovsky, Sócrates, David Bowie, Renato Russo, Ney Matogrosso, Tom Zé, Zumbi dos Palmares; Milk, Gabeira, Jean Wyllys, Erika Kokay, Marta Suplicy, Jorge Freitas, Luís Inácio Lula da

Silva, Dilma Rousseff, Freud e todos e quaisquer políticos, personalidades e pessoas comuns (#Anonymous) que **lutam pelo direito universal de expressão pessoal plena**, gerando consciência e “botando o bloco na rua” desde o alvorecer dos tempos!

## Prefácio

De repente, você se percebe atraído por uma pessoa do mesmo sexo e compreende que sua identidade de gênero é diferente de seu sexo biológico.

Para muitos, inicia-se uma luta interior, numa tentativa de anular estes sentimentos. Com o tempo, no entanto, eles voltam a se manifestar. Você tenta tirá-los da cabeça, mas eles continuam a se fazer sentir, até o momento em que não é mais possível resistir e você descobre a verdade sobre si mesmo, sobre seus sentimentos, sobre sua vida.

Mas o que isso significa para você? Quais as repercussões desta descoberta para o resto de sua vida? Como encarar os outros? E aqueles por quem se sentiu atraído, o que fazer?

Vemo-nos, então, diante de uma das decisões mais importantes na vida de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros, a hora de “sair do armário”, ou seja, de falar franca e abertamente sobre sua orientação sexual ou identidade de gênero. Ninguém pode chegar para você e dizer quando e como se deve fazer isso. Esta é uma jornada pessoal. E para muitas pessoas, um dos momentos mais difíceis em suas vidas.

E este livro é seu companheiro nesta jornada.

Qual o melhor momento? E o contexto ideal? Você vai “sair do armário” aos poucos ou de uma vez? Por onde começar? Com quem falar primeiro? Você realmente quer sair do armário?

Como o guia de uma viagem para dentro de si, este livro será útil na busca destas respostas.

Nele, o autor Wilian Fernandes Pereira convida-nos a invocar a vitória do semideus grego Teseu contra o Minotauro como “modelo para a nossa luta pessoal contra o preconceito, o medo, a hipocrisia e a ignorância”, para que possamos também ser vitoriosos frente aos tabus e aos preconceitos.

Infelizmente, “sair do armário” ainda é um risco para muitos membros da comunidade LGBTT, especialmente numa sociedade que se cala diante da violência e da intolerância e onde a discriminação, tantas vezes

travestida de falsa moralidade, intimida a livre manifestação do ser. Esta sociedade, predominantemente heterossexual e heteronormativa, ao longo da história sempre cultivou e enalteceu uma imagem positiva da heterossexualidade, desprovendo a comunidade LGBTTT do mesmo tratamento.

É verdade, houve avanços! Porém, ainda é mais fácil alguém aceitar uma pessoa LGBTTT no plano abstrato do que quando esta pessoa é um filho, uma filha, ou um melhor amigo. Isso afeta a nossa capacidade de lidar com a possibilidade de ser gay, lésbica, bissexual, travesti ou transgênero, ao ponto de não percebermos que um dos maiores obstáculos é o enfrentamento da própria insegurança e do medo de ser “diferente” diante dos grupos sociais com os quais somos identificados.

Mesmo assim, enfrentar este momento decisivo na vida, apesar dos riscos, é uma das coisas mais extraordinárias que se pode fazer, pois significa viver a vida verdadeiramente. A ninguém pode ser negado o direito de viver plenamente como um ser humano por causa de sua orientação sexual ou sua identidade de gênero.

E cada um que tomar as chaves do armário e decidir sobre sua vida, rompendo os tabus e os imperativos de uma sociedade ainda conservadora, com certeza contribuirá enormemente para toda a comunidade LGBTTT.

Há pessoas que nos amam e que serão potenciais aliadas na luta pela igualdade de direitos. Mas isso somente acontecerá se elas souberem o impacto da discriminação em nossas vidas. Conversar com os demais membros da família, amigos, vizinhos, colegas de trabalho pode ser menos traumático do que possamos imaginar. As reações deles podem ser bastante positivas e, neste caso, são grandes as chances de que aceitem e apoiem você.

Enfim, não pense que há um jeito certo ou jeito errado de “sair do armário”. Nem acredite que tudo vai dar errado ou que tudo vai dar certo. Muito menos que esta não seja uma tarefa para toda a vida. Por isso, ouse! Faça do seu jeito e no seu tempo! Seja você mesmo! Tire o peso de suas costas! Viva a vida que você quer viver! Confie em você mesmo! Esteja

pronto para qualquer reação, mas saiba que nem sempre a primeira reação é o que as pessoas realmente sentem! Dê tempo para os outros assimilarem as coisas!

E lembre-se: “sair do armário” é uma escolha e você não deve se sentir forçado a fazer isso se não se sentir preparado.

*Jorge Marcos Freitas é advogado, membro titular da Comissão Especial da Diversidade Sexual do Conselho Federal da OAB e Doutorando em Direito Constitucional pela Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires - UBA.*

## Apresentação

O objetivo deste livro não é “transformar todos os homens em gays”, nem “sacanear as mulheres” e, muito menos, “corromper os inocentes”, conforme muitos realmente temem que seja o caso quando tocamos no assunto *armário*.

Ao contrário, procuramos destacar sua importância, dada a enorme carência de informações de qualidade sobre nós, **homens**, e o universo masculino.

Fora as revistas de mulher pelada, a vasta pornografia disponível online, as revistas masculinas para senhores ricos e alguns fóruns de internet, a verdade é que não temos fácil acesso a conhecimentos precisos sobre o mundo dos garotos.

É também verdade que há cada vez mais publicações segmentadas ao público LGBT no Brasil, o que certamente representa um avanço, mas precisamos ir mais longe e aprofundar algumas reflexões.

Precisamos encontrar um meio de apreciar nossos aspectos mais construtivos ou mesmo sensíveis, e de conciliar nosso “lado feminino” com nossas outras partes.

A masculinidade, como nos é duramente imposta e exigida, geralmente se expressa pelo seu lado mais bruto, sombrio, destrutivo e, claro, erótico (tente imaginar o porquê)... Obviamente tal educação cumpre os ditames de uma sociedade tão violenta, massificadora e aniquilante, vazia e escandalosa quanto a nossa.

Acredito, mais do que simplesmente “quero acreditar”, que os sofrimentos enfrentados pelos homens durante a vida são essencialmente os mesmos: fome, sede, carência, incompreensão, complexos, perseguições (reais ou fantasiosas), doenças, dilemas, responsabilidades e muitos ritos de passagem.

Pois é, o homem é um bicho ritualista, ele curte cerimônias e celebrações. O próprio marketing reproduz rituais. Veremos a importância deste aspecto mais tarde, quando tratarmos das sutilezas que cercam o

momento e a “hora certa” para “limpar seu armário” (ou até sair dele, ou desmontá-lo), se você concluir que precisa ou que quer fazê-lo.

Por hora, basta saber que muitos desses ritos são considerados importantes pelas pessoas, e quem decidir bater de frente com uma **tradição** (hábito ou ritual) ou **instituição** (igreja, família, escola e outros) consagrada ou poderosa deve estar pronto para enfrentar reações “inexplicavelmente” violentas, que não só podem acontecer, como de fato são – até e infelizmente – bastante comuns.

Também foram analisados certos aspectos de relacionamentos que existem entre subdivisões da comunidade LGBT, com toda a diversidade e instabilidade a ela inerentes; e os conflitos que existem entre os fatos (aquilo que acontece) e: 1) a autoridade do moralismo proselitista, 2) a hipocrisia das igrejas deturpadas e 3) a ineficiência da família, da política e da sociedade para ajudar o homem em conflito de emoções, pensamentos e paradigmas.

Ninguém disse que vai ser fácil falar disso, mas você sabe que mesmo coisas difíceis podem ser feitas, uma vez que estejamos decididos e preparados para enfrentar os desafios, etapa por etapa.

Procurou-se, por gentileza, consultar uma bibliografia básica, além de compilar uma lista de filmes, bandas e outros itens de consumo cultural (valeu, amigos!) que possam facilitar a elucidação do tema, justificando esta proposta e dando exemplos sensíveis.

Pela variedade dos assuntos, não poderemos nos aprofundar em quase nada; e este **almanaque**, mais leve e solto, pode não ser um tratado ou um artigo científico, nem uma monografia acadêmica... mas talvez seja por isso mesmo capaz de nos ajudar a **relaxar** um pouco mais e **cultivar a mente** e o espírito, enquanto matamos nossa curiosidade sobre um tema assim tão “tenso”.

Há também os anexos, que apresentam um glossário das principais gírias da comunidade, assim como legislação específica sobre direitos LGBT. O objetivo, mais uma vez, é **facilitar o acesso** do leitor e da leitora a esta realidade que pode lhe ser ou bem familiar ou totalmente estranha; e

oferecer subsídios para uma **conscientização política** mais consistente.

Por fim, não vamos falar muito das mulheres. Afinal, este é um **livro para homens...** Mas é bem possível que sejam *elas* as mais interessadas no assunto (somos bichos curiosos, os humanos), ou que venham a ser a maioria dentre os leitores. Não só pessoas “entendidas” poderão descobrir detalhes sobre o intrincado “mundo dos gays”, como também o texto poderá ser útil para mães discutirem o tema com seus filhos e... maridos, avôs, amigos, sobrinhos, sobrinhas, e com quem mais acharem adequado.

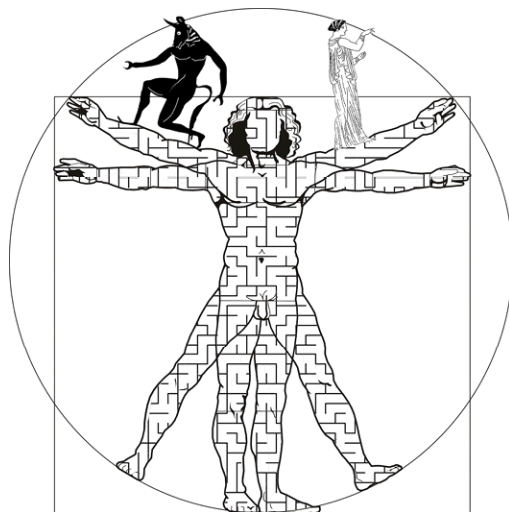
Esperamos que você consiga se divertir e aproveitar este livrinho irreverente, que pode até incomodar alguns mas que também foi feito com a **melhor das intenções** e muito zelo, para esclarecimento dos “simpatizantes” e de seus amigos, jamais para fins de “catequese” ou “conversão”.

O ser humano é incrivelmente inteligente, e só você saberá até onde este livro poderá lhe servir.

Agora se prepare, que eu vou lhe contar um caso, uma história magnífica, que certa vez ouvi um velho contar para o meu avô e que agora repasso, como fazíamos nos velhos tempos... e como faremos nos tempos que hão de vir, quando finalmente voltarmos a ser mais humanos e, de coração, sinceramente mais solidários, amigos e transparentes.

Afrouxem os cintos e deixem o piloto descansar um pouco! Aqui começa nossa história...

## Capítulo 1 - No princípio, era uma vez...



Há muito tempo, diz a lenda, houve um herói chamado **Teseu**. As origens de seu nascimento, como é o caso em quase toda a literatura dos mitos, são controversas e obscuras; mas, igualmente, linhas gerais e cruzamentos imprevistos colaboram para a composição de um ícone **cheio de significados, profundos e ricos**, útil para nossa reflexão e possíveis inferências. Algumas pessoas chamam isso de “arquetipo”, mas não necessariamente precisamos usar esta palavra.

Teseu era um **semideus** (na descendência de Poseidon), e foi aos 16 anos que levantou uma enorme pedra, resgatou a espada e calçou as sandálias que eram de seu pai, o rei Egeu. Dirigiu-se para Atenas, em segredo, por ordens de sua mãe, que havia sido assim instruída pelo pai do ator de uma longa e emocionante história, cujos pormenores o leitor terá prazer em pesquisar por si mesmo.

Resumindo, podemos dizer que venceu muitas batalhas e inimigos, mas talvez o caso mais famoso tenha sido o do **Minotauro** de Creta. Sendo ou não um filho monstruoso do rei Minos, a terrível besta híbrida era mantida dentro de um **labirinto**, e periodicamente eram-lhe oferecidos moças e rapazes, em sacrifício, para serem devorados.

Segundo os relatos, Teseu infiltrou-se na missão na terceira remessa. Tendo chegado à ilha, ganhou a simpatia, o amor e a indispensável ajuda de

**Ariadne**, filha do rei, que lhe ofereceu um novelo de lã para que não se perdesse ao sair do labirinto.

Ele matou o **monstro** com um só golpe, saiu do labirinto e provavelmente celebrou sua **vitória**. Depois, as fontes são contraditórias sobre os detalhes, mas certo é que ele abandonou Ariadne (ou ela morreu) e viajou até chegar a Atenas, onde se esqueceu de dar um sinal de vitória (e de vida!) no código combinado anteriormente com seu pai... Este desentendimento acabou por levar o rei Egeu ao desespero, tendo-se suicidado no mar que ainda hoje leva seu nome.

Teseu torna-se rei de Atenas (provavelmente entre 1234 e 1204 a.C., segundo o *Chronicon* de São Jerônimo), envolve-se em muitas aventuras, mas acaba por cansar-se da administração e da vida pública. Manda seus filhos para a Eubéia e muda-se para a ilha de Círos.

Enciumado e com medo, Licomedes, o rei de Círos, resolve matar Teseu, jogando-o contra um despenhadeiro. Mesmo depois de morto, seu “fantasma”<sup>1</sup> aparece para os persas, assustando-os, e ajuda os atenienses na batalha de Maratona, em 480 a.C. (Thanks, Wikipedia!)

---

1. “*Eidolon*” = alma sem corpo.

## Capítulo 2 - O que eu tenho a ver com isso?



Vamos pensar em Teseu como um símbolo do **herói** masculino, que reúne elementos que podem se referir com muita riqueza ao nosso contexto atual.

Será que precisamos mesmo de uma figura sobrenatural para abordar nosso armário interior? O que ganhamos arejando o armário, e quais os riscos envolvidos? Essa resposta é fácil: “arejar” geralmente significa expor ao ar, renovar, espairecer, refrescar. Tem muito a ver com “limpar”, no sentido de assear, colocar em ordem, tirar a poeira das coisas e dar-lhes destino adequado.

Durante uma limpeza (ou organização, como preferir), podemos encontrar tanto o que esperamos (coisas que estavam guardadas, que podem estar “sujas”, empoeiradas, velhas ou não) quanto coisas que não conhecemos (restos de várias coisas, insetos vivos e mortos, objetos que foram parar ali misteriosamente, etc.)

As vantagens que obtemos imediatamente depois de iniciar uma “faxina” dessa magnitude são muitas, apesar do preço alto que se cobra pela sinceridade nos dias de hoje.

Ademais, todo mundo sabe que sujeira parada vai se acumulando, dando hospedagem a pequenas ameaças, medos em potencial que vão crescendo e cobrindo tudo... até que de repente o “lixo” maltratado e renegado se volta contra o preguiçoso e o covarde, e aí...

Por que escolhemos um herói? Por que o trabalho que temos de fazer para “sair do armário” (ou para pelo menos começar a pensar no assunto) pode ser, em muitos casos, até bem mais difícil ou arriscado do que a ventura do “homem forte por excelência”, nosso semideus matador de monstros. É uma jornada heroica, que envolve os riscos e as recompensas de uma grande **aventura**.

Por que então justamente Teseu? Porque podemos comparar nossos **complexos subconscientes** e nossos medos a um **labirinto obscuro**, escondendo num lugar distante uma **criatura abominável e destruidora**, a qual, periodicamente, causa danos e humilhação ao alimentar-se de jovens, que podem ser entendidos como a energia de renovação de um povo, ou de uma pessoa (ou do monstro).

Além de **determinação, oportunidade e coragem**, ele precisará de engenho e de ajuda exterior (o novelo de lã oferecido por Ariadne).

Da mesma forma, para encararmos o desafio da autoanálise, para exorcizarmos os **monstros (psicológicos, emocionais e sociais)** e sairmos ilesos do processo, vamos precisar de um **fião condutor**, um recurso que nos auxilie a percorrer o caminho tortuoso e executar estas tarefas com sucesso.

Este livro procurará ajudar-lhe a vivenciar sua jornada pessoal de “cura” e “resgate”, ou pelo menos a encontrar “sua turma”, ou pelo menos lhe **dizer claramente**:

1. Você não é um ET.
2. Você não é a primeira nem a última pessoa a pensar sobre gênero, questionar a própria sexualidade ou ter de responder a perguntas que lhe são feitas, mas as quais lhe incomodam a ponto de você não saber o que fazer ou dizer.
3. Suas dúvidas não vão desaparecer como num passe de mágica, porque isso não existe. Informe-se, reconheça-se, ame-se e procure ajuda SEMPRE que precisar. Você, meu caro amigo, NÃO está sozinho. Nem precisa se matar. Nem deve ser vítima de violência.

Tentamos oferecer um mínimo de suporte a partir do qual você pode ajudar a si mesmo ou a outras pessoas em alguns dos momentos críticos do delicado (e combatido) processo de autoconhecimento e, sobretudo, de compreensão de si mesmo no quesito sexualidade e outros “assuntos desagradáveis”.

A magnitude dos **fenômenos sociais observáveis** atualmente não nos deixa ignorar o fato de que, cada vez mais, homens e mulheres estão se questionando acerca da delimitação dos ditos “papéis sexuais”, intrigados e “**bi-curiosos**” para saber, pelo menos de leve, o que é que tanto se fala (e quanto se cala) a respeito da galera *mix*, e por que sentimos **atração e estranhamento** frente às manifestações da diversidade de gênero.

Esse esforço de compreensão poderá revelar-se útil mesmo para pessoas que são **extremistas**, ou estão em **situações limítrofes**, cercadas de conflitos por todas as partes.

Há, no Brasil de hoje, uma espécie de guerra semideclarada entre gays e evangélicos, e basta ligar a TV e comprovar que posições tais como as de Edir Macedo e as do Sr. Bolsonaro não são exceções isoladas, nem tampouco é mera coincidência o número de deputados e senadores eleitos pelas igrejas ditas protestantes (protestando até contra o protestantismo, mas a favor dos “ruralistas-gafanhotos”?)

Há quem diga que a questão, a própria guerra, tem cara de coisa séria, mas é necessariamente falsa, pois: a) existem muitos evangélicos que são gays, e vice-versa; b) religião e orientação sexual são duas categorias distintas, esferas não-interdependentes e que não se relacionam para fins de exclusão mútua; c) todo posicionamento pessoal tem um componente político, e isso não pode ser ignorado.

Entretanto, o medo generalizado – especialmente o **medo da crise de identidade** que é marca inseparável de nossos tempos pós-modernos – leva muitos irmãos (somos todos seres humanos) a posicionamentos radicais. Mobilizando multidões, lotando ônibus, igrejas e auditórios com pessoas de mentes profundamente receptivas – infelizmente levadas a pensamentos e atitudes de preconceito, exclusão e controle, além de variados tipos de

violência—, comovem multidões, compram canais de TV e transmitem em várias estações de rádio (sempre com o sinal fortíssimo e em vários idiomas!)

Infelizmente, no maior país católico do mundo, e também no mais eclético e miscigenado, há “cristãos” que, esquecidos da **Inquisição** e da fundação do protestantismo, acreditam e pregam que “excesso de tolerância é uma coisa muito perigosa” e que “o Brasil precisa dar o exemplo”. Isso, meu caro amigo, é um posicionamento até justificável, mas **extremamente perigoso**. Extremamente.

Portanto, se você [pelo menos diz que] acredita em Deus, lembre-se: foi Deus quem fez o céu, os mares, os bichos, toda a humanidade, a Terra, a Natureza... e Deus é também a diversidade de Sua própria criação. Se é perfeito, como poderia ter fabricado monstros?

Verdade deve ser que “*o Senhor está em todos nós*”, e pode também não ser verdade que ele prefira quem faça isso, isto ou aquilo, conforme as normas desta ou daquela instituição ou estrutura, seja igreja, escola, quartel, oficina, reformatório ou quaisquer das outras ferramentas de vigilância, controle, dominação e exercício fetichista e utilitarista do poder, no emprego do ser humano e de seu corpo para encaixá-lo em seu Sistema.

A **sociologia** e a **psicanálise** procuram explicar questões assim, aparentemente tão complexas, e há quem acredite em seus sucessos ou aponte limitações. Atualmente, a loucura pulverizada é tanta que grupos neonazistas ameaçam matar estudantes de sociologia, acusando-os de inúteis, sendo que os sociólogos sempre foram tão úteis até mesmo para Hitler, que mandou expedições para os quatro cantos do mundo em busca de civilizações e tecnologias avançadas.

De toda forma, parece haver certo consenso de que nem sempre o que chamamos de “normal” é sinônimo de “saudável”, já pensou?

O que também não significa que você precise ser “anormal”, ou “maluco”, ou “diferente”. Nem significa que você não possa ser o que bem quiser, a despeito dos nomes (estigmas para fins de controle) que a sociedade (com seus fantasmas inconscientes) emprega para *isolar* quem

lhes inspira medo e insegurança.

Afinal, **quem inventou** o que dizem ser “o normal”?

Todos os livros, profanos ou sagrados, assim como todos os autores, são essencialmente fontes de autoridade e, portanto, de **conflito**. Estamos sempre querendo forçar um ajustamento da realidade daquilo que somos a certo ideal que elegemos ou que nos é imposto, e isso é uma forma de **violência**. Essencialmente, este livro sofre do mesmo mal.

Alguns homens sábios, perdidos no passado remoto, afirmam desde sempre que a *experiência* e o crivo pessoal são as únicas autoridades possíveis e existentes, os únicos **critérios** de verdade; que a última palavra não pode ser a da tradição, a do guru ou do texto sagrado: mas que muito importa a observação do sujeito, do indivíduo, da pessoa, e no final, o que importa é sua **experiência**, fonte de toda e qualquer verdade possível.

A fim de nos tornarmos fortes, de vivermos mais e melhor, precisamos de união e entendimento, compaixão, solidariedade entre os homens. Não é hora de nos dividirmos entre homens crentes e gays, por exemplo, ou entre héteros e homos, orientais e ocidentais, velhos e novos, etc.

Além de artificial e hipócrita, a fragmentação (ou excesso de dicotomias), especialmente neste nosso caso, é uma ação que nos enfraquece enquanto grupo que – parece bastante claro – **precisa de ajuda**.

Muitas vezes não encontramos ajuda simplesmente porque não conseguimos pedi-la. Ou vagamos – defensivos, superficiais e nervosos – enquanto não encontramos um lugar e um alguém que nos facilitem um sentimento de segurança, oferecendo as **condições mínimas** para que possamos ser totalmente sinceros.

Já pensou se, depois da faxina, não sobrar mais nada para guardar? Então poderemos até pensar em desmontar o armário, investindo sua energia em novas realizações.

## Capítulo 3 - Pra que serve este livro?



Não podemos nos desenvolver de modo minimamente ordenado sem traçar um objetivo, ou delinear os benefícios que esperamos como recompensa de um esforço, de um trabalho bem feito.

Para trabalharmos juntos em direção à nossa meta, ou seja, a fim de arrumar (ou pelo menos arejar um pouco, ou reconhecer que existe) o seu interioríssimo armário bagunçado, você será incentivado a:

1. Identificar componentes de sua própria sexualidade e psicologia, seu estilo de vida, círculo de amigos e parentes, e verificar se há conflito interior ou exterior, de que tipos, e a descobrir, para sua felicidade ou dor maior, se você está, realmente, “bem-resolvido” (sem culpa, ódio ou homofobia introjetada, por exemplo).
2. Esclarecer algumas dúvidas comuns a muitas pessoas no que diz respeito a sexo, saúde e masculinidades.
3. Conversar informalmente com seus amigos, para que sejam estimulados a trocar conhecimentos e apoio entre si, substituindo o “machão infalível” pelo “homem buscador”.
4. Tratar alguns temas que nossa sociedade classifica como tabus,

pois nosso silêncio “de brincadeira” custa na realidade muito sofrimento, causa danos e propaga doenças a milhões de homens no mundo todo, todos os dias, anonimamente. Mesmo que você não se identifique com o assunto “sair ou não do armário”, pode ainda se beneficiar deste livro e auxiliar outros homens ao vencer, se não o seu próprio preconceito, pelo menos o medo da diferença, ou pior, o medo de si mesmo.

5. Gerar mais discussão sobre os nossos problemas masculinos em geral, além de chamar a atenção para a necessidade de proteção das frágeis instituições homo-afetivas ou hetero-variantes, pois é um direito humano fundamental o de que tenhamos acesso a condições favoráveis para nosso maior desenvolvimento possível. Ademais, a evolução de uma pessoa não pode estar sujeita, condicionada ou patologicamente subordinada a tabus ridículos e senis, códigos de outrora que, por sua aplicação literal e anacrônica, causam dor e sangue a partir e em nome de coisas ditas “sagradas” (mal aplicadas, mal interpretadas, deliberadamente criptografadas ou deturpadas?), instituições falidas, pessoas medrosas e donos-do-mundo. Para sobreviver, nós, os machos humanos, precisamos nos unir. Superar os conceitos de “viadagem”, a homofobia e o medo de se olhar no espelho e ver um homem lindo, que é você! Perder o medo de se apaixonar por este homem e dele cuidar com muito amor, carinho, consideração e respeito!!! **Você merece** (e paga impostos)!

## Capítulo 4 - Você é [também] um animal



Todos sabemos que nossa **sexualidade** é assunto complexo e delicado, cercado de **tabus** e **proibições**, com muitos detalhes obscuros e assentado em terrenos instáveis, que são nossas emoções e pensamentos, além dos medos coletivos e dos monstros do folclore popular, religioso ou/ideológico.

A sexualidade é composta por diversos aspectos: fisiológicos, psicológicos, sociais, políticos e culturais, dentre outros. Realmente, a maioria de nós acha (pelo menos um pouco) difícil falar sobre este assunto sem experimentar um misto de vergonha, excitação e até culpa; quando não, talvez puro medo ou pavor...

Desde o mundo antigo, a maioria dos grupos humanos demarcou papéis sociais que se relacionavam a cada um dos gêneros (masculino, feminino ou “terceiro gênero”, conforme denominado por certas culturas).

Como em muitas espécies do **reino animal**, machos e fêmeas da espécie humana executam papéis diferentes, dividem tarefas ou se especializam.

Nós também criamos um **senso de identidade** que é importante para a formação dos grupos sociais. Por isso é importante sabermos, pelo menos “de leve”, quem somos e o que queremos da vida, de nós mesmos, do mundo e dos outros.

Como dizíamos, o campo de **estudos de gênero** é muito vasto para

tratarmos detalhadamente sobre qualquer ponto, portanto vamos apenas mencionar este tema para estudos posteriores (de quem se interesse), e nos concentraremos no homem, ou no “animal macho da espécie humana”, mais precisamente.

É claro que não somos “animais” apenas, mas também não podemos apontar um **humano**, como hoje nos entendemos e nos definimos, que viva “fora” de seu corpo físico, seu “**suporte**” **animal**. Há quem diga que isso seja dualismo filosófico, e até quem afirme que *ele é o animal* e que tudo mais emana deste composto de **carne** em transição. Não somos da mesma opinião, mas isso pouco vem ao caso, nem faz qualquer diferença. O *monismo idealista*<sup>2</sup> concilia também esta teoria, sendo portanto tecnologicamente superior. Fica a dica, para quem se atente; ela ainda resolve qualquer “taradice” por metafísica de um leitor mais filosoficamente condicionado, sem estragar o texto nem “encher o saco” do homem comum, que já se cansou deste parágrafo, com toda razão.

Além disso, nascemos de fêmeas e machos (óvulos e espermatozoides), e negar a naturalidade de tais fatos é sintoma de loucura, síndrome infelizmente muito comum nos dias de hoje e, pior, em escalas coletivas.

A estupidez e o medo agressivo parecem se propagar em velocidade exponencial, enquanto que a **destruição dos preconceitos e estigmas** segue de vitória em vitória, sempre com muito esforço da parte de quem deveria na verdade ser amparado pelas fortes mãos de... quem mesmo?

Por conta de séculos de doutrinação e de repressão, e mesmo através dos grandes esforços da psicanálise e das ciências para a compreensão da mente e da sexualidade humanas, *aceitamos que, hoje, os homens estão “travados”, engessados em estruturas muitas vezes massacrantes.*

Já pensou o quanto é difícil ser pai? E se você **não** tiver tido pai, ou se seu pai **não** foi um “bom pai”, como se diz? Freud explica? Então porque não ensinam isso nas escolas e ajudam os meninos, tal qual explicam menstruação para as garotas?

Porque menstruação significa “cuidado, você já pode ser mãe”; enquanto ereção significa “pronto, agora vai e mostra pra todo mundo o

quanto você é destruidor!”

No mundo animal, o filhote tem muitas vezes um cuidado inicial básico, mas sua natureza se revela prontamente segundo o instinto, e ele aparentemente não carece de modelos maternos ou paternos.

Já o ser humano precisa de algumas referências. Não precisamos obrigatoriamente de pais e mães, mas com certeza necessitamos de cuidados maternos e paternos. Parece ser tudo igual, mas são coisas bem diferentes.

Digamos, mesmo simplificada, que há **abundância de modelos femininos** para as *garotas que se tornam mulheres*: mães, avós, revistas especializadas, atrizes, cosméticos, paradoxos e tudo o mais que constitui o mundo delas.

Para *garotos que se tornam homens*, é fácil perceber que há **carência de papéis, de referências**. Apesar de que existam pais equilibrados e presentes na vida de seus filhos, exercendo **papel formador** e amigo; a realidade da maioria de nós é bem distante deste sonho: pais ausentes ou problemáticos, condições precárias de vida, exposição ao mundo do crime, indução a uma maturidade precoce e diversos outros acontecimentos derivados desse **relativo abandono do homem à própria sorte**; fenômenos atestáveis por qualquer pessoa.

Os papéis do cinema e os que nos são impostos pela mídia e por nossos “homens respeitáveis” apenas reforçam o **estereótipo do macho firme e forte**, o pilar da sociedade, o ideal endeusado de um humano que representa um papel sofrível, anti-herói e suicida, todo ao contrário!

Quando teremos tempo ou coragem pra sermos nós mesmos, se não temos autoconfiança nem amor próprio, se não houve ninguém que nos oferecesse opções de papéis ou referências masculinas saudáveis, sustentáveis?

Assim é que passamos grande parte de nossas vidas: **acuados e medrosos**. Afinal, quem vai peitar “a galera” sozinho, pra depois ficar sendo chamado de “boiola”, “qualira” ou “fruta” o resto da vida, pela

cidade toda?

Qualquer que tenha sido o plano para reprimir e controlar os “machos”, ele deu certo! (Joga [mais] pedra na Geni?) Estão, em sua maioria, apenas **imitando** uns aos outros, e **competindo** em pequenas coisas, como marcas de roupa, tamanhos de carro ou centímetros a mais no seu valoroso órgão íntimo... bíceps, loiras, baladas e lanchas... enfim... o mundo sempre foi “o mesmo”, só mudou o *hardware*.

O *software* é o que mal podemos ver: nascemos dentro dele, como um peixe não enxerga que está no mar, apenas sente (igual no filme Matrix). O velho programa precisa ser atualizado, e isso não é “*jailbreak*” nem “*hacking*” e sim questão de **segurança e saúde pública**.

Os dados sobre a saúde do homem revelam que nós **vivemos menos** tempo que as mulheres; somos menos abertos aos sentimentos e aos pequenos prazeres da vida; e morremos de causas mais violentas do que elas.

O machão tradicional [brasileiro, mas não apenas] também, por tradição, pouco se cuida e se arruma, porque a cultura disseminada é a de que andar “bonitinho demais” é “frescura” e coisa de “frutinha”, de viadinho.

Pensa errado quem acha que eles não “pegam” ninguém. Como diz o povo, “cada pé aleijado encontra o seu chinelo torto”, existem homens e mulheres que são simplesmente vidrados no estilo “brucutu”, “tosco”, “peão de obra”, personagens de Nelson Rodrigues e fantasias do mundo-cão. Ainda bem, né?

Uma cultura leva muitos milhares de anos para se instaurar... ou pode, levada por fatores mais fortes do que sua tendência ao conservadorismo, ser forçada a mudar subitamente, ou seja, “atualizar-se” (mesmo quando a “atualidade” não é nenhuma novidade no mundo, apenas talvez naquele sistema). Obviamente isso gera um mal-estar, não só aquele que é inerente à Civilização, conforme filosofado por Freud, mas uma vertigem de transição entre modelos ou a anedótica “crise de paradigmas” da qual tanto se fala, e ainda é pouco.

**Não é impossível uma revolução na sociedade** e no pensamento, mas, para que ela aconteça, precisamos estar abertos e prontos para “morrer” para quaisquer valores antigos que porventura tenham se tornado **absurdos**, ou que já não sirvam para ajudar as **pessoas reais** que estejam vivendo no mundo real, no dia-a-dia, sob diversos costumes, contextos, leis e tantos outros fatores humanos que compõem esta **longa mas breve, difícil lida** que é a vida.

Sendo humanos, portanto apenas (mas não somente) certo grupo de animais mamíferos, nós vivemos em sociedades que se propõem “civilizadas”, mas que impõem a des-animalização [violenta] do homem, usando para isso ferramentas nem sempre humanitárias, construtivas ou minimamente ecológicas.

Como animais políticos, tivemos de ser mais ou menos domesticados. Contudo, isso não significa que devemos aceitar qualquer processo de desumanização, suportar várias atrocidades ou acatar regras abusivas e esdrúxulas.

Podemos obedecer algumas regras? Podemos sim! Aliás, na maioria das vezes as opções de livre ação são bastante limitadas, não temos muita escolha senão obedecer... Porém devemos manter os olhos sempre bem abertos! Governar é uma coisa difícil, e o poder quase sempre corrompe quem o gerencia.

Como vamos fazer para que todos vivam pacificamente na sociedade, sem destruição recíproca e relativamente em paz?

Nossa História é feita de escolhas. O que escolhemos ser e fazer? O que podemos fazer? E quais são nossos deveres?

Afinal, somos [também] animais, mas [não somente] animais racionais. O ser humano é dotado de faculdades superiores, em quesitos emocionais, mentais e espirituais. Isso não é religião, pelo contrário: a própria ciência reconhece que não se basta [a si mesma] para explicar o mundo.

Agora, ó animal-leitor, vamos continuar o passeio pelo jardim sinistro que é nosso cenário, uma simbólica ilha remota e temida por todos.

Chegamos ao Portal do Labirinto, aquele que mostra o formato e o limite do começo do desafio.

---

2. Posição filosófica que considera a primazia da consciência sobre a matéria. As obras do Dr. Amit Goswami podem ser consultadas para maior exposição dos princípios (e petições de princípio) desta filosofia.

## Capítulo 5 - Regras de Comportamento



Para vivermos em sociedade, tivemos de inventar (ou descobrir?) um jeito de nos organizarmos para fins diversos: divisão de mantimentos, execução de tarefas várias, sobrevivência do grupo, segurança e problemas afins.

Dentre as peijas enfrentadas pelos humanos, sempre houve algumas mais imperativas: fome, sede, sono, necessidade de ação em grupo (caçar, cozinhar), lazer e, claro, necessidades fisiológicas que incluem o excremento, o banho e o orgasmo (seguido ou não de gozo ou ejaculação, nos machos).

Na ausência de leis, **imaginam os filósofos** que, num suposto “estado de natureza”, os problemas necessariamente deviam ser resolvidos na base da força bruta, da oportunidade e da inexistência de qualquer tipo de justiça. **Não podemos saber se isso é verdade**, mas parece lógico, uma hipótese razoável se aceitarmos o modelo evolutivo atualmente em voga na ciência, que é basicamente linear e tem forte embasamento em Charles Darwin. Entretanto, pesquisas modernas como as do biólogo Rupert Sheldrake (sobre campos morfogenéticos, telepatia e ressonância mórfica) e as do físico Amit Goswami sobre cosmologia quântica, reencarnação do ponto de vista da Física Moderna e o *monismo idealista* – ou primado da consciência sobre a matéria – e a unidade holográfica da criação jogam nova luz sobre o tema; ao mesmo tempo em que aumentam nosso “incômodo”, naturalmente,

ao revelar nossa ignorância.

A **força bruta** é importante num modelo linear, mas pode não ser importante num modelo quântico.

Você está incomodado com as transições entre modelos de pensamento? Nada de errado com isso! A *crise do paradigma*, tal como exposta pelo filósofo Thomas Kuhn, é hoje um conceito popularizado, familiar a muitos de nós.

Estamos, como sempre, numa época de profundas transformações e transições, permeada de revoluções e pequenas reformas. E essas **mudanças dos conceitos e posicionamentos pessoais** vão bem além da esfera das ciências!

De todo modo, foi somente aos poucos que elementos e conceitos mais sutis (como: direitos, deveres, limites, justiça, ética, moralidade e religião, dentre outros) foram incorporados à nossa psique, ao nosso modo de viver.

No mundo antigo, os **deveres eram explicitados** e divulgados sob a forma de leis: **regras fixas e públicas** para conhecimento de todos, a fim de que se pudesse cobrar seu cumprimento e para garantir que não houvesse desconhecimento da regra (ditada ou adotada), que passava então a entrar em vigor desde o momento de sua publicação ou pronunciamento (conforme o grau e o modelo da ditadura ou governo).

Por outro lado, os ensinamentos sobre *valores humanos* também precisavam ser divulgados, mas não poderiam ser simplesmente obrigatórios nem impostos, pois as pessoas são diferentes e, no máximo, com justiça, podemos sugerir-lhes uma mudança de perspectiva, jamais forçar uma “conversão” a outro sistema.

Como comunicar coisas sutis?

Foi assim que conhecemos, inventamos, adotamos e transmitimos os **MITOS**, as **alegorias** e **metáforas**: para comunicar verdades profundas, humanas e cósmicas, a partir de imagens complexas e valores multifacetados, enquanto acompanhamos as sagas de *deuses* e *heróis* e ficamos perplexos com seus feitos e qualidades admiráveis, sobre-humanos,

inspirando-nos a buscar “evoluir” (um conceito complexo).

Obras antigas como o Gilgamesh, a Ilíada e a Odisseia nos dão relatos de casos e contos impressionantes, estimulando nossa admiração pela coragem e pela virilidade essenciais, talvez na esperança ou intenção de que imitemos as admiráveis ações, os sentimentos e conquistas das personagens nobres, divinas, heroicas.

Tratados como o Bhagavad-Gita (Índia) e o Hagakure (Japão) são ainda mais detalhados na abordagem pedagógica de temas relativos à masculinidade, à nobreza de caráter, à espiritualidade, à virilidade e à excelência a que podemos chegar. Para isso, dizem que precisamos trabalhar fervorosamente, atingindo, idealmente, a libertação, a iluminação ou a integridade total, entre outros ensinamentos.

Todo e qualquer **código de conduta** — seja ele uma lei, uma parábola, um épico, uma regra implícita ou tácita, um costume ou norma — visa, necessariamente, ao *controle*, de algum tipo, em maior ou menor extensão, com ou sem “razão”.

O **controle** pode se dar pela força (maioria numérica, maior poderio de destruição, maior influência política) ou por meios mais eficientes (educação “programada”, introjeção de certos valores degenerados, manipulação de rótulos e estigmas, benzodiazepínicos, etc.)

Estudos recentes dos filósofos Pierre Weil, Roberto Crema e Jean-Yves Leloup<sup>3</sup> revelam dados estarrecedores: a imensa maioria dos seres humanos sofre, em maior ou menor grau, de uma terrível doença, que recebeu o nome de “normose, a patologia da normalidade”.

A **normose** é o resultado de nosso esforço para nos adequarmos [totalmente?!] às regras ditadas por nossas sociedades, pelos grupos dos quais participamos, nossa família... mas a **doença** se instala e se torna crônica quando *o que mais queremos* é ser “normais”, seja lá o que isso signifique para cada “panelinha” de validação da qual sejamos emocionalmente dependentes.

De acordo com os autores, “normal” vem de “norma”, ou seja, uma

**regra que alguém fez** e que todos adotaram (por bem ou por mal). Claro que a regra foi apenas a estabilização (confirmação) de algo que deveria ter sido até então apenas um costume. Agora vamos repetir, só que ao contrário:

Então o costume dos mais fortes foi imposto (por força ou outra negociação), tornou-se depois uma regra, que virou uma norma... facilmente para ser convertido posteriormente no que decidimos chamar de “leis” e “Direito”...? Pois é. Meio óbvio, mas é sempre bom repetir.

Dá para perceber que nunca poderemos ser nós mesmos, nem sermos realmente livres, nem felizes (esse conceito complexo); enquanto estivermos presos a **medos** do tipo “isso não é coisa de gente normal”, “todo mundo vai achar que eu fiquei doido”, “as pessoas importantes e respeitáveis da sociedade não vão mais querer ser minhas amigas”, ou ainda “eu só quero ser normal, nada mais, nada menos”.

Tudo isso é sintoma de doença, e o aspecto mais terrível da normose é triplo: 1) ela é quase invisível, porque nos atinge a todos, em diferentes medidas e épocas; 2) a normose muda de objeto o tempo todo, ocupando seu alvo inteiro ou em partes, englobando e “pasteurizando” vários ou poucos aspectos da nossa vida (podemos ser total ou parcialmente normóticos); 3) ela vai e volta (não há estabilidade, e a ameaça de nova “contaminação” é constante).

Segundo Weil e seus colegas, “*a normose pode ser definida como o conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar e de agir que são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade, e que provocam sofrimento, doença e morte. Em outras palavras, é algo patogênico e letal, executado sem que os seus autores e atores tenham consciência de sua natureza patológica.*”<sup>4</sup>

Parece então que sempre seremos um pouco normóticos, pelo menos um pouquinho. Isso é absolutamente normal... Mas é como gordura no corpo: um pouquinho de normose em equilíbrio faz bem pra saúde (pra nossa sociabilidade inclusive) e é essencial à sobrevivência; mas quem quer que viva com o pensamento “eu já estou gordo e pronto, desisto”, apesar de

claramente autodestrutivo, é ainda mais saudável do que aquele que pensa “eu sou normal, faço tudo normal, meus amigos e ambientes são bem normais, e acho que todo mundo que seja diferente de mim é ‘doidão’ ou anormal”.

As **regras de comportamento** existem a fim de tentar **estabilizar** ao máximo as sociedades humanas. Costumes são coisas humanas, e variam conforme as culturas.

Regras foram feitas e precisam ser cumpridas, mas nem por isso é necessariamente “pecado” questionar os ditames e os valores de nossa própria cultura.

Deuses e heróis (e monstros!), se existem ou não, servem de qualquer jeito para nos inspirar e conduzir enquanto vivemos, na falta de melhor recurso (o ser humano nasce sem manual de instrução, não é?)

Uma das funções do herói é romper limites, é desafiar o conhecido e lançar-se numa busca, seja para defender alguém ou algum nobre valor, ou para resgatar um tesouro precioso, guardado por algum monstro terrível, além de perigos de arrepiar!

Mas não estamos no mundo da literatura, nem nas películas de tempos perfeitos. **O mundo é real** e está condicionado em níveis de brutalidade, indiferença e sub-humanidades que não precisamos narrar (basta querer ver, ou ligar a TV). Vale o conselho do maior filósofo popular brasileiro, Raul Seixas, quando diz que “eu não sou besta pra tirar onda de herói... pode ser que eu seja eleito... e alguém pode querer me assassinar... crucificar... prender... e quem quiser que fique aqui, que entrar pra História é com vocês!”

**Cuidado na hora de aparecer. E cuidado para não se esconder pra sempre e nem de todos.** Gentileza gera gentileza, respeito é bom e todo mundo gosta.

Porém, condicionamento físico e reflexos rápidos, audácia e força também podem fazer uma boa diferença na hora de “**lutar, congelar ou fugir**” neste mundo tantas vezes frio e cruel (na Selva de Pedra, no campo

ou na aldeia)... Lembre-se: quando não há lei, você é apenas um animal, sujeito às loucuras e aos ciclos caprichosos dos mais “fortes”.

Por isso mesmo, as regras de comportamento de uma sociedade dizem muito sobre ela. Não só as que são cumpridas, mas principalmente as que não são...

E **lutar (mais que sonhar)** por uma sociedade mais inclusiva, amorosa e verdadeiramente democrática é **DEVER** de todos nós.

---

3. *Normose, a patologia da normalidade*. Campinas: Verus, 2003.

4. WEIL; CREMA; LELOUP. *Normose*, p. 22.

## Capítulo 6 - Como nos tornamos miseráveis?



A gênese completa das ferramentas de controle de uns grupos humanos sobre outros e dos mecanismos para subjugar os nossos semelhantes é certamente impossível de ser descrita. Primeiro porque **nós competimos** desde a pré-História. Segundo, a **busca pelo controle** da situação é uma das principais preocupações humanas.

Há quem aponte que, na antiguidade muito remota, os sistemas de governo eram todos matriarcais, e que, ao longo dos milênios, nos tornamos machistas e subjugamos a mulher.

Provavelmente não é assim tão simples. Vamos partir do tempo presente, relatando fatos observáveis, para fundamentar a defesa.

Todo mundo sabe que “homem não chora” e que “demonstrar fraqueza” é “coisa de mulher”, agora o que ninguém sabe direito é: **de onde** tiraram isso? **Quem** inventou essa conversa? **Como** é que, até hoje, repetimos frases assim para nossas crianças? É a pura falta de não ter ou saber o que falar? Ou é algo mais sinistro?

Este, porém, não é o único **silêncio** desta história. Todos os dias, um grande número de homens, meninos, garotos, velhos, senhores passam por situações extremas, desumanas... E, homens (“machos”) que são (com as qualidades biológicas de força muscular do macho animal e seus eventuais recursos psicológicos) “peitam” as situações e “saem do outro lado”, só Deus sabe a que custo físico, emocional, mental, social, espiritual ou financeiro.

Muitos têm família, muitos são solteiros, certo é que vez ou outra alguém fatalmente vai sentir **solidão**, cansaço... e vai pensar na vida... “Puxa, como seria bom se eu pudesse me abrir com os meus amigos...”

Se dissermos que os homens são as principais vítimas do machismo; e que são eles mesmos que repetem as limitações, dogmas, piadas e estereótipos que os aprisionam; é certo então dizer que “os homens inventaram o machismo para mandar no mundo”?

Ou será realmente justo alguém dizer que “as mulheres é que ensinam valores machistas, reproduzindo em família um sistema que a elege como **sexo frágil** e a coloca em posição estratégica de educar os propagadores do machismo, os homens, além de influenciar as decisões do marido, regular a economia sexual e ser eleita a ‘rainha do lar’, coroada de presentes, dengos e joias”?<sup>2</sup>

Nem um nem outro. Talvez um pouco dos dois, com tantos outros ingredientes... Não vamos combater estereótipos criando outros tantos. Deixe estar, piadas também têm sua relevância pedagógica.

Cada um pode agora pesquisar as várias teorias sobre o surgimento da vida na Terra, ou da antropogênese, da sociologia, da geopolítica, do que bem preferir saber. Não é a Era da Informação? Então, vá à luta!

O que nos interessa, particularmente, é um conceito da disciplina de **estudos de gênero**, que se chama “masculinidade hegemônica”:

**Masculinidade hegemônica** é uma abstração, um ideal operante, forte e imponente, quase inescapável. Este ideal de comportamento masculino é encorajado, fabricado e promovido pelo “*mainstream*” (classes dominantes, que ditam as regras e inventam várias aberrações manipulatórias). O que eles querem, nos convencendo de que temos de ser o que qualificaram de “**macho alfa**”? Obviamente, caro irmão, querem garantir a posição dominante que ocupam, massacrando, roubando e acumulando riquezas em detrimento da verdade, da vida e da felicidade humanas.

Exemplo: tá se achando feio? Compre um kit de qualquer coisa pra ficar “mais bonito”, “do jeito certo” ou “como o povo gosta mais”... Com o

tempo, quem sabe você não se torne “o homem dos seus sonhos”? Mas você não está se achando feio? Acha que não precisa comprar nada, nem ganhar músculos ou apoleirar loiras peitudas em sua camionete F-250? Assim não dá: você parou de ver televisão? Ou você agora é um homem “doce” e “sensível”, hum...?!

Brincadeiras à parte... Quer dizer que eu não preciso ser “o machão”, “o foda”, “o melhor de todos”, o “nego duro”, “o cara”, “o exterminador”, “o pit bull” nem o “chefe da gangue”?

Não. Aliás, nem deveria tentar. Primeiro, porque você deve sempre começar tentando ser você mesmo, e isso significa procurar conhecer-se melhor. Não adianta querer ser um negão dos olhos verdes, se você nasceu branco, pequeno e de olhos castanhos. Nem adianta prender o choro a vida toda para “provar pra todo mundo” que você é macho e depois se estourar todo em paradas cardíacas, derrames cerebrais ou acidentes trágicos. Aceite-se! Viva dentro de sua pele. Seja você mesmo, meu amigo! (Falar é fácil, né?)

Outra confusão comum: se você é homem, é macho de qualquer jeito, biologicamente falando. É comum a gente ouvir dizer: “— Nossa, eu fui num bar, tava lotado de gay, não tinha nenhum homem!” Como assim?

Precisamos distinguir **gênero**, **identidade de gênero** e **papéis de gênero**. Parece difícil, mas é muito fácil de entender a diferença, porque é lógico.

**Homem** e **mulher** são duas categorias biológicas, dois **gêneros** básicos derivados do mundo animal ordinário.

Já “**masculino**” e “**feminino**”, por sua vez, são termos que se referem a universos (conjuntos de coisas) que vão além do sexo, envolvendo questões de **identidade**, modos de interação social, práticas, modos de viver, interpretações e idiossincrasias (esquisitices) nossas, tanto individuais quanto da sociedade em que vivemos.

É claro que podem existir uma mulher masculina ou um homem feminino. Não só é possível, como de fato HÁ dentro de cada um de nós um

homem e uma mulher; ou melhor, todos nós temos, em nossa constituição, alguns elementos masculinos e outros femininos, e, quem sabe, alguns sem gênero algum, assexuados ou mix, quem sabe, quem sabe?

Precisamos apenas esclarecer (para nós mesmos) que não precisamos viver o resto da vida sempre procurando **agradar a todas as pessoas**, porque isso é impossível.

Saber falar “**não**” é tão importante quanto saber falar “**sim**”.

Não devemos negar os limites e as capacidades de nosso corpo físico, exagerando de todas as formas facilitadas por nossa época.

Nem precisamos – pode acreditar – nos submeter a situações agressivas e equivocadas, sendo forçados a comportamentos que não estão de acordo com nossos princípios ou vontades, enquadrados por chavões tipo: “não existe mulher feia, você que bebeu pouco”, “homem que é homem não broxa”, “se não beijar a gatinha é viado”, “vai negar fogo porque não gosta da fruta”, “ou dá ou desce”, “agora não tem mais jeito”, “ajoelhou tem que rezar”, “todo mundo aqui já fez isso, só falta você” ou “se contar disso pra alguém tu tá fudido”.

**Tem coisa que é crime, conheça seus direitos.**

É importante observarmos que, de fato, nós, homens, não somos os “fodões” de verdade, nem somos tão fortes assim. Quando a **máscara** cair, poderemos encontrar, em muitos casos: meninos abandonados e **carentes embutidos em brutamontes** musculosos; homens sensíveis e machucados, **escondendo** sua falta de amor em discursos de megalomania, ninfomania, exageros e mil tipos de mentira, incluindo **vidas duplas** e mil armações.

Imagine que num belo dia você olha pro lado e, ao invés de ver seu pai saindo para o trabalho (silencioso e cansado de viver, um **emparedado velho** pouco radiante e retraído, arrebatando-se naquela garganta travada na gravata apertada, ano após ano, nó após nó, sapo engolido em cima de sapo), você – milagre? – consegue enxergar um **homem inteiro**, não fragmentado, ou seja, **um desconhecido!**, agora ali, à mesa do café? Que espanto!

Já pensou se, na verdade, você não souber direito... o que é ser um homem? E se você de fato não teve **curiosidade**, **tempo** ou condições de **realmente conhecer os seus pais**, que são pessoas (simples humanos) com suas histórias todas?

Isso nos faz lembrar da caverna de Platão, de como doem os olhos de quem sai das profundezas da terra e vê a luz do dia pela primeira vez... os olhos demoram a se acostumar... E os bebês humanos, que levam até cinco anos para enxergar como um adulto, terminar de amadurecer a estrutura ocular? Pois é: viver é esse eterno adaptar-se.

— Abre o olho, meu irmão! Já entramos no labirinto... ele está escuro e úmido, mas temos a tocha do entendimento e muitas outras armas maravilhosas. Agora, abre o olho, senão a casa cai!

Como somos muito inseguros (por isso nos fechamos e mentimos), temos o **medo** natural de sermos feridos (por isso negamos nossos sentimentos, mentimos pra nós mesmos ou nos escondemos atrás de **máscaras favoritas**, estereotipadas, construídas pelos outros medrosos e impostas por nossa **cultura**). Dizem que isso é natural e que faz parte do processo de constituição do senso de eu, do ego. O filósofo Roland Barthes tratou poeticamente a questão ao escrever: “Meu rosto é uma máscara que não consigo remover”.

Também não são comuns entre os homens os *eventos e comportamentos que as mulheres usam para trocar informação* e aprender sobre elas mesmas e seus relacionamentos: encontro só de amigas, seja para falar da vida, arrumar o cabelo, cuidar da aparência...

Enquanto elas “fofocam” e “desperdiçam a vida” tricotando com as outras fêmeas, torturando o corpo com tratamentos de beleza e dando conselhos e dicas sobre o universo feminino e seus problemas... nós bancamos a linha “**sou foda**” e “qualquer coisa quebro a sua cara”, porque qualquer **variação**, numa situação extrema no Brasil, pode ser alternativamente interpretada como “**coisa de viado**”, ou seja, você perdeu a moral, e pode até levar porrada! “Se liga, maluco, tem que ficar ligado!”

Para não dizer que tudo é guerra, todo mundo sabe que os homens “são

os melhores amigos”, principalmente das mulheres. Esta provocação é um dos vários gatilhos da nada-sutil guerra dos sexos.

Aliás, o mais interessante é que todo mundo tem (ou agora parece querer ter) um “**melhor amigo gay**”. Não precisamos explicar o motivo, está implícito na obra, é palpável nesta época e, não seja inocente, passa a ser sutilmente ofertado como “**opção de consumo**” pela mídia, que promove celebridades “mix” mas não tem **compromisso** algum com políticas de bem-estar social, proteção a minorias em situação de risco ou qualidade de vida.

Para que se torne notável, a situação dos gays (ou melhor, a questão do reconhecimento e do respeito à diversidade sexual) ganha espaço na **grande mídia**, mas perde seus elementos de essencialidade humana, de fraternidade... e tudo o que se vê é um **modelo ridiculamente redutivo**, para que outros “candidatos” a gays possam copiar (e comprar, comprar, comprar!)

É a bicha da novela: cômica, erótica, maldosa e afeminada.

É fácil lotar “*shopping centre*” com gente solitária, plastificada, pretensamente bonita (seguindo o ideal sem graça da beleza normótica). Difícil é entender a **cadeia de produção** de tanta variedade, tamanho espetáculo; perceber nossa imensa parcela de **responsabilidade** sobre o ciclo (social, financeiro e ecológico) do que consumimos.

O essencial vem depois do escândalo, e é uma jardinagem constante o cuidar-do-ser.

Filosofando um pouco mais, talvez possamos dizer que identidade não necessariamente depende de consumismo; e devemos procurar **discernir questões essenciais**, separando os fatos acessórios ou contingentes e coisas que nos são constitutivas, fazem parte de nossa estrutura mais íntima.

Como é que é?

Se uns são de Marte e outros de Vênus, como diz a anedota, cada qual pode pesquisar e decidir. Não vamos, os homens, fazer as unhas uns dos outros, necessariamente, nem encher o cabelo de *bobs* ou sair correndo pela

casa usando as camisolas das velhas senhoras... Nem as mulheres vão parar de falar e falar e falar, encerrando nisto também grande parte de sua beleza completa e infinito mistério.

Mas a **homofobia** instaurada no planeta Terra é tão grande que até mesmo *pais caminhando com seus filhos adolescentes* estão sendo espancados nas ruas, nos últimos dias, por grupos extremistas, que logo veem um “papaizão” pegando um “viadinho” quando nada disso sequer existe, a não ser na cabeça doente desses criminosos.

Em busca do “corpo perfeito”, homens se entopem de suplementos, anabolizantes, esteroides, hormônios... Pela aparência “ideal”, compram revistas e acompanham lançamentos da indústria e do *show business*, muitas vezes incorrendo em excesso de treinamento, desordem dismórfica do corpo (DDC) e deformações musculares.

Como já dissemos, a **masculinidade hegemônica** é uma coisa terrível e massacrante que só pode ser combatida com nosso esclarecimento.

Tudo indica que nós homens **precisamos conversar mais**, dividir mais nossas dúvidas e testemunhos, falar mais a **verdade** e sobretudo disputar menos e ser um pouco mais solidários.

Não, não precisa “emprestar” sua namorada pra ninguém, isso não é solidariedade, nem ela é um “objeto” que lhe pertença para você “decidir o que vai fazer com ela”.

**Você pode começar lendo este livro** e trocando ideias sobre ele, pode ser um bom começo. Mas deve, antes de qualquer coisa, **procurar dentro de si** as perguntas e as respostas de que precisa para montar esse **enigma mutante** que é você mesmo.

E por falar em atrito, você é bom de briga? Você, que é “macho pra caralho”, “muleque doido”, fala a verdade: “tu já quebrou quantos”? Isto lhe soa familiar?

Geralmente bem menos violentas, as **lutas** entre machos são comuns em grande variedade de espécies do reino animal e também entre humanos. Basicamente toda e qualquer cultura [humana, por suposto] tem disputas

que envolvem **garra**, atrito entre corpos físicos, emprego de armas e outros instrumentos ou contato direto. Podem ser desportivas, marciais, festivas ou expressas em ocasiões de manifestação de violência ritualmente organizada, no caso de certas etnias (que neste ponto são certamente mais evoluídas que nós!)

Entretanto, só os homens parecem ter perdido a noção *básica* de que o exercício da capacidade para a violência máxima – e a consequente destruição de tudo e de todos (a começar por nós mesmos) – não é o que temos de melhor para usar e definir o que seja um “macho”, e por extensão “**o QUE ou QUEM somos nós, humanos do sexo masculino**”.

Nem a destruição, nem o utilitarismo e o esfriamento emocional são soluções neste momento. Confessar que nos tornamos miseráveis tampouco resolve muita coisa, apesar de ser um gesto simpático.

Até aqui, não pudemos fazer muito senão introduzir alguns assuntos; aquecendo, alongando e preparando nossas redes de conceitos.

Assim como os olhos se acostumam com a luz, as pupilas se dilatam na escuridão e gradualmente passamos a distinguir coisas dantes invisíveis.

A habilidade de enxergar no escuro é preciosíssima numa situação como a nossa, pois nosso **objeto de estudo** é um diamante negro, bruto, multifacetado. Um cofre-bomba que precisa ser desarmado, por amor. Uma joia perdida e reencontrada nas areias de um deserto. Um prisma de espelhos sujos de sangue, silêncios e remendos toscos. Uma flor recém-nascida. A ternura de um dia novo. Um desespero e seu oposto, uma esperança ulterior.

O **armário** se auto-representa e se basta, reconstruindo-se dia-a-dia só para si mesmo, “só pro meu prazer”. Você é a presa-dobradiça, uma mistura desgraçada de Indiana Jones com Guy Debord e Rick Deckard.

Poderíamos facilmente confundir o armário com um grão de poeira (ou de mostarda), transformando um Pão-de-Açúcar psicológico numa pedrinha dentro do sapato. A mente é capaz de muitas coisas, e o ego perfaz verdadeiras mágicas para defender-se de sua própria dissolução (inclusive

evitando a iluminação, que para ele assemelha-se a aniquilamento).

Conscientes de que travamos a busca difícil por um objeto que é multifacetado (por tabus cortantes de todos os lados!), vamos agora mapear este labirinto, iluminar seus corredores, pintar as paredes, acabar com o minotauro-armário-medo e sair fora, continuar nossas vidas.

Não adianta mais fingir que o armário não existe. É preciso atravessar a ponte, conciliar-se consigo mesmo e tentar ser feliz em paz, sem culpa e sem justificativas.

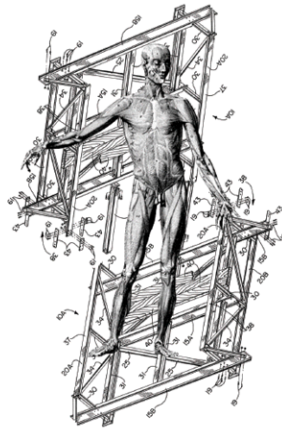
**“(...) e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”**

(João, 8:32)

---

5. E levar bordoadada? Que país é esse, minha gente?...

## Capítulo 7 - Anatomia do armário



A atração (sexual ou afetiva) entre espécimes do mesmo gênero é muito comum no reino animal. Dezenas de espécies frequentemente apresentam indivíduos que expressam esse comportamento, e se a **homossexualidade** e a **bissexualidade** devem de fato (como fazem hoje em certos círculos) ser consideradas “aberrações da natureza”, vemos que, não sendo certamente a regra geral, tampouco são constituídas apenas de “casos isolados”.

Traduzindo em bom português: **o bicho pega!**

Literalmente... Veja a (vexaminosa?) lista de alguns dos animais que já foram vistos praticando atos homossexuais:

Elefantes, girafas, gatos domésticos, chimpanzés, golfinhos, cães, raposas, coalas, leões, orcas, cavalos domésticos, gado, ratos, ursos, bisões, corujas, galos, pinguins, gaivotas, salmões, lagartos, tartarugas, cobras, salamandras, sapos, vespas, moscas, besouros, borboletas, baratas, libélulas, formigas, abelhas, mariposas, pulgas, caranguejos, aranhas, polvos e, não podemos esquecer, também os humanos e mais de 1400 espécies já bem documentadas.

Pode-se argumentar que talvez façamos um excesso de esforço na tentativa de naturalizar o comportamento (cultural?) humano, e sabemos que **o discurso da naturalidade é bastante perigoso**. Por outro lado, não podemos simplesmente ignorar as informações que tiramos de outras partes

da Natureza. Ficará ao leitor o **exercício do critério pessoal** sobre este ponto.

Se antigamente desconfiávamos de alguma coisa, a imaginação preenchia facilmente os espaços, na falta de recurso mais denso. Hoje em dia, com tanta pornografia disponível na internet, podemos ver todos esses animais em ação, assim como podemos pesquisar **tantas** outras coisas talvez até bem mais úteis e importantes.

O mais interessante é que, por incrível que pareça, tendemos a abordar o “resto” do mundo animal (**o ser humano “se acha”!**) e observá-lo a partir de seus fenômenos, daquilo que achamos que ele nos apresenta, e nos contentamos em documentar o que pensamos que vemos (com sorte e muito treinamento, sem preconceito, que utopia!?), para descrever e inventar sistemas, para nosso maior **conforto psicológico**.

Parece bruto, mas é só o básico. Mesmo o discurso científico é tendencioso e condicionado aos interesses e necessidades de cada “época”, e isso precisa estar explícito a fim de que a ciência possa ser verdadeiramente construtiva.

A **homossexualidade humana**, apesar de não ser caso único no mundo animal, recebe nosso tratamento diferenciado. Talvez porque aí tratamos de nós mesmos, e isso nos embaraça mais do que ver dois cachorros transando na rua.

Por motivos que nem mesmo mil autores conseguiriam explicar de forma exaustiva, **construímos uma coisa muito forte e estranha**, temível, em cima deste fenômeno (originalmente natural?) que é o comportamento sexual dos humanos. E, pior, estamos presos nessa “coisa” pegajosa, ameaçadora, invisível... que tantos podem sentir **pesar sobre suas vidas**, mas que ainda não tem nome...

Como todos sabem, a expressão “sair do armário” vem do inglês “*to come out of the closet*”, que vamos traduzir em partes:

- *To come* = vir
- *To come out* = sair = vir “pra fora”

- *Of the* = de + o = do
- *Closet* = closet, armário

Sair do armário, pronto! Mas do que se trata? Espere um pouco...

Por curiosidade, há também na língua inglesa uma expressão parecida, que é “*a skeleton in the closet*”, usada não para alguém que “guarda um esqueleto no guarda-roupa”, mas, na prática linguística, para quem tem um **segredo** terrível, capaz de, se descoberto, envergonhá-lo e deixá-lo **humilhado, arrasado**, “destruído”. Podemos pensar que se alguém fizer algo assim (esconder um corpo dentro de casa) certamente vai sentir-se apreensivo, porque pode “ser pego a qualquer hora”.

Ninguém consegue vigiar um guarda-roupa 24 horas por dia, consegue?

Daí você se pergunta: o que isso tem a ver com o assunto? É o seguinte: “*o esqueleto no closet*”, segundo os documentos, foi registrado por volta de 1800, como expressão idiomática.

Já “*sair do closet*” começou a ser registrado em meados dos anos 50, primeiramente como gíria do gueto de gays e travestis, popularizando-se gradualmente.<sup>6</sup>

Portanto, temos evidências linguísticas e lógicas de que a expressão “sair do armário” (*to come out of the closet*) foi derivada ou criada a partir de “[tirar os] esqueletos do armário” (*skeletons in the closet*).

**O que significa então “sair do armário”?** A história das duas expressões pode nos ajudar a entender: o esqueleto é o **segredo** terrível, o “**vergonhoso**”, o que “ninguém pode ficar sabendo que eu tenho, guardo e escondo”.

“Sair do armário” significa então **abordar** essa situação e organizar a bagunça interna e externa que naturalmente acontece quando fazemos qualquer tipo de reforma. Reforma? Talvez nem tanto... Faxina, vai. Não faz drama! (“*Don't be a drama queen*”, como se diz.)

Por falar em **reforma**, no caso de uma obra externa, uma construção, com certeza você pode esperar por barulho, incômodo e detritos. Talvez

você tenha sua rotina alterada por alguns dias, mas de todo jeito há um cronograma a ser cumprido e o resultado é bem objetivo, visando a uma melhoria geral.

Já no caso de uma **revisão interior** (ou íntima de: pensamentos, memórias, expectativas e sentimentos), nem sempre a coisa é tão clara ou “tranquila” quanto uma britadeira martelando no seu ouvido de 8 às 18h, por 40 dias que seja.

Muitas pessoas, homens e mulheres, trataram sobre o problema da **pesquisa interna**, e não cabe a este mero compilador fazer o papel de guru, mestre ou professor. O leitor deve remeter-se aos melhores, e há uma lista sugerida para **leitura complementar** ao final do livro.

De todo modo, precisamos de algum tipo de recurso para nos guiar na (talvez inédita) tarefa das “obras”, destruições, construções, fortificações, implosões e decorações interiores.

**Precisamos preservar alguns pilares**, afinal, ninguém consegue modificar *tudo* de uma vez sem que “a casa caia abaixo” ou sem “perder a cabeça” (ou coisa pior...)

Se você está lendo este livro até agora é porque provavelmente já se **sensibilizou** para a relevância desta conversa, sabe que “o tempo não para” e já percebeu que mais ganha em se conhecer do que em “deixar quieto”, “abafar o assunto” ou “casar e esquecer”.

Se você acha que não entendeu direito, feche o livro, pense um pouco, dê uma volta, vá espairecer. Não podemos apressar a cicatrização de uma ferida, mas podemos ser gentis com nós mesmos enquanto nossas “perebas” emocionais se abrem, sangram e fecham.

## Capítulo 8 - Todo mundo tem armário?



Tem. Sim, todo mundo tem armário. Mas nem todo mundo coleciona caveiras ou esconde esqueletos!

Até existe gente que não tem medo de esqueleto, nem de gente morta, nem de alma penada. Pensam que piores são as pessoas vivas e desalmadas!

Agora, sem armário... nem sei se existe...

E tem mais: o esqueleto, na verdade, é um grande CURINGA! Ele se “traveste” de diferentes formas, substâncias, configurações... Cada pessoa projeta no seu “**esqueleto escondido**” certo conteúdo. Alguns têm medo e sentem algum tipo obscuro de inveja, mas escondem; outros talvez tenham um amor proibido, que lhes consome, mas não podem falar nem fazer nada; tem gente que comete assassinato e ninguém nunca descobre (mas a Grande Lei nunca falha, dizem os pesquisadores).

Ora bolas, somos simples humanos, e todo mundo tem os seus “*dark spots*” psicológicos, seus nós, noias, obscuridades.

O pensamento humano é basicamente paradoxal. A “educação” que recebemos nos treina para uma perspectiva tradicionalmente linear. Portanto, muito de qualquer linearidade observada por nós é uma desinterpretação imposta pelas lentes através das quais vemos a realidade; e é artificial, brutalizante, representando a *mortificação do paradoxo*, o qual, conforme ensinado nas tradições herméticas, é um dos atributos que integram a “criação” e o “todo”. Matrix e maya são paradoxais, **camadas infinitas de paradoxos**.

Uma educação que nos sensibilize precisará respeitar a não-linearidade que nos é inerente, e mesmo que as escolas sempre venham a ter conteúdos obrigatórios (como deve ser mesmo?), as “grades” podem e devem ser “adaptadas” (ou seria revolucionadas?) a fim de um dia termos uma **geração** de pessoas críticas, criativas, filosóficas e generosas. Se parece um ideal distante, é por outro lado o fogo dos filósofos, o sonho dos santos, e o projeto dos teosofistas: tudo, menos impossível!

Mesmo assim, ainda ficamos pasmos porque “os dados se contradizem”, “não entendemos direito” e coisas assim. Ora, até minha avó sabe que pra fazer doce gostoso tem que por um pouco de sal. Aliás, com 50 anos de vida a mais que eu, ela deve saber Deus e o mundo, mas isso é outra história. “Esses meninos que são criados com a avó, não sei não...” (piada interna, externa).

Fizemos uma breve digressão para suavizar o impacto inicial do que agora podemos retomar na forma de “*voadora nos peitos*”<sup>7</sup>: **você tem um armário**, todo mundo tem um armário! Pense nisso, e procure não só reconhecer, mas **perdoar o armário dos outros**, o que eles têm dentro, e o que conseguem fazer com ele.

Também é normal se você achar que “tem mas não tem” um armário: uma sensação confusa, meio de medo e negação com susto e curiosidade.

Não deve ser o caso da maioria dos leitores, mas se para alguém aí esse “papo mole” de filosofia, metafísica e tal já parece ou denuncia uma introdução (diluída e “lubrificada”) para os supostos horrores e prazeres do que o povo chama maldosamente de “viadagem” e “baitolagem”, nossa, você é espertinho, hein? Será que você também não tem os seus esqueletos escondidos? Se não homofobia, quem sabe outros **preconceitos diversos**?!

Ninguém está autorizado a te julgar, mas tampouco ao autor deste livro, pois, conforme se percebe, este tipo de “putaria” e “falta de vergonha” parece exercer um fascínio irresistível sobre o sempre **Respeitável Público**.

É engraçado e é bem fácil fazer graça e manobras de interpretações maljeitosas sem base alguma ou baseadas nas “CHAVES” delineadas por certos autores ou quaisquer outras pessoas.

Desafio maior é **olhar-se no espelho**, olhos nos olhos, e, sinceramente, dizer “eu te amo!”, “você está seguro”, e “eu vou cuidar de você, pode confiar em mim”.

Quando os homens puderem fazer este **simples exercício**, o mundo experimentará uma **paz** até hoje inédita sobre a Terra.

Cada pessoa é, encerra ou emana uma “personalidade”. A palavra “*persona*” significa “máscara”. Portanto, a personalidade de alguém *não necessariamente* reflete a sua essência, aquilo que ela é mais profundamente, e que, talvez, nem ela saiba que existe.

**Persona e máscara** são coisas que combinam com esqueleto. Há algo de universal nos esqueletos. Pequenas diferenças *são* grandes dados para especialistas e estudantes, mas, para o povo em geral, caveira é caveira e pronto! Aquele sorriso sinistro...

Vamos supor que você, ser humano normal e comum, também tenha um armário... Pode chamar de armário qualquer **lugarzinho dentro do seu ser onde você se esconda**, ou onde oculte algo terrível, como um segredo ou coisa ainda mais séria. Como saberemos o que temos dentro do armário? Podemos saber se está cheio ou vazio, se está organizado ou entulhado, enquanto não soubermos e reconhecermos a sua própria existência?

**Faremos bem em procurar a essência das coisas, em vez de passar os dias jogando videogame**, fazendo fofoca ou vítimas da normose alcoólica e psiquiátrica, dentre outras formas de anulação, inclusive a subjugação doentia a uma fêmea autoritária (ou a um macho qualquer), o medo de se expressar ou o medo da opinião dos outros.

Todos os seres sencientes buscam o prazer e evitam a dor. Você, meu caro, é apenas (e apenas *mesmo*) um, mais um ser assim.

**Sofrimento psíquico e conflitos interiores recalçados** podem ser coisas não só péssimas, mas perigosas, e *todos os dias* temos notícias de jovens e adultos, às vezes até mesmo crianças que **se matam, se dilaceram, se destroem** por questões de conflitos interiores e familiares, sociais, políticos. **Tais mortes, caros irmãos, são DESNECESSÁRIAS**; e a vida

das vítimas do preconceito, da homofobia e da hegemonia normótica poderia ser aproveitada para outras realizações mais compassivas e em harmonia com todos.

**Atenção:** você pode até ter um armário (ou não, se for um *Buddha* encarnado e eu não percebi, desculpa). **Mas você não precisa ser gay!** Quem disse isso?

Aliás, você não precisa ser gay, nem hétero, nem bi, nem trans, nem travesti nem nada. “O nome é só um nome”, como diziam Romeu e Julieta, naquele romance hétero clássico (!!)

**Você é você, apenas isso.** Os *nomes foram inventados para CONTROLAR* as pessoas, classificá-las em categorias identificáveis, deixando-as vulneráveis a manipulações de todo tipo.

Antes de ser gay ou hétero ou qualquer coisa de que te chamarem (usando um “nome”), você é um SER HUMANO (mais que qualquer nome!) e tem **direitos inalienáveis** quer queira quer não. Conferências internacionais de Direitos Humanos asseguram e negociam coisas básicas sobre as quais você deve saber um mínimo, posto que está no mundo e é um homem moderno, lindo, feliz, gente boa e bem-informado! (Gatão!)

Pra falar a verdade, nem a favor nem contra, é a **vida**, este mistério infinito, que vai se encarregar de lhe apresentar as perguntas, as situações e as pessoas, nas horas e nos lugares certos, para que você possa ter estímulos e fazer escolhas, aprendendo com o resultado de suas ações. Para os filósofos orientais, essa é mais uma manifestação daquela lei universal (cuja explicação mínima levaria um capítulo inteiro) chamada, como mencionamos, “*karma*”.

Calma, seu Zé, se acalma!

De fato e a rigor, o problema da sua própria sexualidade, do que você vai fazer da vida ou do que você é ou sente – desculpa falar assim mas – **o problema é seu!**

A fim de ser um homem completo e íntegro, um adulto responsável e produtivo, pode ser que você um dia chegue à conclusão de que vai ter que

procurar conhecer-se cada vez mais e mais sinceramente, e, é óbvio, pelo resto da sua vida.

Mas se você é do tipo que tem preguiça de pensar ou de se desenvolver, não tem problema: o “sistema” tem vários modos de se apropriar da mente e do corpo dos preguiçosos, para transformá-los facilmente em **zumbis consumistas, vampiros enfeitados de modas poluentes, e grandes egoístas, cegos para tudo o que é humano.**

Certo também é que, das várias ferramentas que você pode utilizar e nas quais pode confiar durante seu “processo”, está provado por milhões de pessoas que a **HIPOCRISIA** é, com certeza, a **pioir abordagem** possível. Entretanto, é o “*approach*” mais empregado em nossos (atualíssimos!) dias.

Psicologicamente, acusar as pessoas para sentir-se bem com a própria capacidade de ser cruel, ou ser cruel para ostentar poder social sobre alguém, desculpe, mas é algo muito cômodo! Comum e execrável.

Um pouco mais difícil é convencer-se, a duras processos de “vivências” dolorosas, de que “homem não chora” e “tem que ser macho” são **regimes ditatoriais** (nem tão subliminares, pelo contrário, erigimos monumentos fálicos até hoje!), que, se revelam arquétipos e verdades ocultas, também servem, por outro lado, de desculpa para uma **puta sacanagem de tolhimento, abandono e enlouquecimento emocional** de muitos meninos, velhos ou recém-nascidos.

Nem todos, nem sempre, nem tanto.

Mas que rola, rola.

---

7. Gíria: significa “golpe súbito e fulminante”, coisa de Bruce Lee ou ninja mesmo. Importante arma para impor o respeito, em casos extremos. Compara-se à mordida do cachorro e ao ferrão da abelha, mas é mais dramático, envolvendo desejo de fulminar o advertido, ou apenas demarcar fortemente seu território físico ou psicológico.

## Capítulo 9 - O que você tem no armário?



Bom, neste ponto eu lhe abandono solto no ar e digo:

— Essa é com você! Pode ser sincero. Você está sozinho. Você (pelo menos parece que) está lendo... Não precisa escrever nada, nem imaginar. Você sabe como pensar na vida, e não vai morrer de relaxar um pouco e **imaginar** a seguinte situação:

Sua bisavó é muito rica e velha, você é seu único herdeiro e resolve que “chegou a hora de apagar a velhinha”. Feito o despacho, você **esconde** o corpo não no seu “*closet*”, no quarto; mas, como dizem hoje na Inglaterra, no **armário da cozinha** (“[*skeleton in the*] *cupboard*”)! Já pensou?

Agora vamos comemorar! Você pega sua fortuna, enche os barris de goró e **chama todos os amigos**, parentes e vizinhos para comemorar na sua mansão, passado o “triste período de luto”, celebrando a paixão pela nova linda donzela e o frescor da aurora na bela primavera, oh! Patético (literalmente).

Imaginou?

Agora... **tenta relaxar** na sua festa... tenta curtir as gatinhas, os “amiguinhos”, os “queriaaaados e queriaaaadas” da vizinhança, do trabalho, da Matrix enfim.

E reza pra ninguém precisar abrir o armário da cozinha!

...

Perceba se você agora consegue ficar calmo...

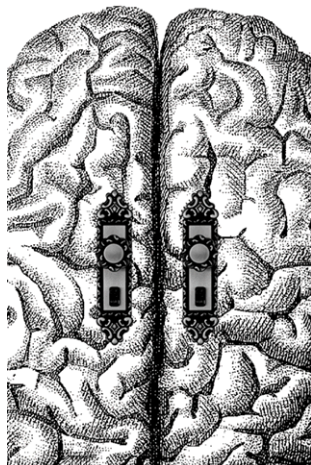
Pode até parecer que não, mas é mais ou menos neste agora imaginado nível constante de *stress* e *alta tensão* que nós, homens, nos sentimos durante tanto tempo de nossas vidas, e mais intensamente quando decidimos “tocar o armário” pelas primeiras vezes.

A descoberta e o reconhecimento de nossos “esqueletos” (**fragilidades, medos, inseguranças e segredos**) levam às vezes muito tempo, há quem diga que até “muitas vidas” são investidas no processo de depuração e autoconhecimento.

Independentemente de nossa fé pessoal religiosa ou metafísica, TODOS SOFREMOS, cedo ou tarde, leve ou pesadamente, por conta de nosso **relacionamento** (cultural, mas que também é uma escolha ou condicionamento pessoal) **com nosso próprio armário**. Com o fato de que ele existe, de que somos nós os responsáveis por ele, e porque sabemos: assim como lixo parado apodrece, qualquer armário fechado à solda acaba por explodir.

Daí vai pedaço de “esqueleto” e monstro pra toda parte... Muitas vezes a bagunça fica bem pior do que se o cara tivesse **colhão** para “sair do armário”, ou pelo menos para dar uma espiadinha nele e deixar **arejar um pouco** a toca do monstro.

## Capítulo 10 - Como cada um de nós entrou no armário?



Brincando de filosofia, vamos dizer que o espaço é anterior ao tempo, assim como o armário antecede ao homem. Como assim?

O tempo é a medida do movimento, e o movimento acontece no espaço. O homem é a medida de todas as coisas, exceto, talvez, de seu próprio armário. Que brincadeira!

O armário, pasmem, **vem de fábrica**: é imposto e é feito num molde duro... mas com certas propriedades e componentes que podem ser ajustados para que seja um “fardo” menos “pesado”.

É claro que o armário nem é grande, nem é pequeno, nem pode ser comparado entre seres humanos; sua imagem remete a um cofre ou gaveta, talvez um baú ou, quem sabe... um caixão? Afinal, onde guardar um esqueleto?

Felizmente, nós pessoas temos a maravilhosa habilidade de fazer deste “presente de grego” uma dádiva, e usar o nosso “*closet*” (que já existe mesmo, e todo ser humano tem um “mocó” dentro de si) para guardar coisas boas. Que tal se, ao invés de nos escondermos de nós mesmos, usássemos este latíbulo para deixar em **segredo** aquelas boas ações que praticamos, em vez de espalhar pelos quatro ventos o quanto somos pessoas boas e generosas?

Apesar de todo materialismo, mesmo os brutos se forçam a reconhecer grande sabedoria em certas “tradições populares” e nos fragmentos de verdades que vão sendo percebidas enquanto passamos de lugar em lugar, se atentos.

Não precisamos concordar todas as vezes, mas podemos sempre observar nosso objeto com mais cuidado. Neste caso, a dedicação requerida é em direção a nós mesmos.

Primeiro o espelho, depois a lupa!

Isso significa uma coisa muito simples:  **você nasceu no armário**, ou com um tal de armário dentro, e pronto! Em filosofia, este tipo de argumento é chamado “Petição de princípio”, ou seja, vamos “brincar de acreditar” para ver “onde vai dar”.

O armário – e você já entendeu isso – é uma **armadura psicológica, firme e forte**. Ele é necessário para represar uma grande energia (selvagem, imensa, desconhecida), que é nossa sexualidade e o que podemos ou desejaríamos fazer com ela.

Sair do armário, de verdade, significa *assumir para si mesmo que você não pode negar* certas coisas, pessoas, emoções, propostas; e certos pensamentos, dilemas e contextos, se é que eles lhe incomodam, lhe dão “nojo” ou mesmo se lhe atraem.

**Tudo começa dentro de você**, seja sob a forma de impulso ou já como reação a um estímulo. O assunto “vida sexual” é muito delicado, mas não é tratado com nenhuma delicadeza. O que vemos é uma cultura que hipertrofia o erotismo barato e vulgar, e ignora ou sabotagem totalmente as vivências genuinamente humanas, que envolvem, *mais do que simplesmente coito ou “foda”*: afeto, amizade, zelo, respeito, amor.

**Valores humanos** não costumam dar dinheiro nas Bolsas de Valores, razão pela qual hoje educamos nossos filhos para investir em capitais voláteis mas não para dar “bom dia” no elevador, ou para responder ao cumprimento simpático que porventura lhes seja ofertado com um sorriso enquanto caminham no parque.

Alguma coisa está faltando...

Nascemos em um **armário psicológico coletivo** (consciente e inconsciente) que data de muitos mil anos, e *chamamos nossos limites, medos e vitórias de “Cultura”, “História” e “Desenvolvimento”*.

Você “entrou no armário” desde o primeiro momento, o primeiro toque, as primeiras palavras e coisas que viveu e percebeu – você nem se lembra! – ainda na fase intrauterina, ou seja, quando você era um ser-satélite dentro da fêmea progenitora, que em todo caso é a senhora sua mãe.

Por isso mesmo, de tão próximo, é possível que você não tenha ainda tocado (ou localizado, talvez reconhecido?) o seu **armário interior**... Procure melhor, você provavelmente tem um... Onde fica o seu armário? (*Onde você guarda o seu preconceito?*)

Não podemos dar detalhes sobre o que haja dentro de uma caixa ou baú se nem soubermos que tal coisa existe, onde fica, do que está cercado, a quem pertence, etc.

Se você, como a maioria dos homens, provavelmente insiste (instantaneamente quanto agora) e diz que é “100% espada” e que “se garante”, que ótimo! Sua garantia certamente vem de uma **análise profunda** e da escolha a partir de experiências que considerou agradáveis ou não; desejáveis, detestáveis ou mistas. Minhas amigas que “curtem” o sexo oposto estarão dando saltos de alegria, celebrando que “graças a Deus nem todo mundo virou gay, Aleluia!”

A questão é que não podemos falar deste assunto sem tocar em pontos delicados, **assuntos sensíveis**, que por eras sem fim o pessoal decidiu “deixar quieto”. E devemos estar prontos para a reação de algumas pessoas que, abaladas, podem tornar-se imprevisíveis, até mesmo destrutivas ou violentas.

Acredito que o **bom-senso** as ajudará a compreender que este livro muito pouco ou nada tem a ver com sua eventual indignação ou agitação de espírito; porque, assim como tirar uma foto não altera a cena da praia, esta obra não faz mais do que entreter um estimado leitor, durante algumas horas

de seu ócio construtivo: ele apenas informa, e não tem nada de original.

Como ainda se vê, a velha-nova e mitificada *filosofia* nunca é uma coisa totalmente inútil... E um pouquinho de amor-à-sabedoria por dia pode ajudar bastante, mesmo que uma grande dose seja “enjoativa” para as almas mais comedidas. Como se fosse o recheio de um doce...

## Capítulo 11 - Fantomas de família



Além dos elementos singulares de nosso armário (ou **gaiola psicológica**), temos de enfrentar – e desde cedo, quando não em primeiro lugar – os conteúdos com que a família alimenta os “monstros” e medos de cada um, fora os “monstros de família”, todos guardados nos pontos mais estranhos da “casa”.

Cada lar-doce-lar tem as suas loucuras, e quem tem família ou já teve sabe que isso é o que constitui a “identidade familiar”.

Pois bem, há quem neste mundo propague ideias muito santas e justas, assim como também existem pessoas cheias de sombra, machismo e autoritarismo que **projetam em suas crianças** as mais densas névoas. Assim incutem – ao longo dos anos ou em doses cavalares – *sistemas inteiros* de intolerância, além de outras formas degradantes daquilo que eles abstraem dando o apelido de “educação infantil”.

Podemos concordar que há mais direitos, liberdades e variedades humanas do que aquelas que, tradicionalmente, nos são apresentadas por nossas famílias. Aliás, muito além dos padrões sociais e familiares, existem **possibilidades epistemológicas e existenciais** inimaginadas à espera de nossa disposição em buscar, apreender e sintetizar um novo dado ou experiência.

A **diversidade das vivências** de cada pessoa depende de inúmeros fatores, internos e externos, e acredita-se que o **alinhamento** da pessoa a

certos **padrões** e regras seja “para o seu bem”, quando, na verdade, pode apenas disfarçar interesses obscuros de utilitarismo para ajuste e emprego de seu corpo, emoções, mente e alma nesta sociedade doentia, narcisista, perversa e completamente tarada por si mesma.

Nosso objetivo não é “ensinar ninguém a ser gay”, é **incentivar o pensamento** crítico moderno brasileiro a fim de que possamos nos tornar **educadores** eficientes. É procurar aprender a observar e a interagir com os seres que, porventura, sintam ou expressem honestamente (de forma direta ou disfarçada) a necessidade de trabalhar o seu “segredo” sem medo de “serem pegos no flagra”, nem sentindo “vontade de morrer” na hora de falar sobre “o assunto”.

Sim, **tudo isso acontece** e é muito, mas MUITO MAIS FREQUENTE do que qualquer um de nós pode imaginar. Ao longo da História, os escritores foram geralmente homens, e as mulheres foram praticamente apagadas durante muitos milênios. É fácil pensar que os caras só publicaram o que lhes interessava, né?

### **Chegou a hora de quebrar o silêncio masculino!**

Em vez de perdermos tempo com a “guerra dos sexos”, vamos pensar no que acontece tempos depois que eles se cruzam, quando nascem as crianças. Mesmo na natureza, “onde temos nosso meio”, a **psicologia dos pais ou de um dado grupo** animal está diretamente relacionada com o modo como o filhote (ou criança) vai reagir a questões de fundo moral e pessoal, sobre as quais será inevitavelmente interrogado em algum ponto de sua vida, seja em sociedade ou no isolamento de suas próprias reflexões.

**Fantasmas de família**, fossem coisas simples de resolver, sequer existiriam! Na hora que alguém mexer no tal “porão intocável”, o dono da caveira pode ficar muito nervoso, e daí esteja pronto!

Há de tudo: **pais** compreensivos e “descolados” que apresentam o namorado do filho até nas festas da empresa, normalmente; **pais** frios, que “toleram” a “escolha” do filho mas não tocam no assunto de jeito nenhum; há **pais** loucos, miseráveis que vivem em negação, ou humilhando os filhos; e há os radicais sem coração, que mal merecem o nome de “**pais e mães**”,

expulsando seus filhos de casa, empurrando-os para a prostituição ou a destruição pessoal.

Há pais que matam os filhos de pancada, dão tiro na cabeça deles ou, tanto pior, deixam seus descendentes em estado de ***abandono afetivo total***, entregues às maldades que a vida reserva àqueles que não puderam construir um **núcleo de identidade pessoal** para garantir o mínimo de amor próprio, sentimento básico que lhes permitirá exigir e exercer um mínimo de dignidade.

Assim como há pais gays, bissexuais, lésbicas e travestis! Naturalmente, aliás.

Portanto:  **você conhece sua família?** Já percebeu quais são os “esqueletos escondidos”, assuntos tão intocáveis que só de passar perto o pessoal se agita, fica nervoso, fala palavrão... Como eles pensam? Quem você acha que eles são? Quem eles acham que você é? Quem são eles? O que você tem deles? **Quem é você?**

Se teu pai é gente boa, ou se já até teve um namorado, se ama a tua mãe e te dá a maior força, parabéns! Talvez possamos crer que o amor em ambos lhes permitiu superar as diferenças, e nisso a construção é coletiva, mérito de ambas as partes... O processo de “se resolver” pode levar à consolidação de vínculos saudáveis e verdadeiros. **Nem tudo precisa ser uma tragédia.** Pense nisso: cada um é feliz de um jeito!

Agora, se teu pai é um **religioso extremista**, um **militar homofóbico** ou alguém que dá tapetada e bordoadas nas pessoas, esvazia extintor de incêndio e joga ovo podre em travesti... ou se você sempre ouve em casa que “bicha tem mais é que morrer” e que o certo é “quebrar esses frescos”... pode ser que você precise de uma **ajuda extra** para resolver seu problema, e isso vai bem além do que podemos fazer num livro.

Tem horas, meu caro amigo, em que a primeira autoajuda é a **delegacia de polícia** mais próxima. Avalie se é o seu caso... **Existem leis** para lhe proteger, e alguns dos recursos disponíveis (e grátis) podem ser consultados no Capítulo 22.

No meio-termo – entre recusa e negação – está a maioria de nós, de nossa família e amigos: temos ideias parciais, uma mais certa, outra errada, talvez um pouco torta ou incompleta; um preconceito internalizado, uma fantasia não-reconhecida, um sonho erótico perturbador, um filme que você vê; alguém que chega na sua vida e “te manda uma ideia”, “joga a real” ou “dá um toque”... e nós vamos construindo nossa educação (e des-educação, claro) buscando paz, amor, tolerância, esclarecimento (isto na melhor das hipóteses, sempre).

O impacto disso tudo costuma ser grande, e o processo de aceitação é progressivo. **Você vai precisar se amar** para não sair todo destruído do seu processo, e, pior, sem conseguir saber de nada! Como diz o ditado: “Quando a cabeça não pensa, o corpo padece”. Assim, antes de comportar-se cegamente, de ser ou sentir-se usado ou abusado, **use sua inteligência!**

Portanto, é melhor você escolher a pessoa certa (pense bem, tome o tempo que for preciso), na hora certa, para conversar suas intimidades. Idealmente, você poderia começar pela sua família: seus pais, algum irmão mais chegado... Se você se sente inseguro, que tal seu melhor amigo ou amiga? Talvez um psicólogo?

Em todo caso, tenha certeza de que seja alguém calmo, compreensivo, e de sua mais absoluta **confiança**. Alguém que não vai ridicularizar você, nem trair suas confidências. Eu sei que é difícil e que nem todo mundo tem alguém assim por perto, ou pelo menos nem sempre.

Para ajudar, existem serviços especializados como o CVV, várias ONGs e outras iniciativas de **apoio** às pessoas em situação de conflito, ameaça ou angústia.

Isso, por estranho, frio ou calculista que pareça, pode **evitar que você seja vítima** da explosão e do medo raivoso (consciente ou não) de alguém que ainda não esteja preparado para este assunto; ou de que você se expresse na hora ou na situação erradas, mesmo que seja com pessoas dentre as que mais te amam, de verdade: algum dos pais (ou dos pais deles), alguns amigos, colegas, irmãos e tios...

Agora pelo menos você já sabe que os seus **fantasmas** (coisas que lhe

assustam e esqueletos no armário) **NÃO são fabricação exclusiva da sua cabeça**. Há muito de familiar nisso, muito silêncio também, e os fantasmas de família são **entidades poderosíssimas**, que devem ser consideradas (e manipuladas, ou dissolvidas) na hora de sair do armário.

Afinal, poderoso de verdade é você!

Nada neste mundo é exatamente inédito, nem vai ser algo tão diferente assim... Vamos nessa, tenha coragem! Respire fundo...

Há mais de uma luz no fim do túnel!

## Capítulo 12 - Ovelha negra ou ovelha rosa da família?



“— Jesus Cristo, me ajuda! Como é que vou ser o único gay da minha família?!” é um pensamento que ocorre a muitos garotos. Não é preciso ser acadêmico para escrever sobre este assunto, basta olhar pro lado.

As famílias, na absoluta maioria dos casos, procuram se mostrar,<sup>8</sup> dizendo-se que são aquilo a que respeitosamente decidiram chamar de “tradicional”. Como isso já faz muito tempo, a rotina “naturalmente” virou uma coisa automatizada, e o **culto às tradições** – principalmente às da Igreja e da família – é o núcleo da espiritualidade humana há eras, desde o culto aos antepassados que remonta tempo-a-dentro.

A história familiar é feita de tudo o que a gente sabe, mas, principalmente, pelo que nem sabemos... **Fato omitido**, passada a geração, é fato nunca acontecido, nesta “família tradicional”.

A realidade, igualmente, pode ser bem diferente do que você já ouviu as pessoas contarem nas reuniões familiares e festas.

Se, de fato, na “versão oficial” da história da sua respeitável família-modelo você for o primeiro a **assumir honestamente**, seja em aberto ou só para si mesmo, o que realmente sente... e se for levado a tomar a decisão de viver conforme a sua vontade interior e em coerência com o que você acredita, então parabéns! Esta é uma escolha saudável.

Sem dúvida, este é um ato de coragem que deve ser interpretado não como uma afronta, um “desgosto” ou uma “espécie de morte” (em seu sentido negativo, se é que há algum), mas como um **desafio** hercúleo.

Coisa de louco, façanha de herói!

Olha, Teseu, meu amiguinho: falando bem claramente, todos os seres já foram crianças, adolescentes ou adultos e, acredite, ninguém atravessa “o vale da sombra da morte” (a que alguns preferem chamar de Vida) sem ter contato com pessoas, propostas, fantasias ou situações que lhe terão desafiado a conhecer a verdade sobre os fatos da vida (aquilo que acontece) e *a verdade de como você reage* quando é defrontado com seus dilemas mais secretos, íntimos e proibidos.

Se você está cansado de “perder a linha” quando se toca “no assunto”, ou se sua irmã “já sabe”, mas seu pai “ainda não sabe”, bem... será que, juntos, os homens não podemos nos unir para **quebrar esse tabu**, puxa vida... quantas coisas nossos antepassados homens viveram, inclusive centenas ou milhares de relações homossexuais masculinas e femininas nos últimos séculos apenas, sobre as quais **NÃO SABEMOS ABSOLUTAMENTE NADA?**

Uma **família saudável** idealmente acataria e respeitaria o processo de autodescoberta e expressão sexual [sustentável] de seus membros, mesmo que seu movimento se manifestasse em direções e meios “alternativos” ou menos tradicionais.

Contudo, vamos concordar que **saúde** (mental, emocional, social e física) não é o ponto forte de nossa sociedade, portanto **preste atenção** quanto ao que esperar... e **esteja preparado** para possíveis reações imprevistas que podem acontecer em algum momento, vindas de conhecidos ou desconhecidos.

Você precisa primeiramente ter muito **respeito por si mesmo** e buscar um firme senso de autovalor. Assim poderá vencer qualquer sombra que outros projetem em você, tentando lhe ofender, diminuir ou “mudar”; ou seja, quando alguém tentar projetar (ao invés de resolver) o que teme nele próprio, você poderá defender-se, pois terá adquirido previamente uma base teórica e o fortalecimento de suas estruturas mais internas, fundamentos que lhe ajudarão a **permanecer calmo, firme e digno**, acima das adversidades e dos “inimigos” (irmãos ignorantes).

Não é raro que homofobia e violência homofóbica (em especial) sejam sintomas inegáveis de **desejos sexuais profundamente reprimidos**, mesmo que possam ser inconscientes para quem os carrega. *O fato de não enxergarmos algo não necessariamente implica que este algo não exista.* Esta verdade é corroborada por inúmeros experimentos recentes, que poderão ser confirmados pelo leitor através de uma breve pesquisa na internet: *homofóbicos se excitam sexualmente mais do que heterossexuais quando assistem a vídeos pornô de homens que transam com homens.*<sup>2</sup>

Portanto, estimado Teseu, você provavelmente **NÃO é o primeiro nem o único, muito menos o último** da tua nobre linhagem a apresentar os “sintomas” do questionamento sobre gêneros, sexo, poder, papéis sociais e sexuais.

Nem vai ter sido o único que: “um dia se apaixonou pelo seu primo”; “não conseguia se separar do seu melhor amigo”; “apaixonou-se pelo colega de trabalho e ficou sem saber o que fazer”; “pegou uns carinhas quando era mais jovem, mas isso não significou nada”; ou que fez “troca-troca” quando criança, mas “era tudo de brincadeira”.

Sabemos (pelas experiências, relatos e pesquisas), que existem **sutilezas** e subdivisões dentro do dito “mundo gay”; e que, em muitos casos, a palavra “gay” sequer se aplica, apesar dos relacionamentos (afetivos ou/e) sexuais homo-orientados.

Uma vez que você concorre (merecidamente ou não, o que é mais provável) ao título de “ovelha rosa da família”, saiba: **SAIR DO ARMÁRIO não significa expor-se ao ridículo** para ser destruído pelos círculos sociais. Não é necessariamente assumir um corpo delicado e trejeitos afeminados, afetações e paetês. Não é pra servir de assunto em rodas de fofoqueiros maldosos, nem apanhar na rua, nem ser alvo de piadas, indiretas e chacotas.

Aliás, **desrespeito é um ato criminoso**, e há sanções legais previstas. Não deixe de exercer seus direitos à liberdade de ação e expressão. Afinal, antes de ser hétero, gay, bi, trans ou pan, **você é um cidadão brasileiro**: paga impostos, cumpre suas obrigações civis e, em contraparte, tem direitos

básicos inalienáveis, garantidos por leis cujo cumprimento deve ser observado e exigido.

Lembremos, ligeiramente, que até num passado bem recente era normal encontrarmos “tratamentos” para “consertar” pessoas canhotas! Está certo isso? Funciona?

Como o **herói** que, executando sua difícil missão de matar o monstro terrível (o minotauro ou o esqueleto no armário), consegue – pelo engenho – desembaraçar-se do labirinto que guardava o segredo bombástico... Assim você pode saber que nem só de “mulherzinhas”, “florzinhas”, “bichas” e “gazelas” é constituído o mundo que agora entrevemos, ainda timidamente, e pelo qual parece haver **crecente atração das pessoas** nos últimos tempos. Não sabemos se isso se dá por pulsão coletiva (compulsão?) simplesmente, ou se conta muito o reflexo da ação da mídia e do capitalismo de olho no “*pink money*” e “pagando de” tolerante...

Tratando-se de **problema complexo**, nossos conflitos de gênero não podem ser resolvidos por compostos lineares, nem explicações simplistas. Vamos ter que **ruminar** um pouco sobre o assunto (ao longo do tempo), mas também precisamos estar preparados (livres) para saltos quânticos (fora ou além do tempo)!

Ficou confuso? É simples.

Então você quer sair do armário?

Ou você não quer sair, mas quer saber onde se encaixa nessa história, e o que você “acha que sente que tem” dentro da sua caixa-preta, seu “*closet*” interior?

Por agora, apenas relaxe!

Você não é uma aberração, não é um “pecador”, não vai pro inferno porque está lendo estas informações. Lembra-se dos golfinhos, os ratos, as abelhas, as libélulas que citamos anteriormente? Então. Você não necessariamente está certo, tudo bem; mas também não está necessariamente errado...

Você **não é o único hetero-variante da sua família** (PODE

ACREDITAR NISSO!), e saiba que as variações de comportamento e sentimento são tão enormes dentre os humanos que é virtualmente impossível você não saber que há bem mais gente assim no mundo, em situações parecidas ou até muito mais difíceis que a sua.

E, a melhor parte: **VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHO!**

Se você, leitor exigente, acha que este livro é ridículo, meloso ou apelativo, tudo bem! Pode parecer que é só *marketing* de venda ou talvez um mero golpe de simpatia, mas pode também ser clara a necessidade de repetirmos coisas (piegas assim), com esse jeitinho de autoajuda... Sabe por quê?

Porque **fazer esquecer o óbvio e ocultar o básico são duas formas eficientes de manipulação política.** Muito em voga, aliás, há séculos!

Como poderemos vencer?

Em primeiro lugar, adquirindo conhecimento. Ao mesmo tempo, procurando pessoas que pensem como nós.

---

8. Ou “se amostrar”, na língua do povo.

9. Artigo disponível em: <http://www.landman-psychology.com/Homophobia%20Associated%20with%20Homosexual%20Arousal.pdf>

## Capítulo 13 - Vá procurar tua turma!



Afinidade, simpatia e compartilhamento de experiências são fundamentais para o desenvolvimento de qualquer ser humano.

Não podemos viver completamente sós, não por muito tempo. A menos que sejamos homens santos que se retiram do mundo; gênios reclusos ou, mais comumente, antissociais psicóticos e megalomaníacos, nós preferiremos levar uma **vida em coletividade**, contando com o apoio de nossas famílias, amigos, parentes e de todos os demais “simpatizantes” à nossa volta.

Pelo menos em hipótese, são eles que podem nos ajudar a “descobrir” (tirar o que cobre) as “verdades” da vida. São eles que podem nos dar **apoio, conselhos e cuidados** nas horas de crise, dúvida e solidão.

Se você já sente que precisa conversar sobre questões assim tão pessoais, o mais provável é que, realmente, tenha chegado a hora de você “desabafar” (tirar o bafo?), “abrir o jogo” e, por que não?, pedir ajuda se precisar.

É bastante comum que as **primeiras experiências** homossexuais ou homoafetivas dos homens (e das mulheres, imagino) sejam muito difíceis. Há casos em que a personalidade entra em **conflito** tão intenso que ela se desestrutura, desaba, desmorona. Este conflito pode irromper subitamente, assim como acumular-se ao longo dos anos até virar um *complexo* difícil de “desatar”.

Por diversos **fatores sociológicos e psicológicos**, há certa tendência à

volatilidade nos relacionamentos humanos, inclusive os homo-orientados. Isso pode levar alguns “iniciantes” a uma terrível decepção em relação ao “admirável mundo novo”, quando não à experiência de sentimentos até muito piores, tipo: abandono, sensação de “ter sido usado”, frieza emocional crônica, necessidade patológica de controle ou infinitos tipos de humilhação direta e indireta.

Portanto, querido leitor, seja SEU próprio amigo.

### **Cuide-se. Trate-se com gentileza.**

Não se desespere, não seja irresponsável, vá com calma, não aceite qualquer proposta, não conte tudo pra todo mundo, enfim... Proteja-se!

Agora você se pergunta: como é que eu posso sair do armário, achar minha turma e me proteger ao mesmo tempo? Que coisa estranha, é isso mesmo? Olha:

Encontrar pessoas que pensam (ou se comportam) como você pode trazer **grande alívio** a sentimentos comuns de inferioridade, como “sou o patinho feio do mundo”, “eu traí a confiança daqueles que mais me amavam, como eu sou podre!”, ou ainda “ninguém vai me amar, porque eu sou um transviado pervertido e não sou digno de ser amado”.

### **Parece exagero, mas na verdade é eufemismo.**

Bom, sabemos que cada pessoa é singular, mas parece que precisamos nos organizar em grupos a fim de sobreviver, e de inferir-deduzir categorias na tentativa de organizar ideias. A **Sociologia** e a **Antropologia** pesquisam as variáveis e contextos dessas associações de espaço-tempo-cultura-língua, porém voltemos ao nosso mui humilde tema:

Quais as principais tribos LGBT?

Antes de começarmos qualquer tipo de lista, uma **RESSALVA ESSENCIAL**: o comportamento humano é ultracomplexo, e sua descrição ultrapassaria, para ser exata, qualquer tipo possível de **redução** em qualquer tipo de nomenclatura, a qualquer tempo.

Isto significa que: um *nome* serve para referir-se a um “grupo” de pessoas, mas não se esqueça de que: 1) nem todas as pessoas do “grupo”

têm todas as características estigmatizadas sob cada “rótulo”; e 2) não existe um só ser humano que seja um “tipo” puro, **somos todos híbridos**, em diferentes proporções de diferentes fatores, jamais 100% coisa alguma.

Sendo justos, por outro lado, não temos como falar sobre certos “setores” da sociedade, ou “grupos” e “minorias” sem pronunciar os **rótulos** pelos quais eles são reconhecidos na estampanha de nosso leque de estigmas. A listagem pode ainda ser um exercício semântico interessante, se puder nos ajudar a desmistificar o peso das palavras.

Esperamos que assim ninguém se ofenda, nem sejamos acusados de “forçar a barra” em nenhum momento. Vamos falar apenas o **mínimo**, deixando que a imaginação e a pesquisa pessoal preencham as lacunas.

## HETEROSSEXUAL

Em grego, “*héteros*” significa “diferente, outro”, portanto heterossexual é a pessoa ou animal que pratica ato ou cerimônia sexual com outra que seja necessariamente do sexo oposto ao seu.

A heterossexualidade é uma **necessidade biológica**, e o ato sexual entre machos e fêmeas é um dos principais meios empregados pela Natureza para a perpetuação dos experimentos genéticos que são conduzidos neste planeta, organizados sob as formas inteligentes de animais, plantas e miríades de seres.

Eu, por exemplo, onde quer que esteja (mesmo que seja na criação que é um eu lírico ou até a despeito de tudo), nasci de um pai e uma mãe (qualquer autor humano é sempre um animal e, portanto, um ser híbrido).

A Natureza encarregou-se de gerar mecanismos biológicos que garantissem a atração sexual (etc.) entre machos e fêmeas, e dotou cada qual com certo “equipamento” para desenvolver funções determinadas durante o ciclo de reprodução [animal] humana. O ciclo menstrual, a ovulação... a espermatogênese (gênese dos espermatozoides), as lubrificações do corpo, os músculos, esfíncteres, secreções, cheiros, neurotransmissores, feromônios...

Na verdade, somos mesmo feitos à imagem e semelhança de um “*sex*

*machine*”, como se diz por aí. Obviamente, o resultado principal é a procriação.

A manutenção da família vai além do cuidado com os filhos e tem sido tradicionalmente distribuída da seguinte forma: os homens oferecem trabalho muscular e empreendedor (“o provedor”), enquanto a mulher exerce um papel estratégico, político e mantenedor. (Se não for verdade, tudo bem. Só sei que nada sei, também.)

O Direito Civil regula os casamentos, a propriedades, a transmissão dos nomes e títulos. Há outras cerimônias consagradas, tais como formatura, noivado, batismo, posse, inauguração, etc.

O reconhecimento dos direitos civis igualitários para homossexuais (em equiparação aos heterossexuais) e o respeito à diversidade sexual ainda não são realidades atestáveis em todo o Brasil, muito pelo contrário. A luta continua!

O universo heterossexual é infinitamente amplo e é o mais complexo, pois, a rigor, **não existe um “universo heterossexual” separado de todo o resto**; assim como “universo gay” é apenas a **hipérbole hipócrita** que utilizamos para segregar uns grupos de outros.

O mais interessante – e observável nos telejornais – é que as fronteiras entre o mundo hétero e homo, bi ou mix (ou seja lá que nome você aceitar que lhe imponham) estão borradas, estão em **crise de porosidade máxima**.

O **machismo** é como uma parede dura: não tem flexibilidade para adaptar-se às expansões e contrações do conjunto-meio que o cerca; desta forma, é responsável pela **desestruturação física e psicológica da célula familiar** e de seus membros. Conseqüentemente, todo o organismo social experimenta contrações, espasmos de dor. Não é só o homem que sofre, todos pagam um preço alto por essa nossa “**coreografia de valentões**”.

Nossa opinião é a de que o dito “*mundo straight*” sofre de **hipocrisia crônica, homicida e degenerativa**. Apesar de haver milhões de casais heterossexuais equilibrados e sinceramente plenos, felizes, existe uma minoria muito mal resolvida que muito se beneficiaria em cultivar valores

hoje considerados retrógrados tais como **franqueza e inocência**. E que parasse de “chifrar” os seus parceiros, em manobras que nem Zeus, o deus imortal, teve tempo ou sagacidade para inventar. (Todo Ricardão tem um quê de MacGyver.)

Mesmo não acreditando sequer neste método de categorização que acabamos de expor, a melhor opção é continuar. Antes, porém, uma última observação:

A **hetero-normatividade** (ou seja, o fato de a heterossexualidade ser necessária, além de ser sugerida e até “levemente” **imposta como opção principal** ou favorita de uma cultura) não significa que NINGUÉM tenha o direito de ser **hetero-fascista** (ou seja, que imponha de forma “mais que sugestiva” qualquer modo de expressão sexual e afetiva: porque aceitar uma ditadura, seja ela qual for, é loucura e é inaceitável!)

Tampouco será tolerado um “extremismo gay”, vez que, como observamos no caso dos *hetero-hitlers* e seus “tratamentos de conversão”, a guerra não é um comportamento necessário, nem eficiente, não funcionaria neste caso em que precisamos é de muito tato, discrição, respeito e apoio.

**Heterossexismo** é o pensamento normótico que considera todas as pessoas *como sendo* heterossexuais até que se prove o contrário. As alternativas à heterossexualidade não são reconhecidas, sendo consideradas “desvio”, “anormalidade” ou “aberração da natureza”. O termo contrapõe-se a “homofobia”, pois o heterossexismo não reconhece alternativas (é uma violência de anulação, portanto indireta), enquanto o homofóbico não só reconhece a diferença, como sente uma aversão incontrolável (ou seria um tesão reprimido?) e tenta resolver seus conflitos interiores pela violência direta, exteriorizada ou sutil.

Há inclusive velhos senhores que, ainda hoje, pensam e ensinam para seus pupilos mais jovens: “— Homem que é homem, pra ser respeitado no Brasil, tem que financiar pelo menos duas casas, duas mulheres... tem que ter duas famílias!” Esta frase infelizmente foi ouvida no mundo real, não em algum pesadelo ou obras de ficção.

Sendo heterossexual ou não, o importante é que você seja (e esteja)

livre para pensar o que quiser! Use sua inteligência e abra seu coração. **Seja sincero consigo mesmo e não engane ninguém!** Isso pode lhe ajudar muito mais do que qualquer tipo de livro...

## GAY

Segundo a explicação mais comum, “*gay*” é uma palavra originária do inglês, hoje [praticamente] incorporada ao português do Brasil. Pesquisas comprovam que, na verdade, ela remonta ao latim tardio “*gaiu*”, transmitido do francês arcaico “*gui*”, até virar “*gay*”, em inglês mesmo.

A palavra é empregada tanto para homens quanto para mulheres e bissexuais, mas não é exatamente “a melhor” possível (pois já sabemos que palavras servem mesmo é para controlar pessoas, lembra?), porquanto torne a lesbiandade e a bissexualidade invisíveis e silentes, (como se fossem inexistentes?)

Há quem use “*gay*” para referir-se a todos os homens considerados afeminados ou a travestis e transexuais. Isso ocorre em função da **confusão** e da **ignorância**, que ocorrem frequentemente quando temos de manobrar o espinhoso e incômodo esqueleto-medo que foi confinado em nosso armário-armadura.

O termo é demasiado genérico. Como poderemos reduzir numa só palavra um **conjunto** composto de, por exemplo: um “*bear*” (urso) bombado, uma travesti, uma “*drag queen*” montada, outra desmontada e um cara totalmente discreto, “*the guy next door*”?

“Bando de gays!”, ladram os generalistas.

“*Gay*” serve pra ridicularizar e enquadrar, mas, convenhamos, não diz muita coisa não... O povo, por motivos mil, adora criar nomes e apelidos para órgãos e comportamentos sexuais. Uma lista não só seria de muito mau-gosto, mas desnecessária: basta ligar o rádio e a TV para ouvir as “novidades” no *front* da indústria e do gênio nato da putaria brasileira. O que não falta é sinônimo de sacanagem nesta língua, e o que mais se vê é gente safada, hipócrita, proselitista e mal resolvida.

Provavelmente desde o tempo em que se falava latim, o “homem

alegre” ou “*Gaius*” (latim: “feliz, contente, alegre”) já era apontado e diferenciado, tanto que recebeu um nome que foi transmitido entre as diversas culturas.

Cada palavra carrega o **estigma** de sua própria história, e a expressão “homem alegre” não era exatamente uma apreciação positiva como pode parecer, mas antes uma forma de ironia, sadismo e sarcasmo para referir-se aos homossexuais, fossem homoafetivos ou não.

Foi para acalmar os ânimos e *diluir* a carga pejorativa dos palavrões utilizados contra a comunidade que os tais LGBT **apropriaram-se** da gíria “*gay*” para falar sobre si mesmos. Dado o nome, tudo mudou: muitas pessoas, antes, sequer *se reconheciam* sob qualquer nomenclatura, e menos ainda como sendo componentes de uma sigla; apenas faziam o que faziam, eram quem eram.

Sim, sim, tudo é muito recente, mas não estamos todos perdidos. Mesmo com tanta confusão, **nós vamos sair desse labirinto**, são e salvos. Quer ver?

Vamos agora conhecer alguns dos vários outros nomes (mais e mais velhos estereótipos?) que se referem a subgrupos do conjunto dos gays. Segue uma lista básica, para entretenimento e informação:

- **Ativista:** está 100% fora do armário e luta ativamente pelos direitos da comunidade LGBT, podendo ser afeminado ou não.
- **Baitola:** empregado no nordeste brasileiro, geralmente é só o homossexual passivo. O ativo tem outros nomes.
- **Barbie:** gay musculoso, bombado.
- **Bear** (urso): geralmente tem muitos pelos e/ou barba, com aparência e maneirismos bastante másculos. Pronuncia-se /béar/
- **Bicha:** de origem controversa, a palavra pode ter vindo do francês “*biche*”, que é a fêmea do veado. Também utilizado para referir-se à jovem mulher francesa, no Brasil foi utilizado inicialmente para designar as prostitutas. Os homossexuais se apropriaram do termo, mas os estereótipos e a mitificação ao seu

redor acabaram por transformar o que era para ser uma marca positiva de identidade e contracultura em ofensa e xingamento. Contudo, novas gerações estão utilizando a palavra de novo (bicha, *beesha*, *bee*) sem a carga de machismo que ela tinha outrora, o que pode ser um sinal de que o preconceito está diminuindo.

- **Bichinha:** termo depreciativo, sinônimo de verme, devendo ser evitado. Utilizado por pessoas problemáticas ou invejosas.

- **Bofe:** gay com papel preponderantemente ativo.

- **Bofeca:** ou “bofe boneca”, faz a linha “ativação” mas, na verdade, é sinceramente passivo.

- **Chaser** (caçador): o que procura o urso (*bear*). Pronuncia-se /tchêizer/

- **Chub:** um urso gordo ou obeso. Pronuncia-se /tchâb/

- **Cub** (filhote): versão mais jovem de um urso. Pronuncia-se /kâb/

- **Daddy:** gay mais velho, que pode ser urso ou não. Pronuncia-se /déeDy/

- **Homofóbicos:** existem gays homofóbicos!

- **Incubados:** mentem sobre sua sexualidade, reprimindo-se por conta de família, religião ou causas psicológicas mais profundas. Inclui alguns dos casos que relataremos no Capítulo 16, com destaque para homens casados.

- **Moderninho:** geralmente não-afeminado, veste-se bem e curte festas eletrônicas, estando a par da cena alternativa, sempre na moda!

- **Quá-quá:** gay extremamente afeminado, gosta de um visual chamativo e tem fama de ser sempre passivo, podendo ser andrógino. Gíria também utilizada por travestis para falar dos que ainda estão no processo de transformação corporal. E significa ainda “bicha pobre”, para os elitistas.

- **Teen:** gay adolescente, ou maior de 18 anos desde que tenha aparência jovial.

- **Tricha:** ou “três vezes bicha”, é bastante afetado, até mesmo escandaloso; como sempre, há tanto os desagradáveis quanto os que sabem se comportar, mesmo sendo ultra-afeminados. A tricha é

quase uma mulher!

- **Trucosa:** gay que vive na igreja, jura que é evangélico, diz que nunca foi gay ou que ele é ex-gay; mas seu comportamento, longe do contexto controlado de suas vidas públicas, revela outra coisa...
- **Veado** ou **viado:** animal que representa virilidade em muitas culturas, no Brasil foi associado ao grupo 24 (“vim-de-quatro”, no trocadilho) do jogo do bicho (números 93 a 96), segundo alguns. Outros juram que o animal se oferece a outro macho da espécie, a fim de proteger a fêmea. De toda forma, o termo é controverso e inadequado, geralmente considerado muito ofensivo, e seu uso também deve ser evitado.
- **Ventilador** (ou Walita): aquele que entra no bar, senta-se e começa a atirar para todos os lados, virando a cabeça pra lá e pra cá, obsessivo como um ventilador, “secando geral”.

Brincadeiras e generalizações à parte, é mais ou menos isso o que dizem...

## HOMOAFETIVO

Radicalmente falando, homoafetivo é, pela lógica, alguém que **sente afeto por alguém do mesmo sexo**. Pode ou não haver desejo/componente sexual, mas o que está em foco aqui é o **afeto**, a **afeição**, a **compatibilidade emocional e psicológica**, o **prazer** que se tem em ficar junto de quem a gente gosta. E daí que ele é homem? E daí que é mulher? E daí se é seu amigo? E se for preciso começar por você mesmo?

Um exemplo simples: o relacionamento e o amor que um **pai** tem por seus **filhos** homens, necessariamente, assim como o dele com o teu **avô**, são de natureza homoafetiva. “Se liga” nos radicais, no que dizem as palavras sobre suas origens!

A rigor, até **amor próprio** – se você considerar a totalidade do seu ser na hora de se olhar no espelho – é sem dúvida a mais pura **homofilia**, homoafetividade pura!

Por favor não pense que você precisa ser homoafetivo para existir, nem que alguém aqui (ou em qualquer parte) esteja questionando a sua

masculinidade, meu camarada.

**Não é preciso fazer lavagem cerebral subliminar** quando a situação é tão deficiente que clama pelo entendimento de todos, tamanhos são o **desespero e o abandono dos homens de hoje em dia**.

O peso sobre nossas costas pode ser aliviado. A **compreensão**, a **paciência** e o **perdão** podem fazer milagres pela autoestima de cada ser humano.

Da mesma forma, poderíamos filosofar sobre “heteroafetivo” ou “hetero-afetividade”, mas o exercício é desnecessário e o leitor, inteligente.

“Homoafetivo” é [mais politicamente correto e] usado em preferência a “homossexual”, pois dá mais destaque ao vínculo emocional entre os parceiros do que utiliza suposições acerca da intimidade alheia para criar bichos-papões.

## HOMOSSEXUAL

Essa todo mundo sabe: homem que faz sexo com homem, e mulher com mulher, pronto, muito simples.

Simple também até demais é **ultra-simplificar** tudo e tentar **reduzir** o complexo fenômeno que é a **vida** de uma pessoa a um **título ou rótulo** que lhe é imposto juntamente com o **estigma** de que seu *estilo de vida* seja descrito a partir de um ato “sexual”.

É fácil demais enquadrar os outros! Difícil é discutir o critério e a legitimidade do comitê legislador, o fazedor de nomes. Porém, grande desafio de verdade é encontrar pessoas autênticas, corajosas e genuinamente sinceras que [ainda] não tenham sido trucidadas pelo “Sistema”.

É aí que o gênio brasileiro afirma: “— O cabra tem que ser muito macho pra ser viado!”

## BISSEXUAL

Alguém que transa com pessoas do sexo masculino e do feminino, e vice-versa, perfazendo assim a totalidade da experiência com os dois gêneros tradicionais.

Conhecido popularmente como “gilete”, “total-flex”, “AC/DC” ou “bivolt”, é o terror das famílias, considerado por muitos (inclusive alguns setores LGBT) como sendo “putaria pura” ou só “safadeza mesmo”.

Bissexuais podem ser ativos, passivos ou versáteis. Estes termos serão mais bem explicados no Capítulo 15. Sendo os mais quietos e também A MAIORIA das pessoas, colhem os benefícios desta “zona” em que nos encontramos quando o assunto é “sair do armário”.

**A hipocrisia é também motivo de muitos crimes**, tais como: adultérios; estupros; corrupção e sedução de menores; prostituição como forma de trabalho escravo; tráfico de pessoas; transmissão consciente de HIV para parceiros depois de “pular a cerca”, etc.

Por outro lado, se fôssemos “cadastrar” todos os bissexuais, o problema seria total: segundo Freud (aquele mesmo), TODOS nós nascemos potencialmente bissexuais.

De acordo com nosso desenvolvimento – e dados as variáveis internas e os estímulos do ambiente externo –, progredimos em experiências até que a maioria de nós acaba por **estabilizar-se e organizar-se** como sendo mais isto ou aquilo, conforme as nomenclaturas.

Na verdade, poderíamos falar não de divisões estanques, mas de **gradações, proporções** da presença dos elementos masculinos ou/e femininos.

De todo modo, *oficialmente todo mundo é bissexual*. Ponto final, pelo menos segundo aquele velho barbudo colecionador de escorpiões, pesquisador da hipnose, da histeria e dos efeitos da cocaína.

Os bissexuais têm fama de arruinar os casamentos (começando pelos próprios!), mas talvez também possa ocorrer justamente o inverso: as instituições que engessam as pulsões sexuais acabam por perverter a essência do casamento, levando cada cônjuge monogâmico frustrado a comportamentos extremos, que não precisamos detalhar.

Como psicologia é um assunto que escapa aos limites deste pequeno ensaio, sugere-se leitura adicional, além de muito **amor próprio**.

## TRANSEXUAL

Alguém cuja **identidade de gênero** não é, necessariamente, a mesma originalmente relacionada a seu corpo físico ou gênero biológico. Pode ou não haver desconforto com seu próprio sexo anatômico, ou até mesmo um sentimento de impropriedade ou não-pertencimento.

A **identidade de gênero**, neste caso, não está relacionada ao sexo da pessoa, nem por identificação com a genitália nem com a genética. Ela, por outro lado, quase sempre está relacionada a fatores diversos, como: família, comunidade, trabalho, religiosidade, etnia, etc.

O transexual é uma pessoa cuja identidade de gênero é diferente daquela ditada pela “norma”, a regra transitória e favorita de nosso supervalorizado processo de acúmulo psicológico. A pessoa (ele ou ela) expressa o desejo de viver e de ser aceita como sendo do sexo oposto.

Em saúde pública, geralmente o termo é usado para referir-se àquele/a que foi submetido/a a **cirurgia de mudança de sexo**, por expressão de vontade pessoal e geralmente depois de longo processo psicoterápico de preparação, confirmação e triagem.

## TRANSGÊNERO

Alguém cuja identidade de gênero é diferente daquela ditada pela norma, segundo a qual só existem macho e fêmea.

São pessoas que procuram (ou foram levadas a) **transcender nossas categorias** mais sinceras e nossos medos mais profundos.

Infelizmente, há pouquíssima compreensão acerca deste tema em nossa sociedade. Transgêneros, transexuais e travestis ainda são vítimas de muito **estigma, preconceito e violência**, no Brasil e no mundo.

É preferível a utilização de “transgênero” no lugar de travesti, “*crossdresser*”, “*drag queen*” e transexual, quando queremos ilustrar um quadro mais amplo e inclusivo.

Dizendo de modo geral, ser ou não ser transgênero é algo que tem a ver com a **expressão** e a **identidade de gênero**, e não com o gênero biológico (sexo) da pessoa. A orientação sexual, aqui, não é o ponto principal. A

identidade é que está em jogo.

## HOMEM QUE FAZ SEXO COM HOMEM

Um animal humano do sexo masculino que, apesar de praticar coito (ou qualquer outro tipo de ato sexual) com outro homem, **não se identifica** com qualquer comunidade “gay”, “bi”, “mix”, “trans” ou “simpatizante”.

A expressão é, no oriente, de uso comum, corrente; e este comportamento é bastante tolerado. Considerada por muitos uma **situação de fato**, precisa ser reconhecida de alguma maneira.

O melhor modo de fazer isso seria utilizar a **abordagem direta**, mas este método é impossível no nosso caso. Primeiramente, não temos esse direito, nem missão, nem ambição. Em segundo lugar, há um provérbio, muitíssimo popular em nossa pátria amada, que diz que “viado é quem dá a bunda, quem come não é gay”. Sinceramente... me poupe!

O fato é que este grupo existe, tanto que é alvo específico de políticas de saúde pública. Uma tabela (mesmo simplificadamente) pode nos ajudar a compreender melhor as diferenças de paradigma:

OCIDENTE	ORIENTE
Orientação sexual	Orientação de gênero
Homossexual, gay	Terceiro gênero
Heterossexual, “ <i>straight</i> ” (Pronuncia-se: <i>listrêiti</i> )	Homem másculo, masculino
Viadagem, boiolice, pederastia	Sexo entre homens
Nomes são mais importantes que a prática	A prática se sobrepõe à nomenclatura
Sujeito à escravidão do rótulo (estigma)	Procura desprezar ou escapar do rótulo (fatos da vida)

## INTERSEXO

Pessoas muito interessantes e especiais que, por inúmeros motivos ainda não totalmente conhecidos, nasceram com peculiaridades genéticas, as quais podem ser de vários tipos.

Esta palavra é preferível a “hermafrodita”. O nascimento de **seres híbridos** de fato acontece, sempre aconteceu, e tudo indica que sempre acontecerá.

Se pudermos ser só um pouquinho menos egoístas, conseguiremos imaginar que a **vida** dessas pessoas não deve ser muito fácil na sociedade em que vivemos.

Às vezes um ser humano nasce com cromossomos masculinos, mas sua identidade de gênero pode vir a ser diferente daquela esperada para um “macho” (ou daquilo que abstraímos, generalizamos e impomos conforme nosso modelo de macho cultural em vigor).

E assim também podem ocorrer misturas e gradações, com infinitas gamas de variação entre macho e fêmea. Neste caso, os gêneros estão juntos, misturados num mesmo **corpo**.

Além da questão física, endocrinológica ou genética, a intersexualidade também compreende questões de identidade, sendo considerada uma manifestação do tipo transgênero, certamente posicionando-se acima das denominações tradicionais e desafiando-as.

## TRAVESTI

A origem da palavra “travesti” é muito interessante. Originalmente formada pelos radicais latinos “*trans*” (através de, além de, mudança) e “*vestire*” (vestir, vestir-se, costurar), “*travestire*” tinha um significado amplo de “**disfarçar**, vestir de outra coisa que não o que esperamos como cumprimento das normas sociais implícitas ou explícitas”.

A pessoa pode travestir-se de modo a alterar sua aparência de gênero, idade ou sexo. Ainda hoje podemos usar o verbo “travestir” no sentido de “**transformar**, disfarçar, tornar irreconhecível, falsificar”, como “um lobo travestido de cordeiro”.

A palavra foi incorporada ao italiano “*travestire*”, tornando-se parte do

acervo das línguas neolatinas e surgindo daí no francês “*travestir*”. Posteriormente, foi incorporada ao alemão “*Transvestit*” e depois ao inglês “*transvestite*”.

A partir do século XX, ela é progressivamente globalizada, e hoje infelizmente formou-se em torno dela um **estereótipo** mundial, tendo o termo sido fortemente associado a um universo de prostituição e fetiche. Por este motivo, grupos de Direitos Humanos recomendam a utilização do termo “**transgênero**”.

Curiosamente, há uma palavra específica para o travestismo masculino, ou seja, para homens que se vestem de mulheres: o termo “*eonismo*” surgiu em homenagem (ou referência) ao agente secreto francês Chevalier d’Eon (1728 – 1810), que viveu 49 anos como homem e 34 como mulher. Dizem até que ele era amante de Luís XV, concorrendo com ninguém menos que Madame de Pompadour!

Voltando ao que importa, há pelo menos três tipos básicos de travestismo:

a. **Travestismo fetichista**: é uma *parafilia*, ou seja: algo que anteriormente era chamado de “perversão sexual” e que hoje é considerado parte da variação e da diversidade humanas (excetuando-se os casos em que os comportamentos são considerados patológicos, conforme veremos). A pessoa se traveste do sexo oposto a fim de obter **excitação sexual**, mas é comum que haja sofrimento psíquico ou arrependimento, exigindo que ela retire aquela “fantasia” imediatamente após o orgasmo. Em casos de sofrimento extremo, este quadro é considerado *doença* pela psiquiatria, classificado em CID-10 F65.1 (travestismo fetichista) e F65.6 (transtornos múltiplos da preferência sexual). Em várias outras situações, geralmente mais amenas, esta forma de travestismo antecede a transexual, como veremos abaixo.

b. **Travestismo transexual**: não é uma parafilia, ou seja, o ato não

está relacionado à fonte do prazer e sim à questão da **identidade de gênero**. A pessoa quer viver e ser aceita como sendo do sexo oposto.

- c. **Travestismo exibicionista**: a pessoa se traveste por outras razões, seja em situações esporádicas ou frequentemente.

Estatísticas revelam que a incidência do travestismo entre humanos é de cerca de **oito casos para cada 100 mil** nascimentos, sendo mais frequente no sexo masculino, numa proporção média de 5-para-1 em relação ao feminino.

Por conta do estigma e do preconceito em nossas sociedades, o **mercado de trabalho é muito restrito** para essas pessoas, e muitos – infelizmente a maioria – dependem da prostituição (eventual ou regular) para seu sustento e o de suas famílias. Também a baixa **escolaridade** é característica de muitos travestis, provavelmente porque a maioria não suporta as piadas e o **bullying** escolar que concorrem com a reação de estranhamento às transformações corporais induzidas por hormônios; ou simplesmente pela pura **falta de educação geral para a diversidade e o respeito mútuos**, na escola e no mundo.

Atualmente os **travestis** se organizam em grupos cada vez mais fortes e lutam para assegurar direitos importantes. Entre as conquistas recentes, destacam-se o **direito ao uso do nome social** (como prefere ser chamada) em vários dos estados da Federação, e a obrigatoriedade de seu emprego nos atendimentos via Serviço Único de Saúde (SUS). Obviamente, o nome próprio é um ponto essencial quando lidamos com questões que, muito além de sexualidades, envolvem **identidades**.

## **CROSSDRESSER**

Pronuncia-se /króss-drésser/

São pessoas que vestem roupas, peças ou acessórios relacionados ao sexo oposto, seja por motivos pessoais, porque gostam ou por outras razões. O comportamento **não está** relacionado a qualquer orientação sexual específica, nem necessariamente implica em ser transgênero.

## TRANSFORMISTA

É alguém que veste roupas do sexo oposto, geralmente para **fins comerciais** ou **artísticos**, sem que isso necessariamente interfira em sua orientação sexual. Difere-se do “*crossdresser*” porque, em seu ato de travestir-se, estão (teoricamente) ausentes os componentes sexuais, eróticos ou emocionais.

## DRAG QUEEN

“*Drag Queen*” (pronuncia-se /drégui-kwín/) é uma expressão originária da língua inglesa (abreviação de “*DRessed As a Girl*”), e em sentido amplo, engloba todos os homens que se “vestem de mulher”. Mas não é bem assim. Hoje em dia, “*drag queens*” são mais especificamente definidas como **artistas performáticos**, que se “montam” (ou se produzem) de modos exagerados e frequentemente cômicos. As *drags* foram lentamente incorporadas pela sociedade brasileira, e hoje – além das boates gays e do meio LGBT – é comum encontrarmos esses artistas em formaturas, aniversários e outras celebrações festivas. São consideradas muito **engraçadas**, e a presença de uma “*drag queen*” é sempre uma coisa que não tem como passar batida!

## ASSEXUAIS

São pessoas que não manifestam atração sexual. Podem ter relações sexuais ou não, a depender de como se relacionam com seus parceiros. Além de baixa eroticidade (genital, pelo menos), pode haver pouca ou nenhuma atração romântica.

Os assexuais não são necessariamente celibatários. Conquanto o celibato seja uma abstinência voluntária de atividade sexual, isso não significa que os celibatários não tenham desejos e impulsos sexuais.

Por fim, a *orientação afetiva* dos assexuais pode ser qualquer uma: homoafetiva, heteroafetiva, bi-afetiva, transgênero, etc.

## PARAFILIAS

São as curiosas configurações de pessoas para as quais a fonte do prazer está “deslocada” do ato sexual genital ordinário. São consideradas

normais até certo ponto, desde que não interfiram na saúde física e mental de quem as exprime nem de outros.

Com os avanços da modernidade, a **diversidade** da expressão sexual humana é gradualmente incorporada ao senso-comum, e algumas coisas que outrora eram consideradas muito estranhas hoje já não o são (ou viraram motivo de comédia). Entretanto, outras manifestações como o incesto, a pedofilia e a necrofilia estão condenadas a nunca encontrar respaldo em nossas sociedades, pelo menos tais como as concebemos (ou seria idealizamos?) atualmente.

Algumas curiosas “taras” podem ser listadas, apenas para diversão (e compaixão) do leitor:

1. **Agorafilia**: atração por copular em lugares abertos ou ao ar livre.
2. **Agrofilia**: excitação em fazer sexo no campo (mato).
3. **Asfixiofilia** (asfixia): prazer [supostamente] obtido pela redução de oxigênio. Prática perigosíssima, podendo levar à morte.
4. **Autogenifilia**: homem que fica excitado ao vestir-se de mulher ou ao pensar nisso.
5. **Bondage**: prática em que a excitação vem de amarrar ou/e imobilizar o parceiro.
6. **Coprofilia**: fetiche pela manipulação de fezes, suas ou do parceiro.
7. **Dendrofilia**: atração por plantas.
8. **Emetofilia**: excitação obtida com o ato de vomitar ou com o vômito de outrem.
9. **Exibicionismo**: fetiche por exhibir os órgãos genitais.
10. **Fetiche por balões**: excitação ao tocar balões de látex (usados em festas).
11. **Fisting**: prazer com a inserção da mão ou antebraço na vagina (*brachio vaginal*) ou no ânus (*brachio procticus*).
12. **Flatofilia**: prazer erótico em escutar, cheirar e apreciar gases

intestinais próprios e alheios.

13. **Frotteurismo**: prazer em friccionar os órgãos genitais no corpo de uma pessoa vestida.
14. **Gerontofilia**: atração sexual de não-idosos por idosos.
15. **Hipofilia**: desejo sexual por equinos.
16. **Lolismo**: preferência sexual e erótica de homens maduros por meninas adolescentes.
17. **Masoquismo**: prazer ao sentir dor ou ao imaginar que a sente.
18. **Menofilia**: atração ou excitação por mulheres menstruadas.
19. **Nanofilia**: atração sexual por anões.
20. **Necrofilia**: atração por pessoas mortas.
21. **Partenofilia**: fixação sexual por pessoas virgens.
22. **Podolatria**: fetiche por pés.
23. **Quirofilia**: excitação sexual por mãos.
24. **Sadismo**: prazer erótico com o sofrimento alheio.
25. **Sadomasoquismo**: prazer por sofrer e, ao mesmo tempo, impingir dor a outrem.
26. **Tricofilia**: fetiche por cabelos e pelos.
27. **Urofilia**: excitação ao urinar no parceiro ou receber dele o jato urinário, ingerindo-o ou não. Chamado também de “*golden shower*” ou chuva dourada.
28. **Voyeurismo**: prazer pela observação da intimidade de outras pessoas, que podem [ou não] estar nuas ou praticando sexo.
29. **Zoofilia**: prazer em ter relação sexual com animais.

Segundo Freud, nós somos todos “**polimorfamente perversos**”, ou seja, podemos experimentar nossa energia de forma que **qualquer objeto** pode vir a ser fonte de prazer e realização erótica. Assim, de acordo com o primeiro dos psicanalistas, esta característica **independe de o grupo ser considerado doente ou normal**.

A *perversão* é um conceito altamente complexo na teoria psicanalítica, e infelizmente não temos capacidade de nos aprofundarmos no assunto neste momento.

## PANSEXUAL

Denominação assumida por pessoas que negam os termos tradicionais: masculino, feminino ou bi. Acreditam: que existem **muitos graus e níveis entre as polaridades** dos gêneros; em vários tipos possíveis de identidades (e processos de identificação); que outros nomes tendem a gerar estereótipos maiores.

A pansexualidade não se confunde com as parafilias (ex.: incesto, bestialidade, pedofilia, necrofilia ou os diversos fetichismos). Apenas indica uma situação em que **pode haver** desejo sexual, atração estética ou intimidade e amor romântico entre duas (ou mais) pessoas.

Destaca-se a prevalência da questão do **gênero e suas nuances no processo de atração sexual**, e não o exercício deste ou daquele papel sexual ou comportamento sexual.

\*\*\*\*\*

Como vemos, os critérios para se definir cada grupo são baseados tanto no que se vê (fato = comportamento), quanto no que se convencionou ou escolhe-se como sendo as características que vão definir o grupo [“étnico”].

Agora que você já conhece alguns dos principais “tipos” sociais existentes e operantes, cada um devidamente “selado, registrado, carimbado, avaliado, **rotulado**... se quiser voar”; talvez ache um pouco mais fácil descobrir o que lhe interessa, “qual é a sua”, para poder então observar, se aproximar e – muitíssimo mais importante – **observar-se melhor**...

Não se esqueça: **ninguém precisa ser gay**, pelo contrário, a sociedade é hetero-normativa e, muitas vezes, bem menos gentil do que isso. Contudo, nada temas: assim como um pesquisador não “vira” índio quando pesquisa as [massacradas e minguentes] tribos do gigante Brasil, ninguém vai “virar gay” só por informar-se sobre o assunto, nem por **cumprir seu dever e**

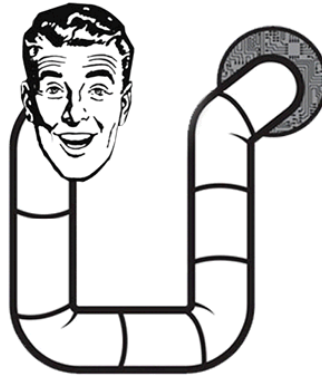
**respeitar os direitos do próximo.**

O conhecimento e a informação são duas armas vitais contra o preconceito, a ignorância e a violência. E o medo nos deixa congelados e fracos.

Chegou a hora de nos organizarmos para a grande batalha que resultará na destruição desta prisão psicológica em que nos metemos, com suas reviravoltas de solidão, perdição, temores e episódios mil.

Precisamos ir além! Você está pronto?

## Capítulo 14 - Saindo do labirinto



Então você já decidiu empreender a **aventura de ler** este livro e, ao fazê-lo, entrar no território obscuro e movediço que é a psique humana, notadamente em assuntos sexuais? Parabéns! Que coragem, hein?

Você pode reconhecer seus sentimentos conflituosos, fantasias secretas, memórias “esquecidas”; ou você, ao contrário, presencia a total ausência de qualquer desses fenômenos? Você é livre? Então apenas seja-se! Como se sente agora?

Se, em todo caso você decidiu SAIR do armário, deve estar se perguntado coisas do tipo “por onde eu começo” / “o que eu faço primeiro?” / “devo falar com minha mãe, ou com minha esposa?” / “devo me vestir na moda e ir pra boate gay?” / “será que eu tomo coragem e dou logo aquele beijo no meu primo?”

Parece ridículo e engraçado, mas não é. Quer dizer, é, porque **ridicularizar é mais fácil do que resolver** o problema, e achar graça muitas vezes é sintoma evidente de nervosismo.

Por falta de instrução, companhia ou opção adequadas, muitos homens escolhem: **1)** enterrar o assunto “para sempre” e “pegar todas as gatinhas”<sup>10</sup> possíveis e impossíveis, para esquecer de vez que já sentiu “isso”; **2)** entrar em depressão e desespero, por causa da solidão extrema, principalmente na velhice, somada ao “medo de perder o amor” dos familiares e amigos; **3)** mergulhar num impulso cego de perdição desmedida, envolvendo-se em

comportamentos irresponsáveis, perigosos e autodegradantes.

Você não precisa fazer nada disso, nem enfrentar monstros que já morreram há muito tempo em nossa cultura. **Felizmente, ainda que aos poucos, fazemos progressos notáveis.**

Vamos voltar ao princípio, fazer de conta que era uma vez... Foi assim que primeiramente nos foram contadas as verdades sobre o mundo, e é novamente em **Teseu** que vamos encontrar a força necessária para prosseguirmos.

Como sabemos, os mitos *não são* meras invenções, ou bobagens que os velhos inventaram para enganar as crianças. A *redução* da interpretação do significado mitológico a este nível começou desde pelo menos Atenas e o fabuloso “nascimento da filosofia”, quando Sócrates e outros gregos – iniciados, sofistas ou homens curiosos – usavam os mitos, deuses e heróis de forma dupla: ora os condenavam, acusando-os de mascarar a realidade ou limitar o mundo humano; ora os empregavam para ilustrar **verdades transcendentais** ocultas que narrativas lineares ou diretas nem sempre são capazes de comunicar.

O **mito é uma reação** a este universo desconhecido, e é uma criação instantânea do espírito humano, na finalidade de encontrar ordem mínima para referenciar-se neste mundo e definir ou compreender “realidades”.

Em todo caso, o **labirinto** representa a vida humana e suas dificuldades. Também representa um desafio, muitas vezes de vida ou morte, que pode nos levar à descoberta de um tesouro escondido; ou que nos leva a sair das trevas para a luz.

Pode ser um portal para a iluminação, um renascimento, ou o marco de um novo ciclo.

Por outro lado, pode também nos revelar monstros terríveis e coisas que andam escondidas nos cantos obscuros da mente de quem ainda não descobriu a força de seu centro espiritual oculto; ou seja, as sombras vampirescas que carrega todo aquele que não está em busca do autoconhecimento, da luta pela transcendência e do exercício do perdão.

O **minotauro**, por sua vez, representa a luxúria, o vício, o pecado, o demônio. É símbolo do poder usurpado, escuso, oculto ou destrutivo. Relaciona-se com os centauros, que, exceto Quíron, o professor dos filósofos, eram famosos por todas essas má qualidades.

Não é à toa que a saga de Teseu dá tantas voltas, talvez como sejam mesmo as curvas de um enorme labirinto velho, remoto e desconhecido.

Se você de fato quiser ser o herói da sua própria vida e **resgatar-se** da armadilha sinistra, é melhor não gastar toda a sua energia matando o minotauro, nem celebrando sua vitória enquanto ainda estiver preso.

Você precisa se lembrar do **fio de Ariadne**, aquele que pode te levar para fora do labirinto. Seguindo o fio (como um fio de aranha?) deixado por si mesmo enquanto entrava no labirinto, agora você pode reconhecer que o seu “**lado feminino**” (ou a ajuda da sua mulher, ou da mulher que te ama, ou seu lado mais sensível e estratégico, como preferir) foi **indispensável** para que você matasse o monstro terrível e pudesse **salvar-se** em seguida.

Além de livrar o povo de Atenas da maldição humilhante, nosso Teseu ainda nos ajudou, com o fio condutor e sua espada, a traçar esse desembaraçar-se que é a difícil luta (heroica) de sair, com **dignidade e integridade**, dos nossos próprios **armários (medos inconfessos, ou situações de conflito autoritário)**.

O fio de Ariadne representa também a costura, a ligação entre o mundo interior e exterior, aquilo que permite ao herói ter segurança e referenciais durante a sua missão que todos consideram extremamente perigosa. Este link, simbolicamente, representa o princípio ou origem (arché, ἀρχή) que leva ao conhecimento (epistéme, ἐπιστήμη).

Resumindo: para sair do labirinto, você vai precisar:

1. Localizar e entrar no labirinto (talvez você tenha de fazer uma pequena viagem até chegar à ilha);
2. Encontrar ajuda. Usar um fio condutor (novelo de lã);
3. Matar o monstro: usar a espada e o golpe preciso, eficiente;

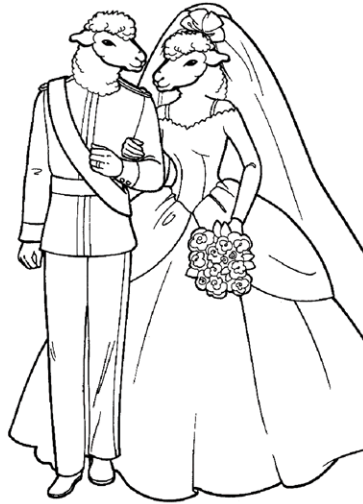
4. Sair do labirinto, seguindo o fio (que também representa seu lado sensível ou feminino).

A **espada** está associada ao princípio masculino, ativo, e denota a intensidade do empenho e a direção do movimento necessários para extirpar o mal pela raiz; ou seja, para cortar a cabeça do **monstro (que representa nosso medo, preconceito, raiva e obscuridades, e nada mais)**.

---

10. Quando não as “piranhas” e “mariposas”, entre outras tribos.

## Capítulo 15 - Papéis sexuais: tabu dentro de tabu



A primeira associação que normalmente fazemos quando ouvimos dizer que “Fulano é gay”, “Sicrana é lésbica” ou que “o Zé é gilete” é, **machistas** e latinos que somos, deduzir que tal pessoa transa com tal ou qual, e logo **imaginamos** um filminho de milésimos de segundo que cruza o espaço preto-colorido da mente inconsciente (e saliente!)

Se, pior, não houver experiência pessoal ou de simpatia nas quais possamos nos fiar para estabilizar nosso impacto frente ao diferente, não é inédito que muitos passemos a imaginar algo temível, “diferente demais pro meu gosto”, e que comecemos a **construir fantasias e violências** para distinguir o que talvez tenha sido o alimento psíquico mais difícil de **digerir** durante os últimos milênios, no pão-nosso e no dia-a-dia, seja no Leste ou no Oeste.

O resultado é bizarro: há também machismo e **discriminação** entre alguns dos vários grupos reunidos sob a sigla LGBT. O parâmetro melhor/pior, bonito/feio, pobre/rico, grande/pequeno, ativo/passivo é usado nas disputas entre as partes.

Obviamente, comparar e competir são **traços gerais da civilização** atual, e fazem parte do próprio conjunto que caracteriza nossa época (“*zeitgeist*”), não sendo coisas exclusivas do mundo gay.

A **diversidade das pessoas** independe da orientação sexual delas. Não

podemos inverter as ontologias sem cometer graves infrações e crimes abomináveis. Entretanto, temos invertido: dizemos “**isso é coisa de viado**” (associando uma coisa a um conjunto estereotipado, gerando medo e controle) em vez de “**alguém que gosta disso**” (respeitando o fato de que as pessoas são únicas, diferentes de todas as outras e que gostam de coisas variadas, sendo gays ou não).

Apesar de ser uma parte importante da vida de absolutamente todas as pessoas do mundo, nossa **sexualidade** infelizmente “precisa” ser negada, controlada, estereotipada e comercializada, para fins que não precisamos enumerar, porque basta abrir os olhos... (“*The Truth Is Out There.*”)

Mesmo em **psicanálise** (para não falar da **psicologia** e da **psiquiatria** modernas) há abundância de velhos modelos reducionistas refletidos na prática de muitos ditos “profissionais”. São teorias que operam localmente, sendo inclusive muito interessantes, mas totalmente desvinculadas da capacidade de **promover transformações políticas, práticas e existenciais** para maior integração do homem (masculino ou apenas humano) e **pacificação** de seus componentes femininos e masculinos.

A **integração de forma total** – entre **corpo, emoção, mente e sociedade** – pode ajudar a humanidade e os machos humanos (héteros ou *alters*), que precisam pelo menos de um “*band-aid*” sincero aplicado com urgência e diretamente neste “calcanhar de Aquiles” que é o assunto do presente capítulo.

Feita a ressalva dos limites inerentes a este tipo de discurso, suas ferramentas e à imprevisível interpretação do leitor; apontada a imperativa ordem (“civilizacionista”?) de deturpar a expressão sexual saudável (ou sustentável) tanto de homens quanto de mulheres; denunciada a guerra entre as “facções gays”; vamos agora considerar algumas categorias e linhas gerais.

Antes de começar, porém, precisamos fazer mais uma **ressalva** a respeito da limitação do poder das palavras, dos nomes e terminologias.

Apesar de nossa necessidade em classificar (não só para compreender, mas para controlar e discursar sobre algo ou algum grupo), quando o

assunto é sexo, devemos compreender que TODAS as partes são ATIVAS, de um modo ou de outro, mesmo que atuando em diferentes papéis.

Exceto talvez em caso de necrofilia (sexo com cadáveres) ou nem mesmo assim (pois o morto também tem um papel “ativo” na cabeça de quem é necrófilo), somos todos ativos quando exercemos nossa sexualidade e, sim, nossos papéis sexuais.

Algum engraçadinho sugere que “**é dando que se recebe**”, mas nesse momento a piada perde a graça e o povo disfarça, crente de que isso não tem nada a ver. Porque não é desse jeito que “a cabeça da gente” funciona. Então o **senso comum** classifica o pessoal da seguinte forma, enquanto não se atualiza sobre os avanços da terminologia sociológica da “*intelligentsia*”:

### **ATIVO**

Homem (ou mulher) que assume papel predominante, não só talvez de penetração (oral, vaginal ou anal), mas – igualmente importante – de “condução”, mudança, ritmo, alternância e de liderança no ato, momento ou cerimônia sexual.

### **PASSIVO**

Aquele ou aquela que (por um momento, “sempre” ou algumas vezes; parcial ou totalmente) se deixa penetrar, conduzir, brincar, subjugar ou dominar, a depender do que acontece ou/e (principalmente) de como seja interpretado.

### **VERSÁTIL**

Ativo e passivo, se formos utilizar as simplificatórias palavras disponíveis para nos referirmos aos papéis sexuais.

Pode haver alternância de papéis, tanto ao longo do tempo ou em questão de instantes, diferindo em cada caso, cada pessoa.

É também conhecido vulgarmente como “gilete”, por motivos que o leitor saberá imaginar sem precisar de ajuda.

### **SOMENTE ORAL**

Muitos homens (homoafetivos, homossexuais, bissexuais, transexuais,

travestis ou simplesmente “homens que fazem sexo com homens”) não curtem penetração (nem ativa nem passiva), e pronto.

Para resolver suas pulsões sexuais, optam pelo sexo oral como forma de obter prazer. Talvez pelo medo (salutar) de contrair doenças venéreas ou por não se sentirem seguros, prontos ou dispostos para práticas mais “avançadas”; tanto faz a justificativa.

O **sexo oral** é, curiosamente, talvez o que tenhamos de mais próximo, mais compartilhado, entre os universos heterossexuais e as “sexualidades alternativas”.

Enquanto pode-se alegar que a masturbação seja (teoricamente) melhor praticada por membros do mesmo sexo (que têm o mesmo tipo de “equipamento” e, portanto, têm chances maiores de “saber usar direito”), não há nenhuma prova (teórica, pelo menos) de que haja diferença quando o assunto é sexo oral.

Não podemos ser tendenciosos, mas programas de televisão já mostram quadros em que um homem é seduzido a receber sexo oral (vulgo “*b\*q\*\*t\**”) de uma mulher jovem e atraente, mas com a condição de que tenha os olhos vendados. Ele aceita e, durante o processo, a moça é substituída por um rapaz. Impressionantemente ou não, o “*ch\*p\*d\**” não nota qualquer diferença (dezenas de homens já caíram na “pegadinha”). Quando a venda é removida, as reações são as mais diversas. Aliás, nem tão “diversas”: geralmente o susto é acompanhado de maior ou menor grau de violência, o que também é o mínimo que se pode esperar de um experimento tão arriscado e abusivo.

A medicina contemporânea, em todo caso, adverte: se for optar por fazer ou receber sexo oral, **NÃO ESCOVE OS DENTES** antes, mas depois. As microlesões provocadas pelo atrito das cerdas podem deixar a mucosa da boca mais exposta a agentes patológicos específicos, incluindo doenças venéreas (como HIV e herpes) que você não vai querer levar pra casa depois da sua “experiência”, vamos concordar?

E, advertência muito mais importante: “chupar balinha com papel” pode até ser, se você for tão visceral assim, “menos gostoso do que chupar

balinha sem papel”. Mas se você acredita em Deus, lembre-se que Ele fez a natureza do jeito que fez, mas também nos deu a **Inteligência**. E, se você não acredita, também tanto faz: USE CAMISINHA!

### **SEM PENETRAÇÃO**

Nem toda relação homoafetiva é homossexual, nem o sexo se resume ou se condiciona a um ato de penetração fállica, dominação, subordinação e outros fatores (humanos e animais).

Há formas de homo-erotismo até bastante “héteros”; e a amizade sincera e não-sexual entre “melhores amigos” muitas vezes – dados sua dedicação, companhia e zelo recíprocos – é alvo de comentários maldosos de pessoas maliciosas, que insinuam um “será que ele é?”, ou “será que é só isso mesmo?” e coisas assim.

Insinua-se (ou teme-se) que haja uma “relação de amor” entre os dois. Vamos confessar: TODA NAMORADA já deu aquele olhadão pro namorado, pensou naquele amigo “próximo até demais” do seu amorzinho e disse para si mesma: “será que aí tem coisa, ou será que eu tô viajando?”... e, perdida em seus pensamentos, acaba por distrair-se, para não ver suas **dúvidas voltadas contra o espelho** e duvidar de si mesma, ou ter que “limpar o próprio armário” antes de “falar do armário dos outros”.

**É mais fácil desconfiar dos outros e acusá-los do que participar da vida deles e confessar as próprias fraquezas.**

É incrível, mas muitas pessoas ainda se referem ao amor como se ele fosse efeito colateral ou epifenômeno de um orgasmo. Ou seja: a fila anda, a gente goza, se der tudo muito certo um dia a gente ama alguém, ou se apaixona de novo, e aí vai...

Vemos então que devem existir (provavelmente e com certeza) na sociedade e dentre nós pessoas que, até por motivos fisiológicos (impotência, mutilação) ou pessoais (abstinência sexual, nojo, trauma, simples preferência, etc.) não praticam “*felatio*”, felação, penetração.

**A sexualidade humana vai muito além do emprego dos órgãos genitais!** Se você não tinha pensado nisso, tudo bem. Tudo chega na hora

certa em nossas vidas. Afinal, “somos tão jovens, tão jovens...”

Talvez essas pessoas pratiquem masturbação (pessoal ou recíproca), ou apenas troquem um carinho muito intenso (pode ser um olhar amoroso); pode ser que usem artigos eróticos, que tenham “amantes” e tudo mais o que você puder imaginar, mas isso não nos interessa. Toda pessoa tem direito à intimidade inviolável, e estamos aqui para informar, não para xeretar a vida dos outros.

Apenas entenda que, da próxima vez que você vir um casal de gays na rua, talvez seja desperdício de tempo e energia tentar imaginar “**quem será que come quem**”, ou “quem é o ativo e quem é o passivo”, etc.

Mais do que revelar algo sobre as pessoas ao seu redor, tais pensamentos delatam apenas elementos preciosos e abundantes **sobre você mesmo**, suas relações e fantasias mal resolvidas.

Pense nisso antes de sair “dando pancada em viado” na rua. **Medo**, neste caso, é sintoma inegável da existência de questões muito profundas, pessoais, delicadas e dignas. Elas merecem todo o teu respeito, carinho e atenção. E “as bichas” também merecem!

Não adianta ficar com raiva de mim. Nem de ninguém, e muito menos sentir raiva de si mesmo! O caminho é o amor. **Amor próprio**, pra começo de conversa.

A violência, meu caro, não substitui a meditação, a ponderação, a reflexão. Violência não funciona como terapia, não vale como crédito, piora todas as coisas e jamais esclarece ponto algum nem resolve qualquer conflito de verdade. O que procuramos só pode mostrar-se quando empregamos o amor e buscamos cultivá-lo.

Precisamos, ó homens, de mais amor próprio. Além disso, desenvolver e aplicar o sentimento de **compaixão fraternal**, ao invés do utilitarismo calculista e do preconceito agressivo.

## **MASTURBAÇÃO**

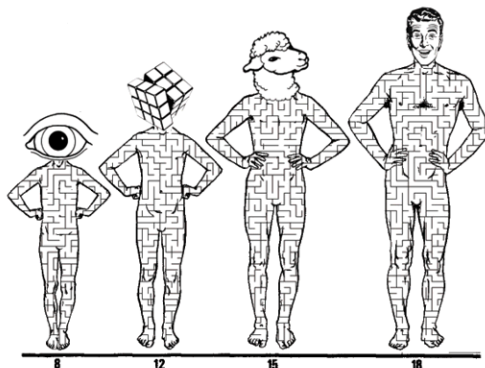
Basicamente todo mundo a esta altura já sabe do que se trata. Logo por volta dos 10 anos de idade, na pré-adolescência (quando não muito antes,

nas fases da infância), descobrimos essa “tecnologia”.

Não é preciso falar muito sobre ela, apenas que é a principal e primeira forma de prazer e sexo (peniano) que conhecemos. O famoso “cinco a um” já levou muitos garotos a perderem noites inteiras de sono, com medo de “crescer cabelo na mão” ou de “ir para o inferno”. Hoje a situação é um pouco melhor, há menos desinformação.

Aplicando a ideia neste contexto, deduzimos que existem homens que se relacionam com outros homens e que, havendo ou não componentes afetivos, restringem sua prática homossexual à troca de masturbações. Neste contexto, a masturbação é considerada sexo, e é assim que muitos homens praticam sua **expressão sexual** no mundo.

## Capítulo 16 - Promiscuidade: mito ou efeito colateral?



Um dos principais argumentos contra os homossexuais, por parte dos tradicionais opositores da causa, é a de que “os gays fazem putaria”, “cada hora estão com um carinha diferente” e que “todos se pegam, ninguém é de ninguém”.

Ora, não é bem assim.

“**Putaria**”, a julgar pelos SETE BILHÕES de pessoas encarnadas atualmente, todo mundo [que pode e quer] faz. E deve ser porque gosta! Todo mundo gosta de “putaria” (compreendida como ato sexual que envolve contato genital), exceto, talvez, os assexuais e os santos.

Que “ninguém é de ninguém” não é exclusividade do mundo gay. Aliás, **pasteurizar** a sexualidade das pessoas em estereótipos rasos é uma ferramenta de poder e manipulação, utilizada pelos “demônios” do mercado de consumo (entre outras tretas) para catalisar o esvaziamento das relações humanas, além de ser parte de nossos tempos, nosso “*zeitgeist*”, e não simplesmente “coisa de viado”. (Serão essas as dores do parto do começo da tal “Era de Aquário”?)

Agora, sem rodeios: há promiscuidade entre gays, bissexuais e outros grupos? A resposta é: LÓGICO! Se não houvesse algo que machucasse tanto as pessoas (em termos de projeção-abandono-risco-repetição), este livro seria inútil, e melhor seria empregar o tempo gasto em tecê-lo fazendo outras coisas, tipo “ganhar dinheiro”, “pegar um gatinho” ou “comer aquela

mina gostosa que tá me dando mole”, por exemplo. Ou tomar um banho de cachoeira, ouvir música, trocar uma ideia com os irmãos ou ler um livro bom... né?

Só que o problema – e o irmão já percebeu – é justamente este: **apesar de todo o conforto** da Civilização moderna, nosso “mal-estar” dentro dela parece não diminuir, e nossa angústia aumenta. A fluidez dos relacionamentos e **amores líquidos** combina com a “pegação” online, que agora é portátil, carrega-se no *smartphone*. Mas até mesmo os ninfomaníacos mais autênticos concordam que QUANTIDADE não resolve o cerne do problema (podendo até piorar bastante, se acaso você não tomar extremo cuidado).<sup>11</sup>

“**Pegar geral**” tem o seu papel na vida de todo mundo, no nosso desenvolvimento enquanto homens e mulheres que buscam conhecer e tocar nossos próprios **limites**, e é importante viver uma fase de “pegação intensa” pelo menos uma vez na vida, se você se sentir inclinado a tanto.

Porque, apesar de parecer simplesmente “putaria”, **conhecer nossos limites** é esforço até saudável, mesmo que seja por meio das comparações a que nos levam as disputas.

No entanto, há uma “hipertrofia do rodízio”, e tudo bem que “a fila anda”, mas também não precisamos ficar viciados em “roleta russa”, nem deveríamos ser capazes de descartar um ser humano como se fosse um copo de plástico “que você usou e jogou fora”, baseados em critérios pequenos e sempre insatisfatórios como: “já consegui o que queria”, “só serve pra isso mesmo”, “pensei que fosse mais malhado”, etc.

É claro, sim, que temos o direito de “pegar geral” e de “fazer o que bem quisermos”, porque a Natureza nos deu hormônios, músculos, pênis, tempo, espaço, vida e parceiros e parceiras sexuais. Mas vamos lembrar que no Universo existe uma Lei Eterna e infalível que diz: “**Ação-é-Reação-Ação**”, e assim como você pode usar o seu livre-arbítrio para *usar e descartar* a “sua próxima vítima” ou “o bofe do dia”, pode acontecer de a Vida lhe trazer pessoas e situações que lhe tratem da mesma maneira, de modo que você possa experimentar a sensação (colocar-se no lugar) do

outro e compreender o ciclo completo de cada emanção energética que anda lançando por aí.

Não precisa acreditar em nada disso. Aliás, só lê quem quer, não é verdade? E só acredita quem perdeu a noção de que **não pode abrir mão de seu próprio critério**.

Tudo bem, tudo bem... Nem por isso vamos ser santos, nem putas! Não vamos deixar de “ficar” ou “experimentar” (pode ser com as meninas, se você se sentir melhor), mas pegação é igual a álcool e *shopping center*: não tem problema se você souber: o que é, como usar, quanto tempo gastar numa coisa que altera a sua consciência, qual a qualidade desse tempo, o que isso te resolve, e por que você precisa disso agora?

Daí sim, pode até sair de casa. Mas se partir antes de esclarecer estas perguntas e levantar suas possíveis respostas você pode terminar mais perdido do que resolvido em qualquer coisa (ou caso).

Nada do que fazemos é exclusivamente certo ou errado. **Somos simples humanos**: pequenos, nervosos, inseguros, confusos... Ainda assim, temos sempre nossa Consciência e contamos com o apoio dos amigos. Considerando isso, somos até muito mais do que “animais racionais”, somos “uma ponte” para o Infinito.

Existe certo grau de promiscuidade, sim, entre os gays. Resta saber – se algum dia for possível, o que duvido – se ela é **maior, menor ou a mesma** do universo dito “hétero”.

Fica claro que a dificuldade está justamente na “**porosidade**” dos conceitos, nomes, estigmas e nomenclaturas. Há uma **interseção** inegociável entre os denominados grupos no que diz respeito a comportamento sexual ou/e orientação afetiva.

Tem muita “bibinha” voluptuosa que, perdida ou não, movimenta o **mercado de luxúria** e “cede às tentações”, até várias vezes ao dia. Há “aquele menino que rebola” e que “todo mundo já comeu”; não o conhecemos nem suas razões, condições ou história, mas essa personagem é comum em várias cidades, principalmente as mais interioranas (onde tudo

vira fofoca mais fácil, talvez pelo tédio que a ignorância provoca, pelo tesão mal resolvido, ou pelo mero prazer da difamação).

Até hoje, gays em conflito e supostos “héteros” vão às **idades grandes** (como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, quando não Barcelona, Paris ou lugar mais estranho) para “fazer coisas diferentes”, “soltar a franga”, “ter uma experiência” e GARANTIR (*a loka!*) que ninguém vai ficar sabendo.

Porque tudo “é mais fácil onde ninguém te conhece”, e nós todos sabemos por quê.

Tem também muito cara “machão” e “ másculo” em todas as partes: academias de ginástica, internet, nos canteiros de obra, nos lares de famílias “tradicionais” e “respeitáveis”... muitos homens que “não têm cara de viado” e nem “frequentam o meio” mas que, arrisco dizer, são a VERDADEIRA causa e o principal motor da dita “promiscuidade gay”.

Talvez no dia em que o Brasil e o mundo puderem **abordar esta questão de modo direto e franco, sem hipocrisia, jogos de poder ou esforços titânicos** para sustentar instituições, costumes e valores dúbios... saberemos quanto de promiscuidade realmente se dá entre pessoas “de fora do armário” (ou “pegação geral” e “putaria” gay); e **quanto de safadeza, hipocrisia e sacanagem se esconde no “mundo hétero”**, que transforma a fêmea numa frágil Deusa Absoluta, para ser maltratada conforme os ditames do machismo; enquanto “**prega a bicha na cruz**”, a fim de obter “conforto” psíquico, exaltando a miserável figura do inquisidor.

Claro que é o mais forte que impõe ao mais fraco suas sanções, e quase pouco importam a eficiência e o alcance da **psicanálise** quando contrapostas aos **crimes horrendos** de homofobia cometidos a cada minuto em todo o planeta.

Podemos também comentar a hipótese de que a **promiscuidade existe, seja onde for**, mas que, no caso dos gays e afins, é também um *efeito colateral* da “**clandestinidade**”.

Pela profusão de conflitos interiores e exteriores em cada pessoa no

“processo de descoberta”; pelo peso social imposto ao homem pelos outros homens e pela cultura machista (e bruta); pelo “medo de ser descoberto”; pelo medo de “falar o que sente e perder o amigo”... por tudo isso fica claro que há **muita tensão** no ar (até bem mais que tensão), numa proporção alarmante, e o **acúmulo de stress** também colabora para a maior “liquidez” dos relacionamentos gays ou/e alternativos.

Como no caso da luta contra as drogas, a **repressão** do comportamento e sua categorização como ato **clandestino** levam à angústia e à criação dos guetos e esconderijos, alimentando o **mercado negro** (do sexo, no caso); e não resolvem nada!

Muitas vezes o encontro entre os parceiros é proibido ou ocorre em lugar inapropriado; pode haver sexo “rápido demais” para ser totalmente seguro. Depois, os desconhecidos se separam, parcialmente aliviados, mas sobretudo sobressaltados, tensos conforme exige qualquer **situação biologicamente limítrofe** de comportamento de risco.

Portanto, poderemos esperar uma sociedade **menos promíscua** quando todo mundo for respeitado pelo que é, como é; e quando pudermos exercer nosso pleno direito à dignidade, à felicidade e à plenitude de viver a própria vida com liberdade.

Quando conversarmos sinceramente sobre tudo isso – primeiro com a gente mesmo, depois com aqueles que amamos –, não precisaremos de tantas mentiras, de esconderijos físicos nem psicológicos.

Haverá menos “*casado\_afim*” nas salas de bate-papo, menos sexo em lugares públicos, menos **desespero** anotado em portas de banheiro e, agora sim, menos “putaria” entre os “gays”, e menos “rodízio de coração”.

Como era de se esperar, depois de seguidas tentativas de encontrar afeto e compreensão, ritualmente respondidas com “vou te usar e jogar fora”, o jovem homem ou garoto começa a fazer exatamente o mesmo, seja com homens ou mulheres.

Pelo “**corpo de dor**” acumulado nesses grupos sociais (ou *guetos*), a reação de “utilitarismo e fuga” de seus membros pode começar a ser

automática, levando-os a reproduzir o mesmo modelo desta **situação extremamente desumana**, a epidemia de solidão profunda que precisará ser revertida – lentamente e com muito cuidado, carinho e zelo – para **curar as feridas emocionais** de várias gerações de homens, ou seja, “animais humanos do sexo masculino”.

Pegar geral é tentativa comum, muito popular em nossa cultura... Tem lá o seu prazer e o seu papel epistemológico, mas raramente resolve nossos reais problemas...

E **mentir pra esposa**, pra namorada ou pra si mesmo é uma escolha que leva a situação BEM PIOR do que a **paz de espírito** que naturalmente nasce de uma vida sem culpas, angústias e segredos terríveis.

Obviamente este é apenas um ponto de vista, uma faceta da “verdade” sempre [convenientemente?] relativa. Realmente é preciso ser **homem de verdade** para não ficar só repetindo fórmulas e ladainhas fáceis, novelinhas medíocres e tramas dignas de uma ratazana.

Vamos à luta?

---

11. Obras de FREUD (*O mal estar na civilização*) e Zygmunt BAUMAN (*Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*) podem aprofundar este ponto; entre outros autores.

## Capítulo 17 - Ambientes gays



Se já falamos sobre o armário, sobre estar ou não dentro dele e das dificuldades inerentes a dele sair – exorcizando os esqueletos fragilmente escondidos – é hora de mapearmos uma pequena parte do “universo gay”.

Não deve haver nada de novo – como, aliás, nada neste mundo é novidade alguma, exceto talvez “o laço de fita que amarra o buquê” –, mesmo assim um quadro básico sobre os ambientes pode ajudar a ilustrar a cena para os menos “antenados”.

Em primeiro lugar, não é recomendado que você “saia pra caçar”, assim, simplesmente. Se o fizer, a chance de arrumar mais confusão do que solução é muito, mas muito grande.

Nós todos procuramos o autoconhecimento, e esta é a verdadeira gênese da psicologia. Não adianta você sair de casa (ou do armário) se não souber quem você é, onde está, o que quer, o que pode fazer e do que precisa.<sup>12</sup>

Parece óbvio, mas às vezes estamos tão afoitos, excitados ou carentes que “simplesmente” nos esquecemos de que o *amor* não está lá fora, quiçá apenas a redução a que chamamos de sexo (como recortamos as coisas!). E de que até o sexo pode lhe matar, se você não se ama o suficiente.

Matar? Pois é. Infelizmente, somente em 2011 foram registrados cerca de 300 homicídios por **crime** de homofobia no Brasil. Se você acha pouco,

pense que é **quase um por dia**, oficialmente. Não oficialmente, e contando crimes menores que assassinato (tais como injúria, calúnia, difamação e *bullying*), o número de agressões pode ser dezenas de vezes maior. E os dados de 2012 já são assustadores!<sup>13</sup>

Enquanto muitos desses crimes acontecem em “ambientes gays”, outros ocorrem em casa, no trânsito, no trabalho, em toda parte.

O **risco** envolvido não é só o de contaminar-se com HIV e outras ameaças; nem apenas de ser expulso de casa, virar alvo de piadas ou “**ter que comprar o afeto**” de todos, esforçando-se sobremodo para ser “o cara mais legal da família inteira”, o “tio mais gente boa de todos”, o “gênio” ou o “queridinho da mamãe”.

De fato, podemos constatar que existe uma *performance* (desempenho) ou um perfil que certas pessoas adotam e que reflete as (muitas vezes) desesperadas tentativas de sobrevivência e de manutenção de nossos cada vez mais **frágeis vínculos emocionais**.

Dentre todos os nossos relacionamentos, podemos considerar que os **vínculos familiares** tendem a ser, para a maioria das pessoas, os mais importantes. Talvez por isso (ou causa mais sinistra) tanta gente esteja se desdobrando, “**pagando para ser amado**”, sem muitas vezes dar-se conta da existência deste padrão implícito e imanente.

Quanto **gay sofre chantagem emocional ou dá dinheiro para ser aceito** pela família ou pela sociedade, ou para receber o mínimo de respeito e afeto? Nunca ouviu falar disso? Há há há, duvido! Você está distraído?

No mundo real – e em muitas partes dele – você pode ainda hoje ser xingado, apanhar e até morrer por expressar seu afeto, atração ou prática sexual em relação a outro homem (ou mulher, no caso de lésbicas) em público ou mesmo em sua vida privada.

Isto sim é terrível e paradoxal!

No **carnaval**, a festa mais pagã do mundo, a **inversão de papéis de gênero** brinca e dança com a **flexibilização das identidades de gênero**: somos movidos a muito álcool e músicas [cheias de ginga e malícia],

acabando que “muita coisa acontece” e “ninguém fica sabendo”...

Daí então os homens podem se vestir de calcinha e sutiã (e outras combinações e acessórios cômicos) para jogar futebol, e há blocos inteiros de “virgens peludas” e “gostosas do barril de chope”...

**Acabada a festa, enterra-se a “tolerância”** junto com a Quarta-feira de Cinzas. Todos comemoram o **descarrego psíquico coletivo**, a catarse anual, a alucinação legalizada e a “zona de autonomia temporária” desfrutada... para voltar mais conformados às suas vidas ordinárias, engessados em dogmas, medos e interesses cabulosos.

Deveremos, os machos da *Homo sapiens digitalis*, héteros ou alternativos, lutar pelos nossos próprios direitos! Se a união não faz a força (ou faz?), certo é que a fragmentação facilitará nossa destruição final!

Difícil fazer isso? Nem tanto.

Sabemos que as conferências internacionais ainda hoje precisam reforçar o papel e a presença da mulher em todos os níveis de aplicação das leis, pois há massacre e muita injustiça de gênero no mundo. A situação feminina ainda é delicada e exige cuidados muito especiais, como proteção e promoção da dignidade.

Porém, pode chegar um momento em que o homem se torne o verdadeiro **sexo frágil**. Como assim? Não basta “mandar no mundo”, nem provar que você é “f\*d\* pr\* c\*r\*lh\*”... **Você precisa de você mesmo, tem de aprender a ser seu próprio amigo.**

Não vai ser com violência ou doutrinação religiosa (nem ignorando este assunto, ou fingindo que a fragilidade masculina não existe ou que não constitui problema) que um ser humano – complexo por natureza – se “converterá” ao que você ou qualquer outra norma acredite ser “o normal”, o “natural” ou “o plano de Deus” pra vida de alguém.

Da mesma forma que os crimes de preconceito racial são hoje combatidos – e a despeito da ação ideológica massificante e emburrecedora de certas “religiões” fundadas por verdadeiros bandidos –, chegará o dia em que discriminação [social] com base em orientação ou identidade sexual

será considerada um **crime**, uma ofensa ou dano mais grave.

Se tivermos de tolerar expressões tipo “viadinho”, “bichinha”, “bicha louca” e coisas assim; por que então não voltaremos a usar expressões como “g\*rd\* f\*d\*d\*”, “r\*lh\* d\* p\*ç\*”, “pr\*t\* s\*j\*”, “p\*\*-s\*c\*”, “br\*nqu\*l\* \*z\*d\*” e “cr\*nt\* d\* \*\* qu\*nt\*”. Como lhe parece?

Portanto, tratando-se ou não de “ambientes gays”, **seja educado**. Tente colocar-se no lugar das outras pessoas, procure sentir-se na condição ou na situação delas. A “**Regra de Ouro**”<sup>14</sup> aplica-se muito bem, aqui e sempre.

### EVENTOS DE CULTURA E ARTE

Começando pelos lugares com maiores chances de encontrar pessoas supostamente mais informadas (preconceito nosso, vamos reconhecer?), **eventos culturais** e de arte são boas chances de sair de casa e ver gente [teoricamente] interessante. O fato de o espaço ser público e de termos nossa rede de amigos favorece a ocorrência de contatos considerados “normais” pela sociedade, e tudo transcorre normalmente. Em muitos casos, há álcool e outras drogas (inclusive drogas culturais de diferentes qualidades), e **felizmente** coisas como “festa”, “balada” e *show* não são estranhas para ninguém (que eu conheça), sendo aliás um dos contextos clássicos de “acasalamento” (sexual ou afetivo) desde pelo menos o tempo das festas nas cavernas, se é que elas existiram.

### LIVRARIAS

Um lugar muito frequentado por algumas “esferas” da comunidade LGBT. Obviamente, a parcela mais rica e mais letrada da sociedade, que dispõe de dinheiro para comprar livros e de tempo ocioso para cultivar a mente. Apesar de ser um lugar interessante e de os livros servirem para puxar assunto com aquela pessoa mais atraente, por outro lado, não se pode conversar muito numa livraria. Geralmente não há música e quando muito há um teatro ou um café. Rege o *princípio da afinidade* que nós atraímos o que emanamos. Então, se você realmente gosta de livros (ou de pessoas que gostem de consumir bens culturais diversos), talvez a livraria seja um bom lugar para começar a prestar mais atenção, se é que você me (ou seria **se?**) entende.

## BARES E CAFÉS

Geralmente mais descontraídos do que livrarias e igrejas, têm comidas e bebidas diversas, som ambiente e várias outras pessoas, de muitos tipos e idades. Tudo isso facilita a maior permanência no local, e também que ocorram diálogos mais informais. Existe uma vasta gama de serviços e lugares, desde as distribuidoras e botecos “copo sujo” até os cafefos mais sofisticados da cidade, favoritos e reservados pela alta burguesia do dia (ou da noite).

Muitos acreditam que o álcool facilita o processo da conquista. Isso, por um lado, pode ser verdade em alguns estágios iniciais, para algumas pessoas, durante as fases mais inseguras da vida. Mas se você depende de bebida alcoólica para conseguir relaxar e “mandar brasa”, avalie seu nível de dependência química, e, se preciso, procure ajuda. Muitos endereços úteis para situações emergenciais estão listados no Capítulo 22.

A despeito do alcoolismo e de quaisquer normoses, os bares são **lugares importantes** em nossa sociedade e são os ambientes favoritos de muita gente. Como na maioria dos casos, você também vai precisar de pelo menos algum dinheiro para pagar sua parte da conta.

## BOATES

O surgimento das boates gays deve ter coincidido com a explosão do *show business* como modelo de negócios, aliada ao surgimento da música eletrônica e das tecnologias de iluminação e efeitos especiais.

O objetivo delas é o mesmo desde sempre: criar um espaço, mesmo que temporário, para que pessoas possam viver uma **realidade transmutada**, controlada para ser de tal ou qual forma, a fim de provocar variados efeitos subjetivos, inclusive transcendência, catarse e sensação de segurança. Cabarés, puteiros, rituais, igrejas e fogueiras também já faziam isso, preenchiam essa função psicológica.

Somando-se a existência marginal dos homossexuais nos guetos e a necessidade de diversão combinada com a ganância dos empresários e investidores de olho no “dinheiro cor-de-rosa”, o resultado é que a invenção

das boates foi desde sempre o maior sucesso!

Hoje em dia, existem inúmeras boates gays no Brasil e no mundo, e de fato nelas a **diversidade sexual** encontra espaço relativamente seguro para expressar-se em toda sua plenitude. Além de dançar o pancadão e o poperô, somos inevitavelmente levados a expandir nossos horizontes sobre que conhecemos a respeito do ser humano e dos fatos e interpretações de nossas expressões afetivas, sociais e sexuais.

A boate é, no mínimo, um lugar interessante. Apesar de muitos reclamarem da música alta e do cheiro de cigarro, há quem se divirta com os shows das “*drag queens*”, ou se delicie (por inúmeras vias ou motivos) vendo a beleza corporal dos “*gogo-boys*” e “*gogo-girls*”.

Se você nunca viu algo assim, ou se acha que: 1) todo gay é igual; 2) com certeza alguém vai lhe atacar num lugar desses; ou 3) só de pensar nisso sua alma já vai pro inferno... talvez você se beneficiasse muito em tomar coragem e ir conhecer pessoalmente do que se trata.

Uma imagem vale mais do que mil palavras, e uma ida à boate vale **mais do que muitos textos** sobre o universo gay. A boate tem muita gente, é um lugar quente, a música é diferente, e o que vai acontecer, ó viajante, só depende basicamente de *você* e de mais ninguém.

Felizmente o **respeito** é um valor muito cultivado entre os que se unem nessa luta pela dignidade, aceitando as forças e deficiências inerentes à sigla LGBT. Então, meu rei, o risco de você ser atacado é mínimo, mesmo se você de fato for o homem mais lindo do planeta!

Não é por ser uma boate gay que isso significa orgia, entendeu? Entretanto, sendo honestos, sabemos que muitas delas têm o que é chamado de “*dark room*” (quarto escuro). A existência de tais lugares denota que [pelo menos aparentemente] são úteis para quem os procura, seja porque gostem ou, provavelmente, **por falta de opção**. É impossível falar mais sobre “a sala escura”, pois não há informação científica ou sociológica sobre o assunto, e os testemunhos acessados são vagos, imprecisos e contraditórios. Mas uma coisa é certa: ninguém é obrigado a entrar, nem impedido de sair!

## CINEMAS

Bom, aqui começa uma coisa mais difícil, justamente porque parece mais fácil. Daí o fenômeno passa batido, como se não existisse, e o tabu se consolida gerando danos incalculáveis (pois o que *não é* não existe, e não pode ser ou estar em números, certo?)

Todo mundo adora o escurinho do cinema para encostar-se ao ombro do seu amorzinho, ficar de mãos dadas e curtir aquela aventura na telona!

**Só que ninguém aqui nasceu ontem**, e apesar do bem-sucedido processo de *transformação de cinemas em igrejas* hoje empreendido massivamente no Brasil, ainda podemos encontrar alguns dos “bons e velhos” cinemas pornôs, que datam certamente da época em que a **Pornochanchada** era nosso gênero cinematográfico por excelência, o mais conciliado, então, com os interesses internos e externos do Brasil. Aliás, essa “coerência” é o que geralmente se busca em matéria de audiovisual, quando um regime qualquer cultiva planos mínimos de hegemonia cultural estratégica.

Felizmente ou não, os filmes de hoje são outros. Há mais filmes, e cada vez menos salas de cinema! Isso não causa alarde, porque o **pacato cidadão** contenta-se em fazer *download*, tendo-se finalmente desvinculado da apreciação da **sétima arte** enquanto arte, sensível apenas ao seu conteúdo digitalizado, mesmo sem muita qualidade técnica.

Cinema? Só se for pra namorar! Isso mesmo: ainda há aqueles cinemas que só passam filmes pornográficos, várias vezes por dia, no centro das maiores cidades. Se você nunca viu um assim, desconfie: ou você andou desatento, ou viajou muito pouco; ou então está correto, e o tal “cinemão” já sumiu de vez na sua cidade!

Apesar da maioria dos filmes ser hétero, o público é bastante livre, no escuro total, para combinar-se como bem entender, já que não há testemunhas e **a sociedade sabe (mais do que imagina)** o que acontece lá dentro; além do que ela parece tolerar bem a existência desses lugares, sempre com mais ou menos conflito.

Desnecessário dizer que este é um comportamento considerado de **risco**, que deixa o sujeito altamente exposto a violências (esfaqueamentos, cortes com gilete, perfurações, estrangulamentos, estupros, entre outros) e **doenças sexuais**, inclusive HIV (é mais difícil controlar o uso da camisinha em situações como essa, que envolvem pessoas totalmente desconhecidas e contextos de alta pressão psicológica, além de pressa e escuridão).

Para quem tem curiosidade, entretanto, sempre existirão empresas especializadas, pessoas dispostas e serviços semelhantes. O fato de tantas salas estarem ativas há décadas denuncia que, se não entraram em falência nem precisaram ainda alugar o prédio pra virar igreja, deve ser porque também recebem doações periódicas de seus **clientes fiéis** (provavelmente tão anônimos quanto numerosos)...

**Este comportamento não é recomendado.**

### **ESTACIONAMENTOS**

Piorando a situação, sabemos que toda cidade tem o seu “matadouro”, “abatedouro” ou “motel público”. Os noticiários nos informam todos os dias sobre crimes cometidos em tais lugares, incluindo sequestros relâmpagos, estupros da mulher ou do casal, assaltos, humilhações diversas e terríveis atrocidades.

Mesmo assim, muita gente frequenta esses locais, por diversos motivos. Alguns não têm outras **opções**, tamanha a clandestinidade de suas vidas duplas. Outros não têm **dinheiro** para pagar motel, moram com os pais, ou simplesmente não tem mais onde transar, não há **espaço**.

Há tanto lugares onde os carros param, seja reservadamente ou a despeito de quaisquer pessoas presentes; tanto lugar onde os cidadãos vão desfilando, cada um dentro do seu carro, **caçando** em tempo real e dali combinando algo em três palavras, partindo para lugar mais adequado...!

Toda grande cidade conhece um lugar assim, e mesmo nas pequenas e médias cidades podem-se ver manifestações nesse sentido.

Entretanto, apesar de tão comum, é bom lembrar que este comportamento pode configurar-se como crime de **atentado ao pudor**, e

que você pode sofrer consequências legais e penais, além dos riscos anteriormente mencionados.

Apenas por curiosidade, dizemos que o ato de praticar sexo dentro de um automóvel recebe o nome de “*amomaxia*”. E o ato de espiar pessoas fazendo sexo em carros ou ao ar livre é conhecido como “*dogging*”.

## PARQUES

Se toda cidade tem um parque onde as pessoas podem se reunir para fazer piquenique, praticar esportes, juntar família e amigos no fim de semana; é também verdade que, **quando anoitece**, muitos desses lugares se transformam em locais de encontro entre pessoas que buscam **sexo casual**.

Isso não é nenhuma novidade, pelo contrário: é assunto frequente de reportagens na TV; e motivo de grande preocupação para as demais parcelas da sociedade, que se sentem ameaçadas pela **expressão incontrolada da sexualidade**, às vezes em plena luz do dia e batendo de frente com nossos valores e expectativas quanto às pessoas, aos nossos relacionamentos humanos e à ocupação do espaço urbano.

Como todo mundo sabe (ou deveria saber), fazer **sexo em público é considerado um crime**. Seja em estacionamentos ou parques, além da falta de conforto e segurança, você pode ver-se literalmente enrolado em problemas de ordem bem mais prática, inclusive processos judiciais, multas e prisão.

Mesmo assim, a popularidade desses lugares pode ser atestada em todas as grandes cidades do mundo. Seja de forma abertamente tolerada ou absolutamente clandestina, o fato é que eles existem. Dizem que é no Central Park, no Ibirapuera, no Sarah Kubitschek, Nehru Park, Jardim Botânico, no jardim do Louvre, e assim vai pelo mundo afora.

Sobre este assunto, não é o caso de alguém dizer que isso seja putaria pura, nem que “quem procura acha”; é sim o de afirmar: **só não vê quem não quer**. (“*Welcome to the desert of the real, Neo.*”)

Pode ser interessante ler o artigo extraído do livro do Prof. James N. Green sobre a atividade nos parques do Rio de Janeiro durante os anos de

1898 e 1914.<sup>15</sup> Como se vê, não é nenhum fenômeno novo...

## SAUNAS

A sauna é tão antiga quanto a humanidade, e todos os sistemas de saúde reconhecem as propriedades e benefícios da **hidroterapia**, inclusive pelo uso do vapor de água ou elevando a temperatura corporal por outras vias (somos 70% água, certo?)

Gregos e romanos banhavam-se em *termas*, e o tal *banho turco* (sauna a vapor) já existia em tempos bem mais antigos. Os romanos tinham em algumas termas duas divisões: o **caldário** (aquecido pelo vapor de água) e o **sudatório** (aquecido por pedras e paredes quentes). Este sistema de sauna seca é também conhecido como *sauna finlandesa*, por ser hoje muito popular naquele país.

Tratados de medicina indiana ayurvédica recomendam o vapor, o óleo e as massagens como terapias para desobstrução dos poros, limpeza dos tecidos (“*dhatu*”) e reestabelecimento da saúde total.

Ademais, no decurso da civilização, **o banho** tem sido um dos poucos e raros momentos em que, até hoje, os homens podem comungar mais intimamente uns com os outros: ver a nudez do outro, ser visto, gerenciar o impacto das brincadeiras e piadas, desencanar das dezenas de paranoias que são os tabus sobre o corpo; e abrir mão (ligeiramente) de nosso isolamento quase total de tato, vivenciando um tipo raro e camarada de **contato humano** que seja razoavelmente livre de conotação ou denotação sexual.

Talvez por esses motivos as **saunas gays** sejam tão populares, a despeito do estigma e do mistério que as envolvem. Oferecem um ambiente “seguro” e reservado, onde homens podem encontrar sexo casual, sob formas que geralmente não estão facilmente disponíveis em muitos outros lugares.

Não é preciso ser muito imaginativo para saber como é a estrutura básica de uma sauna gay: existe uma entrada, um guarda-volumes. Você recebe uma toalha (e algumas camisinhas, se o lugar for mais comprometido com a saúde do homem) e escolhe seus ambientes: uma

sauna a vapor, uma sauna seca, um bar, talvez uma piscina. Além disso, devem existir cabines individuais, para uma “conversa” mais íntima, em todo caso.

A pessoa que vai a um lugar assim deve saber do que se trata e o que vai encontrar. Não deve ficar chocado com o que pode esperar ver em tais condições. Há playboys perdidos, outros que podem ser idosos ou gente nova; gente terrível ou gente boa, e até muitos *michês* (prostitutos masculinos, ou seja, homens que fazem sexo por dinheiro).

Devido à **alta rotatividade** e ao **anonimato** dos participantes deste ato ou contexto sexual, existe grande **risco** neste comportamento. Apesar disso, muitos homens (homossexuais, bissexuais, homens-que-transam-com-homens, transgêneros e supostos heterossexuais, igualmente) frequentam as saunas. E, apesar dos riscos, dizem sentir-se seguros, ou afirmam gostar de fazer isso. Se é mera compulsão, vício ou falta de alternativa, precisamos ainda que seja pesquisado.

Em vez de julgarmos em certo ou errado, podemos inferir a partir destes episódios que há uma clara **necessidade** dos homens de encontrar lugares onde possam **conviver com suas masculinidades** e descobrir aspectos que, apesar de temidos, poderiam ser altamente construtivos se fossem trabalhados, ao invés de corrosivos e mortificantes.

Se é fato que tais ambientes incluem estruturas que visam a facilitar a prática sexual (individual ou coletiva), bem... informe-se antes, porque cada pessoa deve saber bem onde põe os próprios pés, e é levado a **responder por seus atos** mesmo antes de obter plena maturidade.

## **BANHEIROS**

Os banheiros começaram a ser utilizados para encontros por pessoas que eram muito jovens para entrar nos bares gays, e a maioria estava ainda dentro do armário, por assim dizer, evitando exibir-se em público.

Também conhecida como “*cottaging*”, a prática envolve atos sexuais que ocorrem em banheiros de lugares públicos, geralmente frequentados por muitas pessoas: estações de trem e de ônibus, aeroportos, universidades

e *shoppings*.

Um elemento importante deste tipo de contexto é o anonimato da situação, e há quem defenda o termo “*cybercottage*”, aplicado a encontros [praticamente] anônimos marcados pela internet.

A (ou o?) “*cottage*” (cabana, em referência aos primeiros toaletes na Inglaterra) é também às vezes chamad@ de “*tea room*” (sala de chá) ou “*beat*” (lugar de “pegação”, na gíria).

Nos últimos anos, dadas a explosão do jornalismo individual e a popularização dos dispositivos móveis, o número de celebridades, políticos, famosos e pessoas comuns (pacatos cidadãos da Civilização) que foram **flagrados “fazendo banheiro”** é simplesmente inacreditável, im-pres-sio-nan-te! (mas não inimaginável, oh não...)

## INTERNET

Dedicamos a este item o próximo capítulo inteiro, por ser assunto dos mais relevantes de hoje em dia, requerendo toda nossa atenção.

Falaremos das vantagens e desvantagens de alguns dos sites de relacionamento e serviços atualmente disponíveis (e populares) na rede, bem como de algumas limitações inerentes ao meio digital e à própria época em que vivemos.

\*\*\*\*\*

## RESUMINDO:

Quem estiver atento e de coração aberto pode encontrar o que procura, onde quer que esteja. Cuidar da sua própria **segurança** e **saúde** devem, numa pessoa equilibrada e sábia, ser mais importantes de que agir por impulso, pressão ou desespero profundo.

**Ame-se!**

---

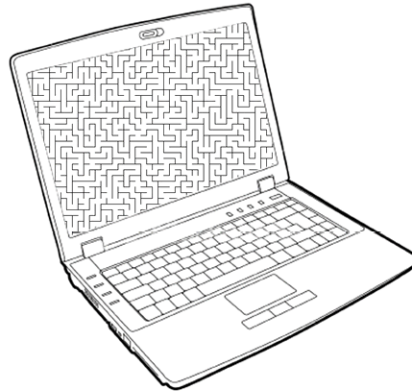
12. Antes de sair de casa, procure **discernir** se: 1) você só quer transar e pronto!; 2) você procura companhia, atenção, calor humano, participação, presença, amizade; 3) você quer trazer alguém pra sua vida, quer ter responsabilidade, responder por, namorar, casar, assumir relacionamento em público. Essa simples pergunta pode te levar a um comportamento mais lúcido. Observe que não se trata de um critério, mas de uma análise, que facilita o esclarecimento de intenções para consigo mesmo. Preserva corpos e mentes. Faça um teste!

13. Confira o site da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais (ABGTL), em <http://www.abglt.org.br>

14. Ou “ética da reciprocidade”, expressa nas diversas tradições de sabedoria do mundo, que basicamente diz: “faça aos outros somente aquilo que gostaria que também lhe fosse feito”, ou “trate os outros como trataria a si mesmo ou gostaria de ser tratado”.

15. Disponível em: <http://www.brazzil.com/blamar00.htm> (Extrato de seu livro *Beyond Carnival*, University of Chicago Press, 1999).

## Capítulo 18 - Site de relacionamento funciona?



Dentre as diversas opções de lugares para você frequentar, conhecer ou pelo menos saber que existem, a **internet** é, sem dúvida, o espaço favorito de muitos; talvez até da maioria, inclusive das novas gerações, que já nasceram na era da internet e devem achar “natural” o relacionamento “virtual”.

Esse “**encantamento**” **pela naturalização do virtual** deve fatalmente terminar de acontecer nos próximos anos, com o advento da “realidade aumentada”, os *gadgets* mirabolantes, os temíveis *chips* RFID e outras tendências impostas (úteis ou/e inúteis).

De modo irreversível, caminhamos para um estado paradoxal de **isolamento físico total** que vai lado-a-lado com a **tele-presença** de centenas, quem sabe milhares de outros homens e mulheres que “se encontram” da mesma maneira. Imersos em seus *chats* simultâneos, disfarçados em figurinhas, *nicks* e avatares de salas de bate-papo e serviços especializados (entre outras ferramentas digitais que muita gente considera úteis para “caçar” online); seguem de foto em foto, de frase em frase, chat em chat, verdades em mentiras, mentiras em verdades. **Quase** incansavelmente...

Portanto, a resposta para a pergunta “e site de relacionamento funciona?” é SIM, e NÃO.

Pelo lado positivo, vamos ressaltar o aspecto **praticidade**. Enquanto “no mundo real” você precisa: sair de casa, ficar atento, frequentar os

lugares certos (não raro, nas “horas certas”...), ter sorte, investir, convencer, seduzir e gastar uma baita energia, tempo e dinheiro; se estiver a fim de conhecer e/ou transar com alguém... **na internet o caminho pode ser encurtado**. As distâncias físicas ou diferenças de classes sociais podem, de certo modo, ser temporariamente superadas.

Num contexto *off-line*, temos de lidar com as idiossincrasias, obscuridades e “animalidades” de cada pessoa, cada parceiro, e pode ser que a “combinação” entre os papéis sexuais se dê ou não, podendo ou não haver compatibilidade. Mas você sente melhor a energia, por assim dizer... Por outro lado, **parece que** na *web* temos mais detalhes da pessoa, o que facilita a escolha do ponto de vista “técnico”.

Fato é que as chances diminuem conforme aumentamos os filtros. Isso pode ser muito bom ou mau, depende do uso que fazemos.

Por fim, quando saímos de casa, “só” poderemos encontrar quem está na rua, perto de onde estamos; e a variedade do “cardápio” (como dizem alguns “matadores”, gíria que você também conhece) é limitada pelo espaço-tempo.

Por tantos motivos, há quem opte, no mundo contemporâneo, por preencher um perfil *online* com informações íntimas e detalhadas, fotos “sociais” e fotos “quentes”, e mandar os dados para um computador central cruzar MILHÕES de outros perfis, apontando quem está mais próximo ou/e quem é mais compatível com cada um.

A vantagem, por um lado, é **aumentar as chances** de encontros bem-sucedidos, pelo menos teoricamente, pois as informações íntimas nos permitem escolher detalhes e nuances de cada fetiche sexual específico: fantasias; tamanho, composição e peso do corpo; tamanho do pênis ou papéis sexuais favoritos.

Por outro lado – e isso é papo sério –, também evidencia um caráter de “*self-service*” e “*drive through*” na **economia sexual moderna**, tanto *online* quanto *off-line*.

Às vezes “a ficha cai” pelo cansaço (processado ou nem sempre) que

naturalmente é derivado das experiências humanas; às vezes, nunca. Tampouco significa que a praticidade ultra-objetiva não seja um recurso aplicável, em situações infelizmente extremas, cada vez mais comuns em nossos dias. Quem vai dizer se é construtiva ou destrutiva? Pondere em seu coração. Nosso alcance é muito limitado.

Este livro não substitui psicólogos, astrólogos, homeopatas, quiropraxistas ou psicanalistas. Não vamos desestabilizar nem curar nada, não se preocupe. Este é apenas o **mapa do labirinto**. Para nossa surpresa total, encontramos muito mais coisas (e pessoas, é bom lembrar a diferença) do que monstros e minotauros.

Em **serviços especializados** (ou “*redes sociais exclusivamente masculinas, para fins de sexo e/ou amizade*”) tais como planetromeo.com e manhunt.net – além do agora portabilíssimo e super-baforento “deschavador” para telefones “inteligentes” (Grindr e afins) –, o que encontramos são, no mínimo, muitas **pessoas**.

A primeira coisa que talvez assuste ao pesquisador é o grande e crescente *número* de usuários, a profusão de conteúdos íntimos e uma exibição crua (e literalmente nua) da realidade de uma significativa parte do “universo masculino”. Há quem os chame de “açougues portáteis, onde você escolhe a carne e depois come!”

É um sistema duro, à primeira vista, mas inegavelmente **muito prático, e até sincero**, por outro.

O fascínio irresistível que se sente, misturado a todas as outras sensações e reações provocadas por conteúdo assim tão bruto vem da incrível facilidade – inédita até este ponto da Civilização – de unir o telefone, o telégrafo (SMS e MSN) e o vídeo à mobilidade, com “universalização” do acesso e “conhecimento” (ou revelação?) do público. Isso para nós é quase uma telepatia... E serve para qualquer fim, né? Eita bicho criativo, o ser humano!

Traduzindo: tem muito “macho afim de macho” online, que lá está voluntária e autoconscientemente, “disponível” para “o que rolar” na internet. Quem duvida disso é idiota, pois nega o que está claramente

visível e é atestável por qualquer pessoa.

As facilidades de tantos recursos e do processo no geral fazem que alguns usuários confundam o status “**disponível**” com “**descartável**”, o que é uma lástima e causa grande mal.

Você pode, se quiser (e desde sempre, muito antes de ler este livro que não tem nada a ver com isso nem vai servir de estímulo diferencial), escolher e pesquisar na internet os “perfis” dos que se cadastraram no site (e ver como cada pessoa se apresenta) antes de “investir”, sair de casa ou “perder tempo”, como dizem os apressadinhos.

Na *web*, o que acontece é quase o contrário do que rola quando você “sai pra balada pra ver se conhece alguém”: pode-se escolher mais diálogo ou mais objetividade, há maior descrição e o acesso é 24h.

Ah, mais uma coisa: não fique chocado se, “por acaso”, encontrar nesses serviços uma ou mais pessoas que já conhece, sejam amigos ou gente que você vê todos os dias (ou de vez em quando) depois que mora por algum tempo em qualquer lugar. O fato é novo, estranho para todos, e o sentimento de cada um a respeito disso ainda é misto e mistério talvez até para quem sente que já está mais acostumado...

Outra **vantagem** – apreciada por todos, mas principalmente pelos **hipócritas**, os “abafa-caso” e os que têm “o rabo preso” – é a **total discrição**. Se você for extremamente discreto, ninguém precisa saber de nada, e você pode “comportar-se normalmente”, seja lá o que isso signifique (pra você ou seu grupo de validação).

Por favor não entenda que estamos sugerindo que você fique com outro homem, que “se torne” homossexual ou que “vire a casaca”, pelo amor de Deus!

Sem querer estimular a “putaria”, como pode parecer ao leitor desatento ou superficial, dizemos o que pode parecer óbvio, porque é, mas chegamos a um grau de **hipnose de massas populares** tão alto – potencializado por inúmeras vias e totalmente alucinado – que precisamos **repetir até o que seria considerado “básico”** em tempos tão *atrasados*

como no século XXI.

Você não precisa sair do armário (opção política) para fazer o que quiser (opção ou impulso pessoal, sexual ou não). Homem ficar com homem e mulher ficar com mulher, sem que isso se constitua “um fato que mudou a minha vida” ou “algo que abalou minha identidade de gênero” podem ser coisas BEM mais comuns do que você pensa. **Converse com as pessoas. Você pode se surpreender com o que ouve!**

Mesmo porque você não tem motivos para querer enfrentar (sozinho ou não) todos os desafios da *transição da imagem pessoal interna* (ou “**desmontagem do machão infalível, intocável e hétero-fascista**”), a não ser em causa própria ou de alguém muito próximo ou querido.

**Só você pode buscar compreender este assunto**, sua importância e aplicabilidade para si mesmo ou para as pessoas ao seu redor. Você precisa desenvolver **sensibilidade, força e tato** para trabalhar o seu armário interior, fazer suas revisões e o *feng shui* básico, mas sem ferir-se demasiadamente e sem machucar ninguém por simples impulso de crueldade ou vingança.

Enquanto isso, o mundo gira, e tudo ou quase tudo muda; quase tudo, cedo ou tarde, sai do nosso controle, ou confunde-se com o nada. **Nós pensamos muito**, tanto que às vezes pensar é apenas mais uma forma de fuga.

Nosso sentimento de **insegurança geral** e as doenças que acometem os homens tendem a piorar bastante quando resolvemos ignorar que, na verdade (como simples humanos), não podemos controlar muita coisa a vida toda...

Alguns chamam esta impermanência de “*samsara*”, uma linda palavra! Por isso o autoconhecimento é tão importante: neste mundo tudo muda o tempo todo, inclusive o que nós já sabemos ou conhecemos a respeito de nós mesmos. Sem nos conhecermos melhor, como poderemos agir em coerência com quem somos?

Dizem que tudo é relativo, inclusive os paradoxos. Por isso mesmo,

vamos resumir os **pontos [relativamente] positivos** e as vantagens tecnológicas apresentadas até o momento:

1. Há grandes chances de você “pegar alguém” e que essa pessoa combine um pouco mais com você do que o “acaso” de uma hora e lugar (apesar de a internet ser um não-lugar com cara de lugar e de tomar muito de nosso tempo, às vezes até bem mais que uma festa). Há **mais espaço** para conversar, até por meses a fio, antes do primeiro encontro. Este comportamento pode facilitar o **descarrego hormonal** mínimo de uma parcela da sociedade (quantos são esses homens?), o que *certamente* diminui o grau de loucura e o índice de crimes sexuais numa sociedade pervertida e doente como a atual.
2. Aplaca ou alivia a **solidão** (dialógica, sexual, afetiva ou existencial) de quem quer conversar ou tem dúvidas sobre o universo masculino e não tem para quem perguntar sem correr o risco do pessoal “achar estranho”.
3. “Relacionamento” não é sinônimo de “relacionamento sexual”, e há muita gente que jura de pé junto que entra na internet para encontrar “**amizade, networking**”. Pode ser verdade, não nos cabe analisar ou julgar, nem é preciso, nem adiantará a qualquer um de nós fazer pesquisas, apesar de serem bem-vindas. Não temos como saber se é verdade, nem faz muita diferença. Por quê? Por que mesmo na “vida real” tendemos (em condições eróticas naturais e não em atos de desespero e autodestruição) a nos relacionarmos com nossos amigos, pessoas próximas ou amigos de amigos. Isto dispensa explicação, porque **a internet reflete o conteúdo do mundo**, e não podemos explicar coisas assim em resumos didáticos. Simplificando: *site* (como qualquer outro lugar) pode trazer relacionamentos, sim. Cabe a cada pessoa o *controle da qualidade* daquilo que muitos não só chamam de, mas simplesmente consideram “produto” ou ferramenta (exemplos de nosso estágio avançado de reificação

humana, em que nos tratamos como meras coisas e utilizáveis).

4. Existem **milhões** de homens carentes e abandonados; outros simplesmente loucos, psicopatas e maníacos sexuais... todos “pra jogo” e “amizade” de potenciais “parceiros” e “terceiros” para “conversar melhor”, muitas vezes numa linguagem não-verbal, como por exemplo o ato sexual. Muitos deles são “feios e chatos”, enquanto outros são (ou parecem) “deuses sarados”, e por aí vai. Muitos não “pegam” mulher, o que pode deixar algumas fêmeas heterófilas com um sentimento de impotência ou ira; há quem comente que certos grupos gays mais “radicais” sejam misóginos, e a recíproca é verdadeira: muitas mulheres atacam ou difamam os gays, propagando a homofobia, às vezes por simples insegurança em seus casamentos (lembra-se do *casado\_afim?*) ou por falta de informação melhor. Tudo isso se reflete na rede, e as revelações são bem-vindas mesmo se as julgamos difíceis. **Discernir é sobreviver.**
5. A desconexão na internet é (ou pode ser) imediata, o amor é totalmente “líquido”. Isso é desproporcional ao grau de “intimidade” (aos quilos de músculos e detalhes) em andamento quando alguém *decide* ou *precisa* se desconectar abruptamente. Não há (ou parece não haver) responsabilidade, compromisso, cumplicidade verdadeira e talvez nem mesmo haja algo que mereça genuinamente ser chamado de “amizade”, a qual invariavelmente deve incluir elementos de amor e zelo, por mínimos que sejam, para ser autêntica. Por que isso é positivo? Qualquer resposta é complexa e sempre insatisfatória: a internet alia praticidade, superficialidade, intimidade, erotismo, portabilidade, irresponsabilidade e uma gama virtualmente infinita de “opções”, ou seja: O POVO GOSTA.

Os **pontos negativos** destas plataformas estão embutidos nas próprias possibilidades dos pontos positivos, e existe sempre um *fator sorte*, como na maioria das ações humanas:

1. Muitos dos “príncipes encantados” são, na verdade, “jacks estripadores” (ou *estupradores*, cuidado!), e você deve saber pelo menos o básico, as **regras de segurança** que deve seguir se decidir “*hang out*” com alguém: a) encontre-se em lugares públicos, à vista de testemunhas; b) deixe alguém de sobreaviso, e dê o telefone do “desconhecido” ou da “desconhecida” com quem você porventura decidiu ou precisou se encontrar; c) lembre-se que promiscuidade e alta rotatividade de parceiros sexuais aumentam o seu risco de perder a vida, o qual sempre existe e não pode ser ignorado, agravando-se sobremodo quando há contágio por doenças sexuais. **Respeite-se, brother!**
2. A **sinceridade** é uma variável muito estratégica nas comunicações entre “caçadores” ou/e “caçados”. Ninguém vai ficar chateado na hora do encontro se **você mentiu** o seu nome, seu emprego, seu endereço e algumas outras coisas cuja revelação poderia ameaçar sua segurança pessoal ou de sua família. Mas talvez se decepcione ou fique muito nervoso se, na “hora H”, você for um lindo “passivo” com pênis de cinco centímetros depois de ereto, enquanto *jurou* pro “cara na webcam” que era um “c\*m\*d\*r p\*\*z\*do” de 28cm de “b\*nç\*\*”.
3. Por último, a sociedade de hoje, avançando como pode para compensar seu atraso (que a rigor nunca existiu, pois a hora é esta mesmo), acha “**muito estranho**” esse “negócio” de namorar pela internet. Antigamente, acontecia o mesmo e o povo sempre se adaptou até achar tudo normal: marcavam-se encontros pelo telefone ou nas colunas de revistas, em cartas enviadas pelos correios e telegramas que percorriam todos os meios e adversidades, até alcançarem aquele ou aquela a quem “amamos” ou “com quem” organizamos nosso mundo sexual-afetivo e nosso investimento psíquico. O **ser amado**, de acordo com o psicanalista J.-D. Nasio, é aquele que vem a tornar-se o

foco, ou “**objeto organizador**” do nosso caos interior, no que diz respeito à sexualidade, pulsão e outros impulsos “desconhecidos”, coisas “obscuras” e “loucas”.

Como já se disse, gotinhas de **psicanálise**, **arte** e **filosofia** – homeopaticamente diluídas – podem ser coisas muito úteis para todos nós, e não necessariamente “coisa de viado”, “de gente doida” ou “de maconheiro”, com todo respeito que temos também por eles.

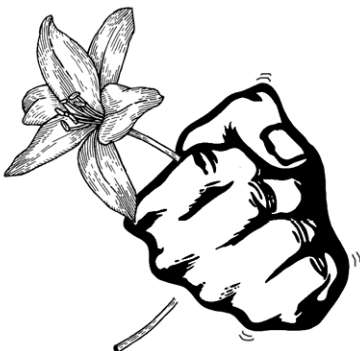
\*\*\*\*\*

Apresentadas algumas das vantagens e desvantagens da “pegação na internet”, saiba: o povo AINDA acha meio estranho, e olha desconfiado. Como resultado das observações anteriores, muitos de nós ainda temos o **preconceito** de que “o que vem fácil vai fácil”; e usamos isso não só para julgar as pessoas e duvidar de seus relacionamentos, mas também em casa, dispensando como roupa suja ou *guardanapo* uma pessoa (alguém, um ser humano) depois de “usar”, gozar ou sei-lá-o-quê, e jogar fora.

Diversas vezes, a justificativa para esse comportamento é tão fútil que pode ser considerada até mesmo alucinatória, por exemplo: “só porque não tem barriga de tanquinho”, “não é malhadão”, “tem cabelo na orelha” e coisas que não têm mais fim, mas têm solução... pra quem já entendeu “a real” e prefere ser diferente daqueles retratados na música que o poeta fez “pra quem não sabe amar e vive procurando alguém que caiba nos seus sonhos”... Porém, pedir piedade já não basta! A compaixão apenas não faz o barulho necessário para deixar explícita a gravidade urgente da nossa causa.

Precisamos ir mais longe! Vamos agora adentrar os corredores deste intrincado labirinto, até encontrarmos o monstro e travarmos a inevitável batalha pela liberdade, saboreando plenamente nossa vitória.

## Capítulo 19 - Curiosidade não mata, mas pode ferir bastante



“Perder” a virgindade é um ritual de passagem. É por medo que muitos homens (e seus filhos) são levados ao puteiro. Aceitar a **puta como “joker”** (curinga, dama e rainha!) no baralho social é condição para a viabilidade da família dita “tradicional” em muitas sociedades mundiais, inclusive a nossa.

**M\*t\*r, f\*d\*r e c\*m\*r** são provas de que você é “macho”: há uma disputa [natural?] de **poder** entre adolescentes e adultos, e a grande verdade mesmo é que **HOMENS MENTEM DEMAIS**, principalmente entre si, para si, na maioria dos casos e das vezes. E **mentem** a respeito dos mais variados assuntos. Com as mulheres eles até se abrem de vez em quando, sendo elas que talvez guardem o maior conhecimento sobre o mundo masculino em seus aspectos mais sensíveis (nosso “oceano de amor auto-negado”).

O sexo – ou, simplificado, o ato sexual – é um **fato da vida**. E foi condição *sine qua non* para nossa existência, pelo menos até o advento da inseminação artificial.

Como vimos, há diversas maneiras de expressão sexual: masturbação, heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, transexualidade, pansexualidade, intersex e outras além de quaisquer nomes forjáveis. Lembremos, uma vez mais, que os **nomes** são invenções humanas para que possamos nos referir a coisas e grupos de coisas, pessoas ou ideias, etc. Há,

*a todo e qualquer momento, interseções* entre tais conjuntos. As fronteiras são vazadas, **ninguém é simplesmente isto ou aquilo**.

Por falar em mal-entendido, precisamos conversar sobre este grande, imenso **tabu**: as práticas sexuais (humanas e animais), masculinas ou femininas (ou de outras identidades de gênero).

**Práticas** são as coisas que são feitas, e o modo como são realizadas envolve certamente um “*know-how*”, “*savoir-faire*”. Sempre assim, né?

Então, pela iniciação sexual que normalmente nos ocorre na vida por volta da adolescência (ou um pouco antes ou depois), descobrimos o que já sabíamos: aquela tensão (ou “*tesão de virgem*”, como se diz) só não é mais engraçada porque de cômica não tem nada.

Adolescência e virgindade são fases e assuntos muito delicados, explosivos, minados de imprevistos de toda ordem mesmo. Podem ser coisas difíceis de lidar, para muitos. Mas parece que o bicho nasce sabendo ou é tão inteligente que aprende rápido. Quem afinal não deu um selinho, depois um chupão, pra descobrir se sabia ou se gostava de beijar ou não?

Bem, citada a obviedade que é a **necessidade de sexo reprodutivo** (penetração vaginal entre heterossexuais), o que dizer do tabu maior, **o sexo anal?**

Registros históricos indicam que o sexo anal (entre homens, pelo menos) sempre existiu. Ensinam que os “bafões” aconteciam, e vez ou outra um cara era exilado na Sibéria ou condenado à prisão; mas os tiozinhos nada revelam das “técnicas”, da parte prática do que acontece no ato sexual em si.

Não é por nada: o assunto é embaraçoso, e excesso de conhecimento técnico pode ser (devidamente ou não) interpretado como resultado de prática pessoal recorrente, ou conceito até muito “pior”, conforme os ditames da sociedade “*poser*” vigente.

Um estudo da anatomia íntima do homem – que o leitor poderá fazer por si mesmo – revelará muitos detalhes que podem ajudá-lo a conhecer-se mais e melhor.

As primeiras experiências de alguns são com o lendário “troca-troca”: coisa sobre a qual todo mundo já ouviu falar, mas é muito raro que apareça um cabra macho (esse sim, de verdade!) e assuma que já fez. Coisas da vida.

Já outros homens começam a “se interessar pelo assunto”, por assim dizer, quando são mais velhos, por tantas razões que quase tanto faz (exceto os estupros, que devem ser combatidos de modo ferrenho).

Sozinho, cada um poderá descobrir o que precisa saber sobre este assunto. Há fóruns de internet, e você pode ter amigos. Às vezes nos surpreendemos com o que as pessoas nos dizem, se temos o ouvido calmo e a língua franca.

Algumas observações úteis são:

1) O homem tem uma próstata e uma glândula. Ah, e o resto do corpo também, não se esqueça;

2) A mulher tem um clitóris e uma vagina, além de mamas maiores que as masculinas;

3) As “regras” do sexo anal podem ser as mesmas, ou “ligeiramente diferentes” para cada gênero, cada pessoa, cada caso;

4) Algumas pessoas fazem enemas ou/e seguem dietas específicas, por motivos de preferência pessoal, exigência profissional, necessidade fisiológica ou outros;

5) **Não faça nada contra sua vontade**, ame-se. Você não precisa provar nada pra ninguém, nem para si mesmo, e não deve agir sob pressão física ou psicológica.

**Esfíncter** é um músculo de fibras circulares concêntricas que controla a amplitude (abertura) de um orifício determinado. O corpo humano tem cerca de 140 esfíncteres. Os mais conhecidos são o cardíaco, o pilórico (entre o estômago e o duodeno) e o anal.

A prática do sexo anal exige cuidados extras, tais como: **lubrificação** (à base d’água), vez que não ocorre sozinha; uso de **preservativo**, não só para evitar DSTs, mas infecções por contato com matéria fecal;

**relaxamento** progressivo, o que muitas pessoas afirmam atingir por preliminares diversas, seja “*anilingus*” (introdução da língua no ânus do parceiro ou parceira), “*fingering*” (introdução de um ou mais dedos), etc.

Muitos afirmam (inclusive a ciência oficial, nas áreas de Biologia, Anatomia, e Neurologia) que a região anal (de homens e mulheres, lógico) é **extremamente enervada e vascularizada**, razão pela qual pode vir a ser fonte de grande prazer sexual pela estimulação ou toque.

Porém, tratando-se de musculatura mais apertada e menos lubrificada, o estímulo pode ser fonte de dor, fissuras e sangramentos se não houver preparação, relaxamento ou **consentimento** adequados.

Vale sobretudo lembrar que as paredes do reto são extremamente absorventes (muito mais que a pele, a boca, os olhos ou a mucosa vaginal). Há muita irrigação local, o que colabora para que se torne uma zona erógena; mas que também facilita a exposição a vários agentes, como: HIV, vírus do papiloma humano (que pode resultar em câncer anal), febre tifoide, amebíase, clamídia, gonorreia, hepatites, herpes, salmonelose, sífilis, tuberculose e piolhos genitais (vulgos “chatos”), entre outras doenças.

Tratando-se de tabu também no universo heterossexual, a **prática do sexo anal** encontra resistência (semelhante?) nas mulheres, e muitas vezes o **assunto é mal resolvido** até abalar a estrutura da **família**. Se não chega a destruí-la, tantas vezes isso se dá pela canalização do impulso do cônjuge para outras áreas (ou seja, ele vai “**pular a cerca**” ou “chifrar”). O Capítulo 16 procurou explorar melhor o tema, refletindo sobre a promiscuidade em geral.

As **prostitutas**, classicamente, encarregam-se de **realizar as fantasias** de seus clientes, compromisso que, via de regra, as esposas, noivas e namoradas não necessariamente assumem. O fato de não reconhecermos os direitos trabalhistas das prostitutas é apenas mais um indício de nossa **hipocrisia** geral, vez que a profissão é “a mais antiga do mundo” e não deu sinais de que vá desaparecer tão cedo, muito pelo contrário: a mídia de massas não só nos estimula ao consumo desenfreado, mas à prostituição barata de nossos valores, corpos, sentimentos e relacionamentos.

É **todo mundo virando produto**, com destaque especial para a ultra-erotização infantil, o **esvaziamento existencial** e a crescente brutalização dos seres humanos.

A atual crise financeira mundial também fez multiplicarem os casos de DST, suicídio, prostituição e vício em drogas leves e pesadas, legais e ilegais, principalmente na Europa.

Desta forma, na **degeneração** máxima do comportamento utilitarista (ou em sua mera aplicação efetiva), o sexo anal torna-se praticamente uma **moeda de contrabando**. Vive na clandestinidade, obscurecido pelo tabu que adotamos a esse respeito. Alimenta a indústria pornô e a prostituição, sobretudo de travestis profissionais do sexo (que muitas vezes não têm outra opção de emprego, como qualquer pessoa pode ver).

Além disso, a **mitificação** do sexo anal gera um estranho fetiche, mais perigoso do que propriamente saudável. O número de estupros cometidos contra meninos, em todo o planeta, é **assustador!**

Se você não sabe, de acordo com a OMS, uma em cada cinco mulheres foi ou será estuprada. Já pensou? **Estupradores podem ser tanto pessoas conhecidas quanto desconhecidas. Não se relacionam a nenhum grupo socioeconômico em especial, não escolhem classe social, religião ou cor.** Geralmente as vítimas femininas têm entre 13 e 35 anos, ou seja, estão em idade reprodutiva.

O **estupro masculino** é um mistério em sua verdadeira dimensão e extensão numérica e psicológica, pois há milhares de homens em silêncio, talvez milhões ou bilhões.

Além de qualquer prática erótica consentida, o estupro de homens por outros homens é utilizado em todo o mundo como **ARMA DE GUERRA**. Há denúncias de crimes sexuais assim cometidos recentemente em vários países, dentre os quais citamos: Bósnia (80% dos encarcerados), Grécia, Iran, Iraque, Chile, Kuwait, Brasil (e quantos mais, quantos por cento?)

Destaca-se o caso do Congo, onde 22% dos homens afirmam ter sofrido violência sexual durante a presente guerra. No Sri Lanka, 21% dos

homens confirmam a mesma situação. Relata-se que mais de 75% dos prisioneiros políticos de El Salvador também foram sexualmente violentados. Podemos imaginar que lugares como Guantánamo, Síria, Afeganistão e outras áreas de guerra devem ter números tão exorbitantes quanto estes, se não piores.

Muitas vezes – além de motivação política ou simples expressão da violência sádica imposta a um semelhante – o criminoso é movido por **aspectos confusos e mal resolvidos** de sua vida. O estupro pode ser um ato de retaliação, de afirmação do poder pessoal bruto, ou uma busca de validação de si mesmo nos quesitos força, masculinidade e coisas muito mais obscuras, confusas, sinistras.

Em todo e qualquer caso, seja homem ou mulher, a **vítima** de violência sexual passa por uma profunda **crise** em seu corpo e psique, podendo até mesmo ter comprometimentos (temporais ou permanentes) em sua capacidade de socializar-se ou de retomar a vida normal.

**A violência sexual é uma forma de humilhação EXTREMAMENTE recorrente no mundo.** Em lugares onde a prática homossexual é um tabu, existe dose ainda maior de culpa, vergonha e dissonância cognitiva por parte da vítima. Muitos homens que foram vítimas de estupro não conseguem uma reabilitação integral, e somando-se o **peso do silêncio** derivado do estigma que aumenta ainda mais a solidão, tantos são levados a cometer suicídio, direta ou indiretamente. As **crises de identidade e de autoestima** resultantes podem ser avassaladoras.

Estatísticas menos otimistas mostram a possibilidade de que **mais de 50% dos homens e mulheres** venham a sofrer algum tipo de violência sexual durante seu curso de vida. Se lhe parece um dado remoto, traduza-se: **uma em cada duas pessoas** que você conhece, ou seja, metade! Isso parece horrível, mas ainda é otimismo... os “pessimistas” (ou realistas, segundo eles) calculam que o abuso ou a ofensa sexual possa acontecer, de forma mais leve ou totalmente drástica, com até **80%** das pessoas.

Por que falar de um assunto tão triste, num capítulo que deveria ser dedicado ao prazer? Porque, como diz o título, curiosidade pode não matar,

mas sexo anal pode ser uma coisa, sim, terrível. Aliás, tudo na vida depende do uso que fazemos, de como nos posicionamos no emprego de nossas habilidades e recursos. Mesmo a tecnologia pode ser usada para libertar ou escravizar-nos, conforme hoje temos, por um lado, a internet; enquanto, por outro, vemos a **profusão de agrotóxicos** e alimentos geneticamente manipulados (geralmente visando a lucros, e não a promover a saúde humana), sobre os quais não temos qualquer tipo de controle real e que podem ser considerados, sob vários aspectos, um retrocesso evolutivo, monstruosidade que pode nos matar a todos; algo muito pior do que “d\*r \*c\*”, com certeza!

Sexo anal permanecerá sendo um tabu, na maior parte do mundo, durante muito tempo. Por limitações inerentes ao ritmo do processo dialético de transformação cultural, poderemos **esperar forte resistência** contra este assunto, até mesmo contra este livro. Não é só por ignorância, curiosidade ou medo. É o espírito da época.

O objetivo deste texto é justamente criar condições para EVITAR todos esses crimes horríveis e toda violência associada a este tema. Não é para fazer propaganda gay, nem servir de catequese. Você não precisa concordar com nada do que é apresentado, talvez nem deveria ou devesse, mas **tem a obrigação moral e política de tomar conhecimento do que acontece com nossos semelhantes**, a cada segundo, em todo o mundo.

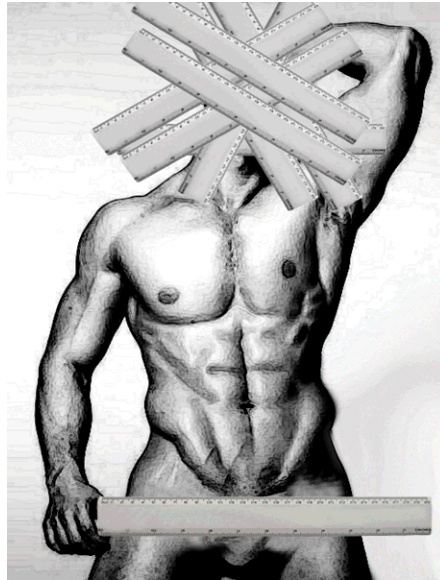
Falando claramente: querer é poder, e há muita informação disponível. Cuidado como você exerce suas próprias faculdades. Respeite a si mesmo e ao próximo!

Como nos lembra Madre Teresa de Calcutá,

**“Não é o que você faz, mas quanto amor você dedica no que faz que realmente importa.”**

Então, matou sua curiosidade? Agora vamos adiante, porque já eliminamos (ou exorcizamos?) a maioria dos monstros. O próximo, porém, não é um monstro temível, **apesar de que as corrupções humanas possam fazer mau uso** de toda e qualquer coisa. Sobre tema intimamente relacionado a este capítulo, perguntamos finalmente:

## Capítulo 20 - Qual o tamanho do documento?



É isso aí, vamos agora àquele que é o favorito de tanta gente: o **pênis!** Por motivos que remontam ao amanhecer dos tempos, o **falo** (pênis ereto) tradicionalmente é um símbolo de fecundidade, pois o sêmen pode ser considerado a fonte da vida, tanto em cultos primitivos quanto mesmo hoje em dia.

O falo é muitas vezes utilizado como **amuleto** ou como objeto de veneração. Um bom exemplo é o Tagata Shrine Honen Festival, no Japão; reza o costume que a procissão do enorme pênis por toda a cidade traz fertilidade às mulheres e sorte no casamento aos homens.

O deus grego **Priapo** era o protetor dos animais domésticos, das plantações, pomares, jardins e da genitália masculina. Era geralmente representado com um falo de tamanho exagerado. **Priapismo** é palavra derivada, referindo-se à condição médica em que um homem tem ereção que dura quatro horas ou mais, causando-lhe dor ou efeitos piores, como trombozes, gangrenas ou/e impotência.

A sociedade romana, dentre outras, pode ser considerada **falocêntrica**, pois o falo estava presente tanto nos templos sagrados quanto nos lares e em algumas cerimônias da vida pública. Aliás, a cultura atual pode até ter ocultado a maioria das representações gráficas diretas do falo, mas nem por

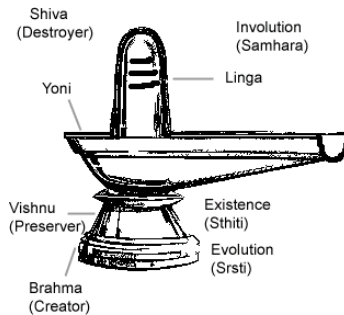
isso deixamos de ser falocêntricos e machistas. Basta ver os homens, seus obeliscos e **gravatas!**

Caso interessante e muito próximo de nós é o do **El Kurupí**, lenda da **mitologia guarani** que mistura traços de Príapo e Curupira, acrescido de um caráter mau: de pés virados para trás e baixa estatura, o homúnculo tem o pênis tão enorme que dá voltas ao redor da cintura, como se fosse um cinto. Infelizmente, segundo a lenda, ele costuma raptar e engravidar as moças que entram na floresta em busca de lenha, as quais sempre engravidam e, aos sete meses, dão à luz um filho que fatalmente morre dali a sete dias. Para vencê-lo, é preciso cortar seu pênis ou subir em árvores: seu corpo é uma só peça, e, não tendo articulações, ele não pode subir!

No **Butão**, existe uma tradição de mais de 500 anos que considera o pênis como **entidade sagrada** e símbolo que espanta o mal e traz boa sorte. As pinturas são de grande beleza e profundo significado espiritual, tão populares que fazem parte do **patrimônio cultural** daquele país. Infelizmente, dadas a ocidentalização da cultura e a invasão ideológica do cristianismo deturpado de nossos dias, estas tradições estão em decadência, gravemente ameaçadas de extinção. <sup>16</sup>



Na Índia, o culto ao “Shiva Lingam” remonta a eras pré-históricas. O significado do símbolo é profundo e infelizmente não poderemos nos estender neste assunto. Por exemplo, é costume das moças solteiras que procuram marido derramarem leite e mel sobre o “lingam”, nos templos, nas ruas ou nos lares; além disso, homens e mulheres enfeitam-no com flores e oferendas. Esta é apenas uma das centenas de significados deste culto antiquíssimo que, ritualmente, pratica-se às segundas-feiras, dia de Shiva. <sup>17</sup>



De modo geral, o falo está associado à força da **criação ativa, divina e masculina**. Também está relacionado ao simbolismo do eixo do mundo (“*axis mundi*”), ou seja, algo que liga o céu e a terra, da mesma forma que a árvore, a montanha, a coluna vertebral, o pilar e tantos outros símbolos. No **hinduísmo**, encontramos o mesmo conceito, igualmente relacionado ao “*lingam*”: “*stambha*” (coluna) é algo que liga “*svarga*” (céu) a “*prithvi*” (terra).

Os **orientalistas**, desde o século XIX, geralmente referem-se ao “*lingam*” como o aspecto masculino, e à “*yoni*” (base) como aspecto feminino. Entretanto, há indícios de que se trata de uma **simplificação**, pois na cabeça do devoto nativo eles podem representar a unidade da criação, dos diferentes aspectos e proporções ativos e passivos, masculinos e femininos que se manifestam em tudo o que existe. Vamos esclarecer: o “*lingam*” não é precisamente um símbolo fálico, e sim um **símbolo da criação e destruição** do cosmos, um símbolo abstrato de Deus.

A “*yoni*” simboliza ainda o seio materno, estando relacionada deste modo à matriz procriadora. Corresponde à vagina, é o pedestal do “*lingam*” e seu símbolo é um triângulo apoiado sobre um dos vértices: ▽.

Para a maioria de nós, homens, contudo, muito mais importante do que tais curiosidades costuma ser um dos grandes (e mais lucrativos!) **fantasmas da Civilização**: o tamanho do pênis.

Então, se no mundo dos machões tamanho é documento, qual o verdadeiro **tamanho do documento**?

Estudos diversos apontam o tamanho médio do pênis ereto como sendo algo entre 13 e 16cm. Empresas de preservativos conduziram testes em que

a média de espessura (circunferência) ficou em cerca de 12cm. Já o comprimento médio do pênis flácido ficou em 8,8cm.

Mesmo que os homens se esforcem muito – e mesmo que invistam milhões de dólares ou de horas em tratamentos para o **tão-almejado aumento peniano** –, ainda assim confrontar-se-ão com o embaraço derivado de uma reação fisiológica inevitável: o **pênis tende a retrair-se** em situações de **frio, medo, perigo** ou **timidez**. A razão é simples: o corpo tem um movimento natural e automático de recolher os órgãos sexuais para perto do tronco, protegendo-os.

Se os homens competem entre si para ver quem tem o maior equipamento e quem é o mais bem-dotado, isso acontece mais por **narcisismo ou insegurança pessoal** do que por desejo expresso das mulheres. Pelo contrário, a maioria das mulheres afirma que a circunferência está muito mais intimamente relacionada ao prazer do que o comprimento. Além disso, pênis acima de 20cm podem machucar o colo do útero.

Há quem afirme, como a psicóloga Angelita Scárdua<sup>18</sup>, que **pênis enormes** sejam mais prazerosos para gays do que para mulheres. Devido à proximidade entre ânus e próstata, a sensibilidade do ânus masculino seria maior que a do feminino, e um pênis maior permitiria uma maior estimulação da próstata durante a penetração.

O tamanho do pênis é um fator de insegurança para praticamente todos os homens, exceto os naturistas e outros poucos totalmente bem-resolvidos. **A indústria pornográfica nos impõe padrões gigantescos**, como tudo em nossa época é exagerado mesmo, reduzindo o pênis a mero componente do enorme espetáculo sem fim (e cada vez mais sem graça, apesar de todo “*entertainment*” e de tantos “*games*” hipnotizantes) desfilando perante nossos olhos neste confuso e eterno pré-Apocalipse.

Se, em tese, são os gays que preferem os maiores tamanhos, na prática o que muitas mulheres (*online* e *off-line*) afirmam é que não deixam nada a perder nesse quesito: gostam mesmo é de **grande e grosso!** (Dito desta forma mesmo).

Por outro lado, há tanto homens quanto mulheres que dizem ter medo e se recusam a ser penetrados por pênis muito grandes. Há também consenso de que não adianta ter um pênis enorme se ele não ficar **completamente duro** o tempo suficiente, ou se o cara tiver ejaculação precoce.

Portanto, antes de sair correndo atrás da **régua** e da fita métrica (quantas vezes você já fez isso?), relaxe um pouco... **Tamanho** não é uma coisa tão importante quanto somos levados a pensar, se for pra falar sério.

E veja bem... a insistência humana não iria deixar um assunto tão importante como este passar em branco! Você ficou na mão? Que ótimo! Nossa **genialidade ancestral** acumulada agora transborda em erros e acertos, produtos e depoimentos inusitados disponíveis na rede mundial.

Para os muito incomodados, a obra do Sr. Aaron Kemmer<sup>19</sup> poderá ser de grande utilidade. Também os fóruns [www.PEGym.com](http://www.PEGym.com) e [www.thundersplace.org](http://www.thundersplace.org) reúnem milhares de homens que discutem tecnologias e saberes como “*jelq*”, “*kegel*”, “*uli*” e outras curiosidades inusitadas, todas muito úteis.

Além de puro narcisismo, paranoia ou vontade de poder, a **saúde do pênis** é um assunto que deveria interessar a todos os homens, e a existência de **técnicas para prolongar o prazer, proporcionar orgasmos múltiplos e aumentar a força das ereções** deveria ser divulgada para os meninos, assim como as mães ensinam para as meninas questões referentes à maternidade e os segredos da depilação e maquiagem.

**Tudo nesta vida é temporário**, e faremos bem em assentar nosso centro de identidade e nosso núcleo de amor próprio em coisas menos contingentes do que o tamanho de nosso próprio bilau.

Agora você já sabe os números, e hoje é dia de festa! Faça as pazes com seu amigão, respire fundo e diga “dane-se” da próxima vez que sair da piscina ou que for ao mictório.

Para nos ajudar, lembremo-nos da filosofia budista, quando propõe que **“toda comparação é um ato de violência.”**

---

<sup>16</sup>. Imagem originalmente postada no Flickr por amanderson2 em:

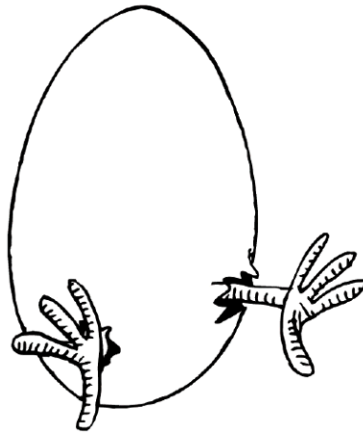
<http://gabrielquerviajar.com.br/2012/04/drukpa-kunley-o-pinto-santo-do-butao/>

17. Fonte: <http://www.shrikashivishwanath.org/img/shivlingameaning.gif>

18. Fonte: <http://angelitascardua.wordpress.com/2009/05/22/penis-grande-so-melhora-prazer-de-gays/>

19. Cf. Capítulo 22.

## Capítulo 21 - Como e por que sair do armário?



Bom, esta decisão é sua, mas com certeza envolve uma reação em cadeia. Isso é natural. Se quiser “se dar bem”, é melhor aprender a **gerenciar a crise**.

Só por curiosidade, “crise” (do grego “*krisis*”) refere-se a um evento que é imprevisto, acontece de surpresa, gera incertezas e pode aparentemente ameaçar coisas que são importantes para nós ou objetivos que definimos. Na medicina antiga, “*krisis*” era o **ponto-de-virada** de uma doença; e, na literatura, significava: julgamento, resultado de uma decisão judicial ou concurso. Origina-se do verbo grego “*krinein*” (separar, julgar, decidir) ou “*krínô*”, cujo radical é “*krei-*” (distinguir, discriminar, coar).

Em latim, a palavra aparece como “*cribrum*” (peneira, coador, crivo), da qual se derivam “*crimen*” (julgamento ou crime) e “*cernere*” (peneirar, separar). Também “*cerno, cernere*” é quase idêntico a “*krínô, krinein*”. E, generalizando, todas querem dizer “separar”, “peneirar”, “discernir” (*discernere*).<sup>20</sup>

Ainda hoje, a palavra “crise” nos remete a uma situação decisiva ou/instável, passível de mudanças abruptas. “**Crise**” também pode referir-se a trauma ou stress psicológico que venha a mudar a vida de uma pessoa.<sup>21</sup> De fato, é comum ouvirmos pessoas dizerem que estão em crise, que **o mundo está em crise** ou que tiveram uma crise no casamento, no relacionamento

com os filhos, ou uma crise de meia-idade.

Muito interessante também é a palavra “*kritérion*” (teste, meio de julgar, parâmetro), derivada do mesmo radical de “*krínô*”. Porque é justamente pela via do **critério** que podemos transformar a crise em oportunidade de aprendizagem.

Direta ou indiretamente, **toda e qualquer crise implica aprendizagem, crescimento**, forçando-nos à expansão de nossa compreensão sobre nós mesmos e nossos problemas.

Então muita calma nessa hora!

Procure (ou crie!) o melhor momento, procure “a melhor chance”, o **contexto ideal** (que pode simplesmente acontecer ou pode ser criado por você ou por alguém ou alguma coisa). Decida se vai “sair do armário” aos poucos ou de uma só vez. As pessoas que já passaram por isso e o **bom-senso** recomendam que seja AOS POUCOS:

— Quem eu aviso primeiro? Por onde começo? Às vezes não precisa falar, às vezes precisa. Por onde? Amigos, família, psicólogo, internet?

Seja progressivo, escolha os melhores...

Esteja atento a sintomas de **stress psicofísico**: ânsia de vômito, tremores, pesadelos, sudorese, nó na garganta significam que você está tenso, nervoso, e que talvez *sair do armário* pode ser uma coisa muito saudável para você; porque certamente é assunto bastante sensível, tão poderoso que é capaz de alterar toda a sua fisiologia em questão de instantes!

Se você ponderou e já tomou uma decisão sobre este assunto... E aí?! Já conversou com alguém? O que aconteceu? Já se acostumou com a ideia? Houve mudanças? Consegue negociar os protocolos sociais e as novas variáveis? Você está bem? Precisa de ajuda? Você se sente mais leve, ou sofre de auto-rejeição? Consegue se virar sozinho ou precisa de apoio externo?

Muito além de sua prática sexual ou mesmo de sua identidade de gênero ou dos papéis sociais que você decide ou precisa experimentar, o

**que está realmente em jogo é uma questão de IDENTIDADE PESSOAL TOTAL**, inseparável da questão política que é a luta para assegurar seus direitos de ser você mesmo!

Estamos falando de uma cruzada pessoal, realmente titânica, heroica contra o gigante que é a *homogeneização cultural* nos dias de hoje. É difícil ser diferente, autêntico, corajoso, original; por isso temos dificuldade em sermos nós mesmos: únicos, criativos, felizes e autoconfiantes.

Nós, homens e mulheres pós-modernos, estamos **acostumados e mansos, fomos adestrados** pelas escolas e **seduzidos** pelas promessas e maravilhas do consumismo globalizado.

O *supermercado cultural* aparentemente disponível a cada um é uma ilusão-realidade forjada a partir da fragmentação dos conceitos clássicos que compõem o que entendemos por “**etnia**” (língua, lugar de pertencimento, tradições, religião, costumes e lendas).

A **dissolução dos conceitos** também implica o borrar das margens, o reconhecimento da porosidade inteiriça a toda e qualquer zona de fronteira.

Como resultado, sentimo-nos **perdidos, sozinhos e inseguros**. Todos os modelos referenciais parecem mudar ao mesmo tempo, “tudo o que é sólido se desmancha no ar”. Já não temos identidades nacionais ou familiares que sejam claramente delimitadas, nosso local já não é somente o espaço que ocupamos fisicamente.

Dizem os sábios que “ninguém nasce homem, é preciso tornar-se homem”. E há filósofos que, de fato, nos dão as pistas que, dizem, nos levariam ao verdadeiro super-homem (o “*overman*”, “*mahatma*”, “*arhat*”, “*bodhisattva*” ou “*christos*”, para citar apenas alguns nomes).

Se tudo isso é verdade ou não, fica a seu critério julgar. Entretanto, sabemos que a nossa **identidade** é um ponto fundamental em qualquer tipo de sistema cultural. Mesmo que um regime ditatorial seja absolutista a ponto de negar as identidades individuais, como nos piores sonhos da distopia, ainda assim tentará nos impor a sua própria identidade.

Por isso, questões como *processo de identificação* e abordagem

(“*approach*”) tornam-se eternamente relevantes, na medida em que continuamos a erguer símbolos e sistemas, a nos identificarmos com eles e a prosseguirmos destruindo, digerindo e reciclando os resíduos do processamento cultural, com toda a autofagia (ou dialética) que ele nos impõe por método.

Na atualidade, estamos cada vez mais: apartados da ordem social tradicional; isolados no espaço e conectados no cyberspaço; descentralizados em nossas referências; bombardeados por informações incessantes e contraditórias; fragmentados, em (ou sem) corpo, emoções e alma; contraditórios e não-resolvidos; fúteis, superficiais e apressados. **Qualquer pessoa sincera** pode pensar se isso é verdade ou não.

A modernidade, com suas cidades e fábricas, nos tornou igualmente anônimos e impessoais. **Vivemos de modo alienado, egoico, autocentrado.** Exilados da realidade dos outros e do mundo, nos dissolvemos em identidades coletivas, comoções públicas, telenovelas, corridas de Fórmula 1 e eventos desportivos literalmente patéticos.

Não há nada de errado em divertir-se, muito pelo contrário. Mas é estranho achar saudável que milhões de pessoas deixem de ser elas mesmas, em eventos de verdadeira **alucinação de massas**, para introjetar pensamentos inspirados por Corporações, bancos ou governos e daí partirem para as mais esquisitas (e teleguiadas) ações.

Apesar de que isso possa parecer perigoso – identificar-se a uma **ideologia de fascinação e mistificação** qualquer, sobretudo sem questionamento ou por medo de perder o amor do grupo –, infelizmente é extremamente comum que coisas até piores que isso aconteçam o tempo todo, ao nosso redor e dentro de nós, sem que sejamos capazes de perceber coisa alguma.

**A ignorância, como a sabedoria, floresce no tempo, proporcionalmente ao seu cultivo.** Mas enquanto a sabedoria permite, teoricamente, atualizar-se em saltos quânticos; a burrice, pelo contrário, arrasta-se, de ré, para as profundezas das trevas que são as almas daqueles que não se cultivam. Trágico, né?

Brincadeiras à parte, chegou a hora de **você** decidir:

— VOCÊ QUER OU PRECISA SAIR DO ARMÁRIO?

É o mais sincero desejo do autor e seus editores que esta obra sirva de auxílio nesta missão: entrar no labirinto e vencer o medo monstruoso; sair dele e continuar sua vida, sem a apreensão constante de quem vele por um esqueleto escondido no armário da cozinha a vida toda! Sem ímpetos de violência nem autodestruição.

A **jornada do herói**, como o próprio nome diz, é difícil para todos. Porém, não é impossível pra ninguém. Caso contrário, por que precisaríamos buscar inspiração em mitos passados e velhas simbologias?

Talvez porque o ser humano, ele mesmo, seja um signo, um símbolo, um índice, um ícone. **Fenômeno maravilhoso de raízes incognoscíveis, o ser humano é digno da mais alta consideração fraterna.** Devemos buscar compreender a todos em cada expressão individual e na totalidade da maravilhosa diversidade que há no mundo.

Talvez o homem seja um símbolo velho, antigo. Lembra-se dos arquétipos? Então, não seria o caso? **Haverá um homem arquetípico?** Qual seria? De que serviria? Reflita um pouco sobre este ponto: que símbolo é esse? Como ele é? O que tudo isso tem a ver comigo? É uma abstração, generalização? É algo que existe? Como pesquisar o símbolo humano?

Buscar **conhecer a si mesmo** – e desta forma também compreender o próximo e seu direito à existência plena – é o mais **ético** a ser feito. Certamente é o único caminho que nos trará alguma felicidade duradoura, um pouco de paz de espírito, paz nas relações humanas e com a Natureza, e paz na Terra.

“*Gnothi Seauton*”<sup>22</sup> continua sendo um excelente caminho para a Ecologia Holística (entendida como nossa integração harmônica, total e radicalmente sustentável em todos os planos da existência; estando atentos à interdependência entre todos os seres e à inseparabilidade entre nós e o meio-ambiente).

Curiosamente, a própria **psiquiatria** – com todas as suas limitações de *insight*, mas também com sua vasta documentação experimental – classifica o excesso de **ansiedade** em relação à própria orientação sexual como uma doença.

Doença? Sim. Catalogada sob o código CID-10 F66.1, é chamada de “orientação sexual egodistônica”, ou seja, refere-se a um estado ou situação em que a **imagem idealizada** que a pessoa tem de si mesma está em conflito com o que ela experimenta ser verdade sobre si mesma em relação à atração ou orientação sexual. A particularidade, neste caso, é que **a identidade sexual não está em dúvida** (hétero, homo, bi, trans), mas o indivíduo gostaria que ela fosse diferente, que fosse outra.

Você não precisa [necessariamente] ficar [ou ser considerado] doente para tomar uma decisão, processar o impacto das informações e posicionar-se em relação a si mesmo e à sociedade em assunto que diz respeito à sua própria vida pessoal e íntima, certo?

Se você se sentir perdido ou abandonado, pode lembrar-se de **Teseu**, do **labirinto**, do **minotauro vencido**, do **fio de lã** que te conduz pelo labirinto afora. Mais do que uma imagem forte, o **mito** pode nos dar uma base epistemológica, além de conselhos práticos e uma dose razoável de conforto espiritual.

Se o que fizemos neste livro vai ser classificado como autoajuda ou autoengano, catecismo ou exorcismo, tanto faz. O importante é que você consiga, de um jeito ou de outro, enxergar claramente que **tem direito nato à dignidade, à livre expressão e à segurança mínima para desenvolver-se**.

Precisamos **exercer a compaixão, a tolerância e o multiculturalismo**, porque, como diz o povo, é bem verdade que “nem todo mundo é feliz, mas com certeza todo mundo é humano e, portanto, também sofre”.

Somos todos irmãos, somos todos um! E todos temos o direito de viver e de sermos felizes em paz. Pare um pouco e considere. Agora é com você. Boa sorte! Como ÚLTIMA DICA de amigo, lembre-se daquela canção que diz “coragem, coragem se o que você quer é aquilo que pensa e faz...”

coragem, coragem, eu sei que você pode mais!”

Agora você já tem algumas das chaves do armário. O que vai fazer com elas?

---

20. Referência: <http://www.etymonline.com/index.php?term=crisis>

21. Referência: <http://en.wiktionary.org/wiki/crisis>

22. Inscrição supostamente encontrada no Oráculo de Delfos (γνωθι σεαυτον), “conhece-te a ti mesmo”. Em latim, traduz-se como “nosce te ipsum”.

## Capítulo 22 - Você precisa de ajuda? Onde encontrar.



Nossa época é, sem dúvida, das mais confusas. Entretanto, nunca tivemos tantos recursos! Por meio de **grupos de suporte mútuo** (presenciais ou *online*), **publicações especializadas** e materiais **audiovisuais**, dispomos de uma variedade considerável de **serviços e produtos** que podem nos ajudar a obter novos *insights* sobre tema tão vasto e complexo quanto as sexualidades humanas.

Seguem algumas indicações que podem ser úteis para pessoas à procura de informação ou que (de algum modo) precisam de ajuda, mesmo que seja para entender um pouco melhor este “universo” e suas variáveis. Ou talvez para repassar as sugestões aos possíveis interessados.

### EMERGÊNCIAS

Apesar da inauguração, a partir de 2011, de núcleos da Polícia Civil especialmente direcionados para atendimento da comunidade LGBT em cidades como Belo Horizonte e São Paulo, a iniciativa ainda não virou moda.

Portanto, no Brasil de hoje, você deve memorizar os seguintes números:

- **Polícia Civil** – 197
- **Polícia Militar** – 190
- **Corpo de Bombeiros** – 193

- **Pronto-Socorro e Ambulância** – 192
- **Polícia Federal** – 194

Em **Portugal**, o número geral de emergências é 112.

## **SERVIÇOS**

(no Distrito Federal – prefixo 61)

- **AAA - Alcoólicos Anônimos** – 3226-0091
- **CVV - Centro de Valorização à Vida** – 141
- **CVI – Centro de Valorização do Idoso** – 0800-6441401
- **Delegacia da Mulher** – 3244-3400
- **Delegacia de Proteção ao Menor e ao Adolescente** – 3361-1049
- **Disk-Aids/GAPA** – 3326-7000
- **Disque-Denúncia** – 197 – denuncia197@pcdf.df.gov.br
- **Delegacia Eletrônica** – www.pcdf.df.gov.br
- **PROCON** – 151
- **SOS Criança** – 1407

## **LIVROS**

ALVES, Flávio; BARCELLOS, Sérgio. *Toque de silêncio: uma história de homossexualidade na Marinha do Brasil*. São Paulo: Geração Editorial, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BERENDT, J.E. *Nada Brahma. A música e o universo da consciência*. São Paulo: Cultrix, 1997.

BLAVATSKY, Helena. *Glossário Teosófico*. São Paulo: Ground, 1995.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CLARKE, Arthur. *A Cidade e as estrelas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

1979.

COSTA, Ronaldo Pamplona et alii. *Macho, masculino, homem: a sexualidade, o machismo e a crise de identidade do homem brasileiro*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

CHOPRA, Deepak. *Quantum Healing*. New York: Bantam Books, 1990.

DAHLKE, R; DETHLEFSEN, T. *A doença como caminho*. São Paulo: Cultrix, 1997.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

FREUD, *O mal estar na Civilização*. Resenha disponível em:  
<http://wfpereira.multiply.com/journal/item/26/26>

GOSWAMI, A. *A física da alma*. São Paulo: Aleph, 2005.

GOSWAMI, A. *O médico quântico: orientações de um físico para a saúde e a cura*. São Paulo: Cultrix, 2006.

GRAHAM, H. *Imaginação e saúde: como usar a criação orientada de imagens para a cura de si mesmo e para o desenvolvimento pessoal*. São Paulo: Cultrix, 2000.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARDIN, Kimeron N. *Auto-estima para homossexuais: um guia para o amor próprio*. São Paulo: Summus, 2000.

HAY, Louise L. *You can heal your life*. New Delhi: Hay House India, 2005.

HOOVEN, F. Valentine. *Tom of Finland: his life and times*. New York: St. Martin's Press, 1993.

KAPLAN, E. A. (Org.). *O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

KEMMER, Aaron. *Exercising the penis: how to make your most prized organ bigger, harder and healthier*. Seattle: CreateSpace, 2008.

KRISHNAMURTI, Jiddu. *Liberte-se do passado*. São Paulo: Cultrix, 2002.  
Disponível integralmente em: <http://www.jiddu->

krishnamurti.net/pt/krishnamurti-liberte-se-do-passado

- LEVINE, Peter. FREDERICK, Ann. *O despertar do tigre: curando o trauma*. São Paulo: Summus, 1999.
- LEXIKON, Herder. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- LIONÇO, Tatiana. (Org.). *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009.
- MCDUGALL, Joyce. *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- NASIO, J.-D. *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- ORWELL, George. *Nineteen Eighty-Four (1984)*. New York: Signet, 1961.
- SHELDRAKE, Rupert. *A sensação de estar sendo observado*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SPERO, David. *The art of getting well: maximizing health when you have a chronic illness*. New Delhi: New Age Books, 2007.
- STEINER, Claude; PERRY, Paul. *Educação Emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- TURNER, David; MUÑOZ, Jesus. *Para os filhos dos filhos dos nossos filhos: uma nova visão da sociedade Internet*. São Paulo: Summus, 2002.
- VEDRO, Steven. *Dharma Digital: como desenvolver a consciência espiritual na era da informação*. São Paulo: Aleph, 2010.
- WEIL, Pierre; CREMA, Roberto; LELOUP, J.Y. *Normose, a patologia da normalidade*. Campinas: Verus, 2003.
- WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal*. Petrópolis: Vozes, 2007.

## FILMES

- **A estrada perdida** (*Lost Highway*) – David Lynch, EUA, 1997, 134min.

- **A pele que habito** (*La piel que habito*) – Pedro Almodóvar, Espanha, 2011, 117min.
- **Amanda & Monick** – André da Costa Pinto, BR, 2007, 19min. Disponível em: <http://youtu.be/LqzEAai25cE>
- **Bem vindo ao lar, Bobby** (*Welcome home, Bobby*) – Weibert Wise, EUA, 1986 (TV), 100min.
- **Brokeback Mountain** – Ang Lee, EUA, 2005, 134min.
- **Butterfly** (*Hu die*) – Yan Yan Mak, Hong Kong, 2004, 124min.
- **Café com leite** – Daniel Ribeiro, BR, 2007, 18min. Disponível em duas partes: <http://youtu.be/veCDumywdVA> e <http://youtu.be/8q0Ut-3jCgI>
- **Conta comigo** (*Stand by me*) – Rob Reiner, EUA, 1986, 89min.
- **De pernas para o ar** – Roberto Santucci, BR, 2010, 97min.
- **Delicada Atração** (*Beautiful Thing*) – Hettie Macdonald, UK, 1996, 90min.
- **Dzi Croquettes** – Raphael Alvarez / Tatiana Issa, BR, 2009, 110min.
- **E sua mãe também** (*Y tu mamá también*) – Alfonso Cuarón, México, 2001, 106min.
- **Filadélfia** (*Philadelphia*) – Jonathan Demme, USA, 1993, 125min.
- **Filhote** (*Cachorro*) – Miguel Albaladejo, Espanha, 2004, 100 min.
- **Fogo e Desejo** (*Fire*) – Deepa Mehta, Índia/Canadá, 1996, 108min.
- **Hedwig: Rock, amor e traição** (*Headwig and the Angry Inch*) – John Cameron Mitchell, EUA, 2001, 95min.
- **Jules e Jim: uma mulher para dois** (*Jules et Jim*) – François Truffaut, FR, 1962, 105min.
- **Kinsey: vamos falar de sexo** (*Kinsey*) – Bill Condon, EUA, 2004, 118min.
- **Madame Satã** – Karim Ainouz, BR, 2002, 105min.

- **Meninos não choram** (*Boys don't cry*) – Kimberly Pierce, EUA, 1999, 118min.
- **Milk, a voz da igualdade** (*Milk*) – Gus Van Sant, EUA, 2008, 128min.
- **Minhas mães e meu pai** (*The Kids Are All Right*) – Lisa Cholodenko, 2010, 106min.
- **Morrer como um homem** – João Pedro Rodrigues, Portugal/França, 2009, 134min.
- **Não quero voltar sozinho** – Daniel Ribeiro, BR, 2010, 17min.  
Disponível em: <http://youtu.be/1Wav5KjBHbI>
- **O Eclipse** (*L'eclisse*) – Michelangelo Antonioni, Itália, 1962, 126min.
- **O garoto de bicicleta** (*Le gamin au vélo*) – J.P. e Luc Dardenne, França, 2011, 87min.
- **O império dos sentidos** (*Ai no korida*) – Nagisa Ôshima, JP, 1976, 109min.
- **O livro de cabeceira** (*The pillow book*) – Peter Greenaway, EUA, 1996, 126min.
- **O Padre** (*Priest*) – Antonia Bird, UK, 1994, 105min.
- **Parceiros da noite** (*Cruising*) – William Friedkin, EUA, 1980, 102min.
- **Persona** – Ingmar Bergman, EUA, 1966, 85min.
- **Priscilla, Rainha do deserto** (*The Adventures of Priscilla, Queen of the Desert*) – Stephan Elliot, Austrália, 1994, 104min.
- **Quando Nietzsche chorou** (*When Nietzsche Wept*) – Pinchas Perry, EUA, 2007, 105min.
- **Querelle** – Rainer Werner Fassbinder, França, 1982, 108min.
- **Toda forma de amor** (*Beginners*) – Mike Mills, EUA, 2010, 105min.
- **Traídos pelo desejo** (*The crying game*) – Neil Jordan, EUA, 1992, 112min.
- **Transamérica** – Duncan Tucker, EUA, 2005, 103min.

- **Três formas de amar** (*Threesome*) – Andrew Fleming, EUA, 1994, 93min.
- **Velvet Goldmine** – Todd Haynes, EUA, 1998, 124min.
- **Videodrome** – David Cronenberg, EUA, 1983, 87min.
- **XXY** – Lucia Puenzo, Argentina, 2007, 86min.

## **REPORTAGENS e DOCUMENTÁRIOS**

### **Bacha Bazi, the dancing boys of Afghanistan -**

<http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/dancingboys/view/> – Sobre o submundo de prostituição de garotos no Afeganistão, uma situação lamentável, que requer atenção da comunidade internacional.

**For the Bible tells me so** – Daniel G. Karslake, EUA, 2007, 95min.

### **Inside Story – The silent victims of rape -**

<http://www.aljazeera.com/programmes/insidestory/2011/07/2011728101626315380.html> – Sobre violência sexual praticada em massa contra homens na África, especialmente no Congo.

**Muito Além do Cidadão Kane** (*Beyond Citizen Kane*) – Simon Hartog, EUA, 1993 (TV), 93min.

**O Poder do Mito.** Joseph Campbell. EUA, 1988 (TV), 474min.

**Thrive (2011)** - Steve Gagné / Kimberly Carter Gamble, EUA, 2011, 132min.

**Zeitgeist – Addendum** – Peter Joseph, EUA, 2008, 123min.

**Zeitgeist – Moving Forward** – Peter Joseph, EUA, 2011, 201min.

**Zeitgeist – The Movie** – Peter Joseph, EUA, 2007, 118min.

## **MÚSICAS**

- **Blá Blá Blá** – Lobão
- **Blues da Piedade** – Cazusa
- **Boate Azul** – Joaquim e Manoel
- **Boys don't cry** – The Cure
- **Canalha** – Walter Franco

- **Dancing Queen** – Abba
- **Daniel** – Elton John
- **Daniel na cova dos leões** – Legião Urbana
- **Disseram que eu voltei americanizada** – Ná Ozzetti
- **Drão** – Gilberto Gil
- **Enola Gay** – OMD
- **Esotérico** – Gilberto Gil
- **Eu gosto de mulher** – Ultraje a Rigor
- **Eu quero é botar meu bloco na rua** – Sérgio Sampaio
- **Eu, você e a praça** – Odair José
- **Folhetim** – Gal Costa
- **Freedom** – George Michael
- **Fuck You** – Lilly Allen
- **Funk da Monga** – Mc Zé Will & Mc Astrô
- **Geni e o Zepelim** – Chico Buarque
- **Girls just wanna have fun** – Cyndi Lauper
- **Go West** – Pet Shop Boys
- **He-Man** – Trem da Alegria
- **Holiday foi muito** – Falcão
- **I am what I am** – Gloria Gaynor
- **I want to break free** – Queen
- **I will survive** – Cake
- **I'm waiting for my man** – Velvet Underground
- **In the navy** – Village People
- **Índigo Blue** – Gilberto Gil
- **It's raining men** – The Weather Girls
- **Losing my religion** – R.E.M.
- **Love to love you** – Donna Summer
- **Macho Man** – Village People

- **Maurício** – Legião Urbana
- **Meninos e Meninas** – Legião Urbana
- **Meu amigo Pedro** – Raul Seixas
- **Mulheres** – Martinho da Vila
- **Não tenha medo não** – Sérgio Sampaio
- **Not gonna get us** – T.a.T.U
- **O namorado da viúva** – Jorge Ben Jor
- **Pobre meu pai** – Sérgio Sampaio
- **Over the rainbow** – Judy Garland
- **Quando acabar o maluco sou eu** – Raul Seixas
- **Quase sem querer** – Legião Urbana
- **Rebel Rebel** – David Bowie
- **River Phoenix** – Milton Nascimento
- **Robocop Gay** – Mamonas Assassinas
- **Rock das Aranha** – Raul Seixas
- **Rubens** – Cássia Eller
- **Sabor de Burrice** – Tom Zé
- **Satellite of Love** – Lou Reed
- **She-Ha** – Xuxa
- **So many men, so little time** – Miquel Brown
- **Solo Tu** – Aventura
- **Som de Cristal** – Joaquim e Manoel
- **Super-Homem, A Canção** – Gilberto Gil
- **Teresinha** – Chico Buarque
- **Tigresa** – Gal Costa
- **Velha roupa colorida** – Belchior
- **Viver do amor** – Chico Buarque
- **Vou comer o cu do Freud** – Solange Tô Aberta
- **Wake me up before you go-go** – Wham

- **Walk on the wild side** – Lou Reed
- **We are family** – Sister Sledge
- **William it was really nothing** – The Smiths
- **Y.M.C.A** – Village People
- **You make me feel mighty real** – Sylvester
- **You've got to hide your love away** – The Beatles

## Capítulo 23 - Glossário de LGBTês



Pois é, até nisso o Brasil nos reserva surpresas: quem iria imaginar que a **língua de gueto**, por assim dizer, empregada por grande parte da população brasileira (especialmente os de mais baixa renda) iria ser uma mescla de **português com iorubá e nagô**?

É isso mesmo: existem muitas palavras de uso corrente em nossa língua (derivada de línguas africanas, indígenas e europeias) que são utilizadas como **jargão** (ou identidade linguística) LGBT todos os dias, em todo o Brasil. O nome desse conjunto de gírias mistas é **Pajubá, Bajubá, Endaca** ou **Bat**, dependendo da região.

O fato de muitos cabeleireiros, modelos e estilistas empregarem as palavras do Pajubá facilita a sua **incorporação gradual** à esfera comum de nossa sociedade, e hoje expressões como “dar a Elza” ou “a loka” não estão mais confinadas em boates e guetos.

Abaixo segue uma modesta compilação de termos, que não substituirá uma pesquisa mais dedicada de quem porventura se interesse por essa língua/linguagem. Eles foram retirados da internet, de livros e pesquisas de campo realizadas nos maravilhosos depositórios sociolinguísticos ao alcance de todos os brasileiros, especialmente, neste caso: Salvador, Rio de Janeiro e Brasília.

- **Abduzida** – pessoa cega de paixão.
- **Adé** – gay, viado.
- **Adé fontó** – gay enrustido.
- **Ajé** – péssimo.
- **Ajeum** – comida, alimento.
- **Alibã** – policial.
- **Alibete** – roubo, furto, dar a Elza.
- **Aló** – lésbica.
- **Amadê** – menino jovem.
- **Amapô** ou **Amapoa** – mulher; vagina.
- **Amapoa de bajé** – mulher menstruada.
- **Ana Cláudia** – adora andar grudada nos gays. Pode ser Maria Purpurina ou não.
  - **Angélica** (RJ) – taxi.
  - **Aqüé** – dinheiro.
  - **Aqüendar** – ver, olhar, prestar atenção, flertar, pegar, agilizar, esconder, fazer.
    - **Aqüirí** – bofe.
    - **Arô** – dinheiro.
    - **Babado** – fofoca ou novidade; bafo ou bafão.
    - **Bas fond** – qualquer fofoca, boa ou ruim. O mesmo que “babado” ou bafão.
      - **Bafo** – sinônimo de alguma coisa boa.
      - **Bafão** – fofoca, confusão, festa, evento extrapolante ou escândalo.
    - **Bajé** – menstruação.
    - **Barroca** – mulher velha.
    - **Baticum** – festa com música; balada.
    - **Beréré** – lixo (pessoa ou coisa).
    - **Bia** – ponta de cigarro.

- **Biba** – gay.
- **Bibita** – pênis pequeno.
- **Bofe** – homem bonito, atraente.
- **Bolacha** – lésbica.
- **Cafuçú** – homem.
- **Carimbo** – DST.
- **Carão** – fazer pose.
- **Carupé** – cabelo ou peruca.
- **Chanan** – cigarro.
- **Cherokee** – lésbica masculina, o mesmo que “caminhoneira”.
- **Coió** – bater em alguém, ou xingar. Também “levar coió” (apanhar).
  - **Cona** – de “maricona”.
  - **Cossibotó** – gay analfabeto ou ignorante.
  - **Cossibaré** – burro, idiota.
  - **Cuã** – casa, lar, apartamento.
  - **Dar close** – dar pinta, chamar a atenção.
  - **Dar a Elza** – roubar.
  - **Dar o truque** – expressão usada para quando se disfarça algo ou foge de alguma situação.
  - **Dendaca** – sexo anal.
  - **Dum** (dumdum) – pessoa negra, homem negro.
  - **Ebó** – oferenda; comida, prato.
  - **Edí** – ânus.
  - **Egípcia** (fazer a) – olhar de canto; fingir que não viu; encarar, fitar.
    - **Elê** – casa.
    - **Enrustido** – dentro do armário, ou em negação.
    - **Entendido** – do meio LGBT, ou seja, gay ou afim.
    - **Erê** – criança. Também usado para gays muito jovens, ou que se

comportam de modo infantil.

- **Fervo** – ferveção, festa, agito, balada, evento divertido.
- **GDC** – gay de cabeça.
- **GDF** – gay de fato.
- **Ilê** – casa.
- **Lady** – bastante afeminado; fina.
- **Laquaqua** – pênis grande.
- **Laruê** – fofoca.
- **Leba** – vagina.
- **Lontra** – urso magro. Homem esguio e peludo.
- **Lorogum** – briga.
- **Mara** – maravilhoso, muito bom.
- **Maria Purpurina** – mulher que é vidrada em ficar com gays ou que sente prazer em seduzir homossexuais.
- **Maricona** – homem homossexual com mais de 50 anos.
- **Margarete** (PE) – gay que mente muito.
- **Mati** (ou matim) – pequeno.
- **Mitorô** – urinar.
- **Mona** – mulher ou homossexual afeminado. Em Portugal, significa “cabeça”; em espanhol significa “macaca” ou, na gíria, “pessoa bonita”.
- **Mona-Ocó** – literalmente “mulher-homem”. Usado para michês, gays másculos e lésbicas masculinizadas.
- **Neca** – órgão sexual masculino, pênis.
- **Nefertite** (SP) – o mesmo que tia.
- **Nena** – fezes.
- **Neuza** – gay descendente de japoneses. Variação: pessoa muito feia.
- **Ocani** – pênis.
- **Ocó** – homem heterossexual.

- **Odara** – grande; bonito, elegante, cheio de vida.
- **Ofófi** – fedor.
- **Ofófi do ofidã** – mau cheiro dos órgãos sexuais masculinos.
- **Omivará** – esperma.
- **Oré** – garotão.
- **Orum** – o céu, o firmamento.
- **Otchim** – bebida alcoólica.
- **Outing** – (*inglês*) ato de sair do armário; saída; assunção; exteriorização. Pronuncia-se /áutchin/
  - **Oxó** – preservativo.
  - **Pão-com-ovo** – pessoa considerada pobre, ignorante, sem classe ou sem graça, usando roupas feias e bregas.
  - **Passar cheque** – quem passa suja o ocani de nena.
  - **Padê** – cocaína.
  - **Pajobá** – boquiaberta, surpresa, espantada.
  - **Picumã** – cabelo.
  - **Pintosa** – homem homossexual feminino.
  - **Racha** – órgão sexual feminino; mulher.
  - **Ramé** – mal-vestido; com roupas feias.
  - **Sandalinha** – forma carinhosa, muito mais simpática do que “sapatão”: lésbicas chiques, finas, delicadinhas.
    - **Sofá da Hebe** (DF) – lugar de encontro, para conversar, fofocar e flertar... Dizem que a expressão surgiu em Maceió, por conta de um banco redondo que ficava perto dos sete coqueiros, onde o pessoal marcava para ver quem ia entrar na nave da Xuxa (!?)
  - **Taba** – maconha.
  - **Tabaca** – vagina.
  - **Tchuca** (chuca) – enema.
  - **Tia** – 1) sinônimo de cona ou maricona, bicha velha; 2) HIV: “Fulano tá com a tia”.
  - **Tia Cleide** (RJ) – apelido para camburão.

- **Tô passada!** – expressão de espanto, surpresa, choque.
- **Uó** – tudo que é ruim, feio, desagradável.
- **Xepó** – brega, cafona, *démodé*.
- **Zoraide** – aquela que faz a linha mística, esotérica, metida a bruxa ou clarividente.

Especificamente sobre o Pajubá e seu papel na inclusão e na formação de identidades, é muito esclarecedor o artigo do Prof. Astor Vieira Júnior sobre a **sociolinguística** de negros e homossexuais no Brasil.<sup>23</sup>

---

23. JÚNIOR, A.V. “A língua como resistência: uma tentativa sociolinguística de compreensão das linguagens de negros e homossexuais no Brasil”, disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/070/70vieirajr.htm>

## Capítulo 24 - Países, políticas e direitos LGBT



As políticas sobre direitos das comunidades reunidas sob a sigla LGBT **variam grandemente** em cada parte do mundo.

As reivindicações básicas dos ativistas vão desde o essencial direito à vida e à liberdade até: direito de integridade física e social, direitos civis (como casamento e união estável), direito a tratamento médico em respeito à identidade sexual da pessoa, uso de nome social revisado para transexuais, entre outros.

E dentre as penalidades ainda aplicadas e previstas por várias culturas, até hoje encontramos: pena de morte, apedrejamento, enforcamento, fuzilamento, estupro “para correção moral”, etc. Portanto, **a questão é muito delicada**, e exige o melhor de nossa atenção.

Vamos conhecer, rapidamente, algumas das cenas contemporâneas:<sup>24</sup>

PAÍS	POLÍTICA VIGENTE (2012)
ÁFRICA DO SUL	Todos os direitos são assegurados. Há casamento igualitário, adoção; pode-se servir às forças armadas, há garantias de livre expressão. Existem leis que proíbem discriminação anti-gays.
ARÁBIA SAUDITA	Pena de morte.
ARGENTINA	Todos os direitos garantidos e assegurados, tendo sido, em 2010, o primeiro país da América Latina a reconhecer o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.

AUSTRÁLIA	Reconhece a união civil e os direitos de livre expressão, tem leis contra discriminação, mas o casamento igualitário ainda não é um direito.
BÉLGICA	Todos os direitos garantidos.
BENIN	Os atos são legais, mas o casamento não é reconhecido.
BRASIL	O direito à União Estável entre casais do mesmo sexo foi assegurado pela decisão do Supremo Tribunal Federal em 2011. Há homicídios, homofobia e preconceito, apesar das leis vigentes e dos esforços para aprovar o PLC 122/2006.
CANADÁ	Todos os direitos reconhecidos e assegurados, inclusive mudança de sexo.
CHINA	Não há leis de proteção nem anti-discriminação ou de identidade de gênero e expressão. Casamentos e relacionamentos não são reconhecidos. Atos homossexuais são legais desde 1997.
CORÉIA DO NORTE	Prisão em campos de concentração. Nenhum direito assegurado, muito pelo contrário.
COSTA RICA	Não reconhece o casamento nem os relacionamentos, mas aceita atos homossexuais e tem leis contra a discriminação.
EMIRADOS ÁRABES	Pena de morte ou deportação (exílio).
ERITREA	De 3 a 10 anos de prisão.
ESPANHA	Todos os direitos garantidos.
EUA	Direitos variam conforme os Estados.
FRANÇA	União civil sim, casamento não. Adoção só para gays solteiros. Bane discriminações anti-gays.

HOLANDA	Todos os direitos garantidos. Em 2001, tornou-se o primeiro país do mundo a legalizar casamentos entre homoafetivos.
IRÃ	Homossexuais são punidos com pena de morte: apedrejamento, forca, corte por espada ou sendo jogados de um penhasco. Há, todavia, a opção/obrigação de se fazer a cirurgia de mudança de sexo para “corrigir” o problema...
ISLÂNDIA	Todos os direitos garantidos, banindo todas as discriminações anti-gays. É desmilitarizada, não possui forças armadas.
JAMAICA	Legal para mulheres, a homossexualidade masculina é punida com 10 anos de trabalho pesado!
JAPÃO	Não reconhece casamentos mas admite serviço nas forças armadas. Tem leis anti-discriminação e permite cirurgia para mudança de gênero.
LÍBIA	Até 5 anos de prisão.
MARROCOS	Prisão de 6 meses a 3 anos.
MAURITÂNIA	Pena de morte.
MÉXICO	Todos os direitos são reconhecidos, pelo menos na Cidade do México, exceto o de servir às forças armadas.
MYANMAR	De 10 anos a prisão perpétua.
NORUEGA	Todos os direitos garantidos.
PARAGUAY	Não pune, mas também não protege. Adoção não é permitida, e o casamento gay é proibido constitucionalmente.
PORTUGAL	Todos os direitos assegurados, exceto adoção por casal. Homossexuais solteiros podem adotar.
RÚSSIA	Atos homossexuais são legais desde 1993 (assim como o foram de

	1917 a 1930) e homossexuais assumidos podem servir às forças armadas, mas no mais não há proteção, reconhecimento ou garantias. Leis recentes aprovadas em São Petersburgo proíbem o que chamam de “propaganda gay”, indicando fortíssima tendência à intolerância e à criminalização das expressões de homoafetividade.
SAMOA	Possui um terceiro gênero, os “ <i>Fa’afafine</i> ” (“à maneira de mulher”), parte integrante e importante da cultura tradicional daquelas ilhas.
SUDÃO	Cinco anos de prisão ou pena de morte.
SUÉCIA	Todos os direitos garantidos.
TURQUIA	Atos homossexuais são aceitos, mas os gays são chamados de doentes mentais, sendo portanto inaptos ao serviço militar.
URUGUAY	Todos os direitos assegurados, e há leis contra a discriminação.
VIETNÃ	Nunca houve uma lei que penalizava a homossexualidade. Não há casamento igualitário, e não há informações precisas sobre outros direitos.

24. Fonte:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Legisla%C3%A7%C3%A3o\\_sobre\\_a\\_homossexualidade\\_no\\_mundo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Legisla%C3%A7%C3%A3o_sobre_a_homossexualidade_no_mundo)

## Capítulo 25 - Legislação internacional sobre direitos LGBT



Um marco importantíssimo no campo dos direitos LGBT foi a elaboração dos **Princípios de Yogyakarta**, que são o detalhamento dos Direitos Humanos aplicados às comunidades-alvo, seguido de recomendações extras para dar margem de referência e estabelecer definições básicas que permitam assegurar a ampla compreensão e aceitação do fenômeno da diversidade sexual.

A íntegra do documento pode ser conferida no endereço: [http://www.yogyakartaprinciples.org/principles\\_en.pdf](http://www.yogyakartaprinciples.org/principles_en.pdf) (original em inglês, mas há diversas traduções).

O texto detalha os seguintes direitos:

Direito ao usufruto universal dos direitos humanos; direito à igualdade e à não discriminação; direito de ser reconhecido perante a lei; direito à vida; direito à segurança da pessoa; direito à privacidade; direito à liberdade e a não ser preso de modo arbitrário; direito a um julgamento justo; direito de ser tratado com humanidade quando em detenção; direito de não sofrer punição ou tratamento degradante, desumano ou cruel; direito a não ser torturado; direito de ser protegido contra todas as formas de exploração, venda ou tráfico humanos; direito ao trabalho; direito à segurança social e outros meios de amparo; direito à moradia e a um padrão adequado de vida; direito à educação; direito de gozar de boa saúde e de ser protegido contra abusos médicos; liberdade de opinião e expressão; direito de reunir-se para fins de assembleia e associação pacíficas; liberdade de pensamento, religião e consciência; liberdade de movimento; liberdade para buscar asilo político;

direito de fundar uma família; direito de participar da vida pública; direito à promoção dos direitos humanos; acesso a remédios eficientes; direito de ser digno de confiança.

Ele serve de **diretrizes** tanto para a ONU quanto para Governos diversos e foi escrito por 29 especialistas em Direitos Humanos Internacionais, provenientes de 25 países. Dentre os membros, destacam-se *experts* da ONU em diversas frentes, juízes, acadêmicos, defensores e ativistas. Foi lançado em março de 2007, em Genebra.

A representante brasileira foi a pesquisadora Profa. Dra. Sonia Onufer Corrêa, membro da ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS.

Conhecer este documento é um passo importante do caminho para que você **EXERÇA seus direitos, ao exigir veementemente que Estado implemente aquilo com que se comprometeu**, ou seja, que cumpra de imediato e integralmente os acordos internacionais anteriormente assinados sobre direitos humanos.

Outro passo de extrema importância para a consolidação de nossa democracia é, em âmbito nacional, o atual processo (moroso, pois reiteradamente sabotado pelos conservadores) de tramitação do **Projeto de Lei da Câmara (PLC) número 122/2006**, proposto pela então deputada Iara Bernardi (PT-SP), que objetiva a *criminalizar* a homofobia no país.

Entre trâmites que parecem infinitos, por último o Projeto ia ser votado em 8 de dezembro de 2011, mas a votação acabou por ser adiada. Agora aguardamos a realização de uma Audiência Pública para discutir a matéria.

O texto **equipara crimes de homofobia a crimes de racismo e discriminação** por nacionalidade ou religião. É muitas vezes comparado a outras vitórias dos direitos civis no Brasil, tais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o Estatuto do Idoso e a Lei Maria da Penha.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> O projeto PLC 122/2006 está integralmente disponível em:  
<http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getPDF.asp?t=45607>

## Palavras finais



Como podemos perceber a partir dos capítulos anteriores, precisaremos ainda avançar muito até transformarmos nossos princípios em realidades globais. Nesta luta, **a conscientização é a melhor arma**. E as toneladas de mentiras que nós homens contamos (uns para os outros e para nós mesmos) são apenas um modo tolo de disfarçar nossa insegurança, nosso medo infantil de perder o amor.

Falando de verdade, ninguém engana ninguém, não é mesmo? Veja como você se sente depois de tudo isso. Melhorou um pouco? Deu pra esclarecer alguma coisa? Você está menos aflito? Mais seguro? Que bom, tomara que sim!

**Ficamos amadurecidos pela jornada**, e agora já não precisamos mais de Teseu nem de contos de fadas. **Este carretel de linha acaba bem aqui, mas a vida continua**. Você é a peça principal deste grande quebra-cabeça.

Boa sorte no seu processo, e tenha **ENTUSIASMO**: pense, analise, pondere, decante, sedimente, concentre, tente, meça, teste, experimente-se, viva! Ouse: abra seu coração, permita-se sentir suas emoções. Tome posse de si mesmo! É seu direito mais fundamental o de viver a própria vida.

No fundo, todas as respostas estão lá onde sempre estiveram, no seu mundo interior, à espera de um pouquinho da sua atenção e do seu carinho.

Este guia é apenas mais um pedacinho de vidro no grande

caleidoscópio da vida, um brinquedinho para que você [se] reflita. Seu raio de cores pode até não resolver nada, mas também não cega. E sua melodia poderá, com sorte, ressoar até transmutar alguns de nossos limites mais arraigados.

Confie, meu amigo, pois, como diria Virgílio,

“O amor tudo vence.”

**“OMNIA VINCIT AMOR”**

## **Tesão de Amigo (Música Sertaneja)**

– Para Diadorim –

Eu acho que estraguei tudo  
quando peguei na sua perna  
desculpe, amigo querido,  
eu fui fraco e não resisti,  
eu fui franco e não desisti,  
fui inteiro, sem jamais persistir.  
Aquela aura de encanto  
erotizou-se de nova vida  
onda que dá medo  
abismos de dentro  
embalados por umbigos sedentos  
de amor e de espelho,  
querido amigo,  
de amor por você existir.  
Desculpe amigo porque  
toquei o seu pé com meu calcanhar  
pra sentir o seu calor,  
seus pelos, sua pele, seu suor,  
mesmo por um minutinho,  
(eu tava carente)  
mas foi tão desesperado  
que de assalto me confundi  
em timidez imediata  
me fechei, nem quis lhe ver,

que vergonha, ah,  
esse tesão por você!  
Mas a vida derruba as fichas,  
com o tempo vamos nos ver  
e aí eu vou me controlar  
até você pedir o meu abraaaaaaço.

## Sobre o autor

Wilian Fernandes Pereira é escritor, bacharel em filosofia pela Universidade de Campinas (Unicamp, 2002) e autor dos livros: *Discurso Vazio: pequeno manual prático de como e por que tornar-se imediatamente louco* (Brasília, Thesaurus, 2008) e *Por Acaso ou Por Destino: ficção filosófica de múltipla escolha* (idem). É também autor da versão inglesa do livro-jogo, *By Chance or By Destiny: a gamebook for children, teenagers and adults* (Delhi: Timeless Books, 2010) e da coletânea *Self-Portraitor: antologia quase poética* (Delhi: Edição do autor, 2010). Tem experiência editorial nos âmbitos acadêmicos, privados e governamentais.

Blogueiro desde 2002 e escrevendo informalmente desde 1990, já trabalhou de: vendedor de autopeças, lixeiro na Disney, produtor cultural, professor de idiomas, assistente de produção, fotógrafo de eventos, representante comercial e servidor público. Também curte gerência de projetos, editoração e linguística, cinema, música e viajar. É admirador do Twitter e das ciências, religiões e filosofias.

Leva uma vida besta e interiorana na capital do Brasil, alternando cuidados básicos com a saúde, trabalhos diversos e todas essas coisas idiotas, simples e maravilhosas que constituem nossas vidas individuais: rotinas, amigos, hobbies, obrigações, compromissos, relacionamentos e tentativas de ser saudável e feliz.

# Ficha Técnica

Copyright © 2012 Wilian Fernandes Pereira.

Ilustrações © 2012 Caio de Lucena Paixão.

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total, por meios físicos ou eletrônicos. É permitida a reprodução parcial, desde que para fins exclusivamente educacionais, devendo-se citar a fonte. Quaisquer outros termos devem ser permitidos, por escrito, pela Editora ou pelo autor.

**Contato:** livrosdoze@gmail.com

**Twitter:** <http://twitter.com/thezewill>

**Capa:** Carlos Henrique Magalhães de Lima

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Joana França

**Ilustrações e Tratamento de Imagens:** Caio de Lucena Paixão

**Revisão:** Lisieux Marie Amorim da Silva

# Sumário

[Advertência ao Leitor](#)3

[Agradecimentos](#)7

[Dedicatória](#)9

[Prefácio](#)11

[Apresentação](#)17

[Capítulo 1 – No princípio, era uma vez](#)23

[Capítulo 2 – O que eu tenho a ver com isso?](#)27

[Capítulo 3 – Pra que serve este livro?](#)35

[Capítulo 4 – Você é \[também\] um animal](#)39

[Capítulo 5 – Regras de Comportamento](#)47

[Capítulo 6 – Como nos tornamos miseráveis?](#)55

[Capítulo 7 – Anatomia do armário](#)67

[Capítulo 8 – Todo mundo tem armário?](#)73

[Capítulo 9 – O que você tem no armário?](#)81

[Capítulo 10 – Como cada um de nós entrou no armário?](#)85

[Capítulo 11 – Fantasmas de família](#)91

[Capítulo 12 – Ovelha negra ou ovelha rosa da família?](#)97

[Capítulo 13 – Vá procurar tua turma!](#)105

[Capítulo 14 – Saindo do labirinto](#)135

[Capítulo 15 – Papéis sexuais: tabu dentro de tabu](#)141

[Capítulo 16 – Promiscuidade: mito ou efeito colateral?](#)151

[Capítulo 17 – Ambientes gays](#)159

[Capítulo 18 – Site de relacionamento funciona?](#)179

[Capítulo 19 – Curiosidade não mata, mas pode ferir bastante](#)191

[Capítulo 20 – Qual o tamanho do documento?](#)201

[Capítulo 21 – Como e por que sair do armário?](#)209

[Capítulo 22 – Você precisa de ajuda? Onde encontrar.](#)219

[Capítulo 23 – Glossário de LGBTês](#)233

[Capítulo 24 – Países, políticas e direitos LGBT](#)241

[Capítulo 25 – Legislação internacional sobre direitos LGBT](#)247

[Palavras finais](#)251

[Tesão de Amigo \(Música Sertaneja\)](#)253

[Sobre o autor](#)255